

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

REUBER CÔGO DALTIO


NOSTALGIA DAS ORIGENS PERFEITAS:  
FAMÍLIA CRISTÃ CATÓLICA E ESTUDOS DE GÊNERO NO PONTIFICADO DE  
FRANCISCO

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 18/02/2021.

Vitória-ES  
2020

REUBER CÔGO DALTIO

NOSTALGIA DAS ORIGENS PERFEITAS:  
FAMÍLIA CRISTÃ CATÓLICA E ESTUDOS DE GÊNERO NO PONTIFICADO DE  
FRANCISCO



Trabalho de Conclusão de Curso na forma de  
Dissertação de Mestrado Profissional como  
requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade  
Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação  
em Ciências das Religiões. Área de  
Concentração: Religião e Sociedade. Linha de  
Atuação: Religião e Esfera pública.

Orientadora: Claudete Beise Ulrich

Vitória-ES  
2020

Daltio, Reuber Côgo

Nostalgia das origens perfeitas / Família cristã católica e estudos de gênero no Pontificado de Francisco / Reuber Côgo Daltio. -- Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2020.

vi, 96 f. ; 31 cm.

Orientador: Claudete Beise Ulrich

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2020.

Referências bibliográficas: f. 84-96

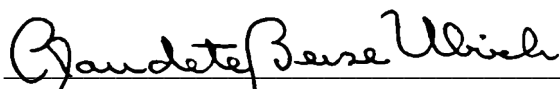
1. Ciência da religião. 2. Religião e esfera pública. 3. Igreja Católica.  
4. Papa Francisco. 5. Ideologia de gênero. 6. Estudos de gênero. - Tese. I. Reuber Côgo Daltio. II. Faculdade Unida de Vitória, 2020. III. Título.

REUBER CÔGO DALTIO

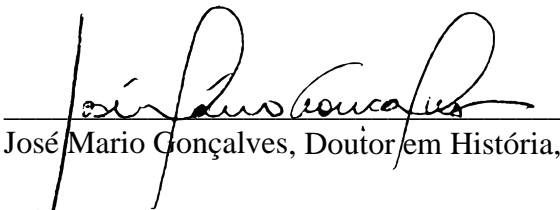
NOSTALGIA DAS ORIGENS PERFEITAS:  
FAMÍLIA CRISTÃ CATÓLICA E ESTUDOS DE GÊNERO NO PONTIFICADO DE  
FRANCISCO

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de  
Dissertação de Mestrado Profissional como  
requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade  
Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação  
em Ciências das Religiões. Área de  
Concentração: Religião e Sociedade. Linha de  
Atuação: Religião e Espaço Público.

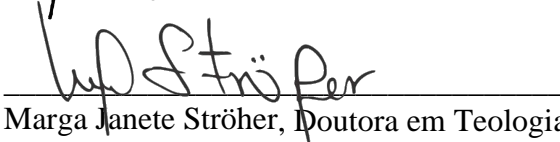
Data: 18 fev. 2021.



Claudete Beise Ulrich, Doutora em Teologia, UNIDA (presidente).



José Mario Gonçalves, Doutor em História, UNIDA.

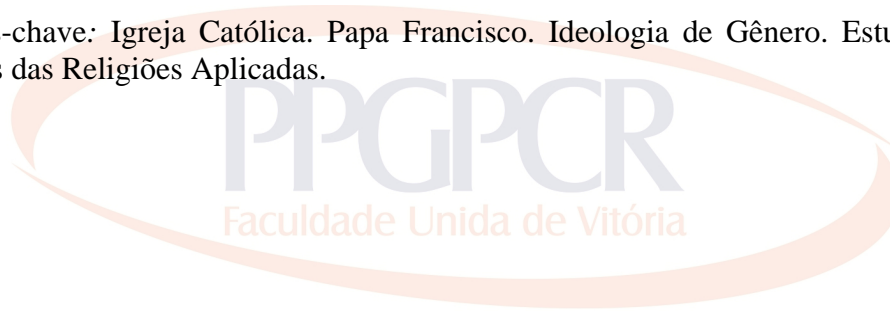


Marga Janete Ströher, Doutora em Teologia.

## RESUMO

Esta dissertação visa apresentar a criação e disseminação da terminologia *ideologia de gênero* pela hierarquia da Igreja Católica, sobretudo no Pontificado do Papa Francisco, para combater os Estudos de Gêneros propostos pelos movimentos e filosofias feministas que visam total mudança dos padrões patriarcais, androcêntricos e heteronormativos histórica e culturalmente constituídos. Estes ecos do catolicismo constituem uma verdadeira *cruzada* cuja violência está para além da logomaquia, ao contrário, influencia políticas públicas em desfavor das mulheres e minorias LGBTQI+, em seus direitos democráticos. Analisar-se-á, por meio dos documentos pontifícios e das Conferências Episcopais, o discurso religioso da Igreja Católica que apresenta a natureza e a biologia como determinantes para defender o binarismo de gênero e o matrimônio somente entre o homem e a mulher para constituição da família. Com o aporte dos Estudos de Gênero e a utilização de diversas outras matizes científicas, é possível conceber e acolher outras formas de constituição familiar que não somente heterossexuais, como já acontece em muitos países, mesmo de maioria cristã ou católica. Com isso, quer-se promover uma conscientização da necessidade da própria discussão sobre o gênero para promover a aceitação, acolhida e inclusão das diferenças onde a Igreja Católica Romana preferiu a omissão.

Palavras-chave: Igreja Católica. Papa Francisco. Ideologia de Gênero. Estudos de Gênero. Ciências das Religiões Aplicadas.



## ABSTRACT

*This dissertation aims to present the creation and dissemination of gender ideology terminology by the Catholic Church hierarchy, particularly in the Pontificate of Pope Francis, to combat Gender Theory proposed by feminist movements and philosophies that aim at a total change of patriarchal, androcentric, and heteronormative patterns historically and culturally constituted. These echoes of Catholicism constitute a true crusade whose violence is beyond the logomachy; on the contrary, it influences public policies to disadvantage women and LGBTQI+ minorities in their democratic rights. The Catholic Church's religious discourse that presents nature and biology as determinants to defend gender binarism and marriage only between man and woman for the constitution of the family will be analyzed through pontifical documents and Episcopal Conferences. With the contribution of Gender Theory and various other scientific matrices, it is possible to conceive and welcome other forms of a family constitution, which are not only heterosexual as already happens in many countries, even the Christian or Catholic majority. Therefore, it is intended to promote an awareness of the need for the very discussion on gender to promote acceptance, welcoming, and inclusion of differences, where the Roman Catholic Church preferred omission.*

*Keywords: Catholic Church. Pope Francis. Gender Ideology. Gender Theory. Applied Religion Sciences.*



PPGPCR  
Faculdade Unida de Vitória

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 <i>ELE OS CRIOU: HOMEM E MULHER</i> – O GÊNERO NO GÊNESIS.....	12
1.1 O gênero e a família a partir do catolicismo tradicional.....	13
1.2 O Gênero e a <i>natureza</i> humana .....	20
1.3 A <i>sacralização</i> da Família na <i>Amoris Laetitia</i> do Papa Francisco.....	26
2 EM BUSCA DAS <i>ORIGENS PERFEITAS</i> – CRÍTICA DAS IDEOLOGIAS.....	36
2.1 Dos Estudos de Gênero à <i>Ideologia de Gênero</i> .....	36
2.2 Gênero e <i>cultura humana</i> : críticas das ideologias.....	45
2.3 Gênero e Estado laico brasileiro: políticas públicas de minorias e diversidade.....	51
3 NÃO SE NASCE MULHER, TORNA-SE MULHER – A GÊNESE DO GÊNERO.....	57
3.1 A revolução feminista: o princípio .....	57
3.2 Gênero: uma categoria analítica para uma transformação cultural .....	63
3.3 Uma leitura teológica do Gênero na ótica feminista .....	69
CONCLUSÃO.....	78
REFERÊNCIAS .....	84

## INTRODUÇÃO

A motivação para este opúsculo surgiu de uma inquietação acerca da impossibilidade de o gênero feminino participar das decisões importantes dentro da hierarquia da Igreja Católica Romana, da qual, como presbítero – padre, o autor faz parte. O autor é membro de uma Congregação Religiosa Masculina denominada *Milícia de Cristo*. Uma teóloga freira, certa vez, numa defesa exagerada que o autor fazia às rubricas do missal romano, quanto aos ritos, afirmou que ele fazia parte do machismo hierárquico da Igreja que detém a faculdade de dizer *sim ou não* amparado nas próprias leis que fabricam para se manter no poder. De fato, nunca o poder masculino foi tão visível e justificável quanto na Igreja Católica. Identificar como esse poder cercou e cerceia os gêneros faz parte desta pesquisa.

Sem sombra de dúvidas, o Pontificado do Papa Francisco será um divisor de águas na história da Igreja Católica Apostólica Romana, sobretudo na sua prática pastoral. Enquanto João XXIII e Paulo VI (canonizados pelo mesmo Papa Francisco), com o Concílio Vaticano II, abriram as “janelas”<sup>1</sup> da Igreja para a maior renovação eclesial do século XX, o Papa Francisco inaugurou uma Igreja de “portas abertas” contra estruturas caducas incapazes de acolhimento e, ao mesmo tempo, uma “Igreja em saída” para as “periferias existenciais”<sup>2</sup>, uma Igreja que vai ao encontro dos que sofrem quaisquer formas de injustiças, conflitos e carências. Uma aproximação aos pobres e miseráveis, migrantes e refugiados, idosos e doentes, ameaçados e injustiçados (principalmente com a *tolerância zero* em relação ao abuso de crianças e adolescentes por parte do clero)<sup>3</sup> e até, para surpresa e *assombro* de alguns, a aproximação dos *gays*, lésbicas e transexuais opondo-se consideravelmente aos preconceitos religiosos historicamente construídos.<sup>4</sup>

Suas exortações e atitudes reverberam em toda a Igreja: nas Conferências Episcopais e nas Dioceses; paróquias e comunidades; faculdades e universidades Católicas envolvendo

<sup>1</sup> SOUZA, Ney de; GOMES, Edgar da Silva. Os Papas do Vaticano II e o diálogo com a sociedade contemporânea. *Teocomunicação*, v. 44, n. 1, p. 5-27, 2014. p. 10. [pdf].

<sup>2</sup> Os termos “portas abertas”, “Igreja em saída” e “periferias existenciais” são palavras chaves da primeira Exortação Apostólica do Papa Francisco sobre o Anúncio do Evangelho e uma amostra de como quer ser o Pontificado do Papa argentino (acolhimento interno, estado permanente de missão, descentralização e destinação preferencial do anúncio aos mais sofridos). In: FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica “Evangelii Gaudium”*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2013. [n. p.]. [online].

<sup>3</sup> Com uma carta apostólica em forma de *motu próprio*, o Papa suspenderá de ordens, destituirá dos cargos ou mesmo reduzirá ao estado leigo, Bispos, Eparcas ou Superiores Maiores que negligenciarem diligências acobertando casos de crime de pedofilia ou abuso de vulneráveis. In: FRANCISCO, Papa. “*Lettera Apostolica in forma di Motu Proprio: come una madre amorevole*”. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2016. [n. p.]. [online].

<sup>4</sup> LIMA, Luis Corrêa. Os LGBT e o pontificado de Francisco. *Perspectiva teológica*, Belo Horizonte, v. 48, n. 1, p. 117-143, 2016. p. 118. [pdf].



seus teólogos e teólogas e, principalmente, a mídia mundial; todos parecem de olhos e ouvidos atentos ao chefe da denominação religiosa de mais de 1,3 bilhão de fiéis<sup>5</sup>. Segundo a BBC, “Francisco imprimiu à conservadora instituição (Igreja) uma personalidade mais carismática, além de se envolver em questões mundiais urgentes”<sup>6</sup>. A defesa da família frente ao capitalismo, temas de ecologia e cuidado da Terra, a promoção da paz entre os povos, o acolhimento aos refugiados, o alerta sobre crise migratória e até mesmo a retomada das relações diplomáticas entre Estados Unidos e Cuba são-lhe atribuídas.<sup>7</sup>

Porém, mesmo com a teologia católica com pretensão diálogo com a comunidade científica - diálogo este sancionado e incentivado pelo seu atual pontificado<sup>8</sup>- o amadurecimento de algumas temáticas não encontrou a mesma abertura. Temáticas como o matrimônio do clero ocidental, a ascensão hierárquica da mulher, a sacramentalidade da união de pessoas do mesmo sexo e a aceitação do aborto voluntário parecem, para este Pontificado, muros intransponíveis. Isso se pôde notar na “cruzada”<sup>9</sup> levantada pelos católicos romanos, em diversas Conferências Episcopais, contra a *Gender Theory* (Os Estudos de Gênero). Esta temática tem sido, de modo especial, duramente combatida nos textos da hierarquia eclesial, na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia* e nas catequeses e pronunciamentos do atual Papa por ser altamente perniciosa à Família.<sup>10</sup> As Conferências Episcopais e a hierarquia, em muitos países, incluindo o Brasil, seguem este discurso e produzem intenso material combativo ao que chamam *ideologia de gênero* e influenciam até mesmo as políticas públicas.

As eleições para as executivas e legislativas estaduais e nacionais no Brasil são um caso notório da influência do discurso religioso. O atual presidente da República Federativa do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, eleito pelo PSL (Partido Social Liberal – de tendência ultra-conservadora) e, atualmente, sem partido político, impulsionou sua candidatura utilizando-se de uma campanha aberta contra a *ideologia de gênero* nas escolas, acusando o seu oponente (Fernando Haddad do Partido dos Trabalhadores – PT) até mesmo de distribuir

<sup>5</sup> Segundo o Anuário Estatístico da Igreja católica de 2016, os católicos batizados somam 1.299.000, um aumento de 1,1 % em relação a 2015. VATICAN NEWS. [Site institucional]. *O Anuário Pontifício 2018 e o Annuarium Statisticum Ecclesiae*, Cidade do Vaticano, 17 de junho de 2018. [n. p.]. [online].

<sup>6</sup> VEIGA, Edison. O legado dos cinco primeiros anos de Francisco, o Papa que desceu do trono. In: BBC NEWS BRASIL. São Paulo, 12 mar. 2018. [n. p.]. [online].

<sup>7</sup> VEIGA, 2018, [n. p.].

<sup>8</sup> FRANCISCO, 2013. [n. p.].

<sup>9</sup> Termo medieval cunhado no Concílio de Clermont, convocado pelo Papa Urbano II, que designava a luta dos cristãos para recuperar a Terra Santa (Jerusalém) em poder do Islã. Devem ser vistas como expressão de fé. In: MATOS, Henrique Cristiano José de. *Introdução à história da Igreja*. Belo Horizonte: O Lutador, 1987. p. 87.

<sup>10</sup> LIMA, Luís Correia. Estudos de Gênero versus Ideologia: desafios da teologia. *Mandrágora*, v. 21, n. 2, p. 89-112, 2015. p. 92. [pdf].

um *Kit Gay* (fato negado pelo Ministério da Educação) para influenciar crianças, na escola, a alterar a sua sexualidade.<sup>11</sup>

Para essa *cruzada*, o Padre Paulo Ricardo de Azevedo Júnior<sup>12</sup>, da Igreja Católica Romana, movimentou a internet em seu site *Christo Nihil Preponere*, convocando toda a sociedade cristã a mobilizar-se contra uma *agenda de gênero*. Este termo *agenda de gênero* foi cunhado a partir da tradução do livro de Dale O’Leary<sup>13</sup> sobre o qual o padre Paulo Ricardo se debruça para levantar a bandeira contra a tal *ideologia de gênero*, e que tem por objetivo, segundo ele, a total desconstrução da família tradicional, segundo princípios marxistas metodicamente planejados desde as Conferências Internacionais sobre a População do Cairo (1994) e a Conferência Mundial da Mulher em Pequim (1995) firmando-se nas bases das filosofias feministas.<sup>14</sup>

Mesmo que, para as teóricas feministas, como as filósofas Judith Butler<sup>15</sup> e Joan Scott<sup>16</sup>, só para citar as autoras mais conhecidas desta área, ainda não se possa falar de uma compreensão “unânime e unívoca do significado de gênero até porque se trata de uma categoria em aberto [...] despolitizada e, por isso, inofensiva à ordem hegemônica”<sup>17</sup>, parece pairar sobre o catolicismo, em tempos de Francisco, um temor todo especial.<sup>18</sup> O que motiva esta *cruzada* católica da hierarquia e fiéis contra os Estudos de Gênero? Estes estudos seriam uma revolução antropológica que poria em risco o valor inviolável da família cristã católica.

<sup>11</sup> ROMANCINI, Richard. Do “Kit Gay” ao “Monitor da Doutrinação”: a reação conservadora no Brasil. *Contracampo*, Niterói, v. 37, n. 02, p. 87-108, 2018. p. 97. [pdf].

<sup>12</sup> Presbítero católico da Arquidiocese de Cuiabá – MT, Padre Paulo Ricardo de Azevedo Júnior ingressou no seminário em 1985 e foi ordenado sacerdote, no dia 14 de junho de 1992, pelo Papa João Paulo II. Licenciado em Filosofia pelas Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso, em Campo Grande/MS, tornou-se bacharel em Teologia e mestre em Direito Canônico pela Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma. Foi membro do Conselho Internacional de Catequese da Santa Sé. ECCLESIAE. [Site institucional]. *Pe. Paulo Ricardo: biografia*. [s.d.]. [n. p.]. [online].

<sup>13</sup> O’LEARY, Dale. *The gender agenda: redefining equality*. Vital Issues Press: Lousiana, 1997. p. 4.

<sup>14</sup> SILVEIRA, Emerson José Sena. Padres conservadores em armas: o discurso público da guerra cultural entre católicos. *Reflexão*. Campinas, v. 43, n. 2, p. 289-309, jul./dez. 2018. p. 299. [pdf].

<sup>15</sup> Judith Butler, professora de retórica e literatura comparada na Universidade da Califórnia em Berkeley, transita por diversas áreas (psicanálise, teorias feministas, gays e lésbicas, e o pensamento pós-estruturalista) para problematizar a identidade, revelando-a provisória e em constante reconstrução. ROCHA, Cássio Bruno Araújo. Um pequeno guia aos conceitos, aos pensamentos e à obra de Judith Butler. *Cadernos Pagu*. Campinas, n. 43, p. 507-516, jul./dez. 2014. p. 508. [pdf].

<sup>16</sup> Joan Wallach Scott é professora da Escola de Ciências Sociais do Instituto de altos Estudos de Princeton, Nova Jersey. É especialista na história do movimento operário no século XIX e do feminismo na França. É, sem dúvida, uma das mais importantes teóricas sobre o uso da categoria gênero em história. SCOTT, Joan W. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. 2. ed. Recife: S.O.S. Corpo, 1995. [contracapa]. [pdf].

<sup>17</sup> SANTOS, Naira Pinheiro dos; COELHO, Fernanda Maria Feitosa. A mobilização católica contra a “ideologia de gênero” nas tramitações do plano nacional de educação brasileiro. *Religare*, Paraíba, v. 13, n. 1, p. 27-48, 2016. p. 29. [pdf].

<sup>18</sup> TOLDY, Teresa; HENRIQUES, Fernanda; UBIETA, Carmen Bernabé. A “ideologia de gênero” da Igreja Católica. *Exaequo*, Portugal, n. 37, p. 9-17, 2018. p. 9. [pdf].

Seria possível descobrir alternativas para um diálogo entre estes dois campos para a construção de um mundo tolerante, sobretudo a partir de teologias feministas católicas?

Para tentar responder a estas indagações vamos, no primeiro capítulo, apresentar a interpretação católica da narrativa da criação, utilizada no discurso religioso da *Teologia do Corpo* do Papa João Paulo II, continuada por Bento XVI e, agora, por Francisco, sobretudo na Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* sobre a natureza e a missão da Família Cristã. Esta interpretação utiliza-se da *lei natural*, também presente em textos não canônicos como na filosofia grega, e finda por *sacralizar* o modelo de Família surgido do matrimônio entre o gênero masculino e feminino (homem e mulher).

No segundo capítulo, trataremos questões de como o Pontificado de Francisco e a Igreja Católica Romana criaram a expressão *ideologia de gênero* para travar a aplicação de políticas públicas de minorias e diversidades. Essa terminologia foi absorvida pelos discursos das denominações evangélicas, pentecostais e neopentecostais e tiveram grande impacto na política dos Estados. O discurso religioso, associando os Estudos de Gênero à uma ideologia a ser combatida, exonera-se do cuidado de estudá-lo provocando assim um desconhecimento e um preconceito que passa a ser assimilado pelo senso comum. As próprias teóricas dos Estudos de Gênero compreendem que o gênero ainda é um conceito *em construção* e não merecia toda esta politização adversa, pois é uma constatação da real situação de muitas pessoas que, por sua condição, sofrem violência ou discriminação de gênero. As mulheres e o movimento feminista são as primeiras a levantar a bandeira contra o preconceito do machismo historicamente constituído e sustentado pelo discurso patriarcal. Este discurso utilizado nos cultos religiosos cria hierarquização dos membros e baseia-se na interpretação unilateral da própria Bíblia.

A ação de políticos religiosos, nesse contexto, hierarquiza cidadãos e cidadãs, relegando a todo aquele e aquela que não vive com o que é colocado como *natural* a ausência do reconhecimento e proteção do Estado e, portanto, privando-os de direitos plenos e contrariando os princípios de uma democracia real e da laicidade. Nesse sentido, o retrocesso das discussões que envolveram o PNE 2014-2024 constitui novas formas de obstaculização desses mesmos direitos e, portanto, prolonga a discriminação das chamadas minorias, inclusive com o apoio da população dominante, que pela proximidade de sentido, não se percebe (em diferentes fatores e níveis de exclusão, interseccionalmente) participante das hierarquias e da realidade de gênero.<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> COELHO, Fernanda Marina Feitosa. Ideologia de gênero: os porquês e suas consequências no contexto do Plano Nacional de Educação Brasileiro 2014-2024. *Mandrágora*, v. 23. n. 2, 2017, p. 275. [pdf].

Enfim, o capítulo terceiro trará à tona uma novidade sobre o conceito de família, ao apresentar uma novidade do conceito do próprio ser humano, a partir da revolução feminista desde Simone de Beauvoir até as pensadoras, filósofas e teólogas mais contemporâneas, como Joan Scott, Judith Butler, Marilena Chauí e Ivone Gebara e que contrapõe todo arcabouço do discurso religioso tradicional acerca do gênero que desenvolveu a *Gender Theory* ou os *Estudos de Gênero*.

Ao se propor um acurado estudo das *ideologias* presentes tanto de um lado como de outro, tentar-se-á desmistificar o senso comum que, marcado e dominado por um discurso de medo, utilizado pelos líderes católicos, deixa de enriquecer-se com um instrumento de acolhimento do diferente (alteridade). A denúncia das injustiças sociais e das violências e a fomentação dos Direitos Humanos e ainda ao respeito mútuos são muito caros aos teóricos e às teóricas dos Estudos de Gênero e do feminismo e se fazem imprescindíveis para o equilíbrio de um Estado democrático de direito e laico.

Para alguns defensores do Estado laico e secular, aquilo que esperava Voltaire, ao citar Jean Meslier, quando afirmou que “o ser humano só será realmente livre quando o último rei for enforcado nas tripas do último padre”<sup>20</sup>, é metaforicamente o inevitável para o fim do controle privilegiado, androcêntrico, heteronormativo e patriarcal da religião e moral católica (e cristã ocidental) sobre o “segundo sexo”<sup>21</sup>.

Esta dissertação se propõe a pesquisar similarmente a Anthony Favier<sup>22</sup> que, em território francês, perguntava-se “se os estudos de gênero fazem problema ao Catolicismo ou são particularmente reveladores daquilo que faz problema para o Catolicismo?”<sup>23</sup>, porém essa pesquisa revelará resultados humildemente tupiniquins.

---

<sup>20</sup> PIVA, Paulo Jonas de Lima. Ateísmo e comunismo: o lugar de Jean Meslier na filosofia política das luzes. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*. v. 7, n. 2, p. 99-107, 2005. p. 102. [pdf].

<sup>21</sup> Referência à obra de Simone de Beauvoir. BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo II: a experiência vivida*. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

<sup>22</sup> Jovem doutor em história e professor da Academia de Creteil na França cujo eixo de atuação é sobre religião e gênero. LARHRA [Site institucional]. Anthony Favier. [s.d.]. [n. p.]. [online].

<sup>23</sup> ROSADO-NUNES, Maria José Fontenela. A “ideologia de gênero” na discussão do PNE: a intervenção da hierarquia católica. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 13, n. 39, p. 1237-1260, 2015. p. 1238. [pdf].

## 1 ELE OS CRIOU: HOMEM E MULHER – O GÊNERO NO GÊNESIS

As Narrativas da Criação contidas no primeiro livro da Bíblia chamado Gênesis que, em grego, significa *origens* sempre foram revestidas de um simbolismo todo especial. Pintada por grandes artistas, inclusive na sala mais famosa do Vaticano, a Capela Sistina, por Michelângelo, a criação do mundo em *sete dias*; do homem e da mulher, na narrativa sacerdotal<sup>24</sup> ou mesmo a criação de Adão e Eva e sua *queda* na narrativa javista<sup>25</sup>, não significaram somente alegorias bíblicas, elas legitimaram todo um arcabouço discursivo acerca do binarismo *homem/mulher* que alimentou, segundo o filósofo e historiador Leandro Karnal, o maior, mais antigo e deveras mais perverso preconceito histórico: a misoginia.

O preconceito contra a mulher, a misoginia, é sólido e universal. É o preconceito mais antigo, estruturado e danoso de todos... no caso do preconceito contra as mulheres, ele nasce de uma necessidade de afirmar o papel psicológico do homem, de um falocentrismo [...] que precisa excluir a mulher da autoestima.<sup>26</sup>

Historicamente, a Igreja Católica Romana exaltou as Narrativas da Criação para legitimar uma conotação sexual mantenedora de desigualdade, numa relação privilegiada e hierarquizada do masculino em detrimento do feminino e que, segundo o Papa Francisco e toda a teologia da Igreja Católica Romana, é a base antropológica da família tradicional, fundada a partir da lei natural e da diferenciação dos sexos como vemos a seguir:

Outro desafio surge de várias formas duma ideologia genericamente chamada *gender*, que nega a diferença e a reciprocidade natural de homem e mulher. Prevê uma sociedade sem diferenças de sexo, e esvazia a base antropológica da família [...] não caímos no pecado de pretender substituímos ao Criador. Somos criaturas, não somos onipotentes. A criação precede-nos e deve ser recebida como um dom. Ao mesmo tempo, somos chamados a guardar a nossa humanidade, e isto significa, antes de tudo, ceita-la e respeitá-la como ela foi criada.<sup>27</sup>

<sup>24</sup> O documento sacerdotal foi composto durante o exílio em Babilônia, no século VI a.C. Obra dos círculos sacerdotais saídos de Jerusalém, profundamente marcados pela situação do exílio, esse documento usa também as tradições antigas, dando-lhes uma nova interpretação e delas tirando luz para esclarecer uma situação difícil. Uma de suas características é a imbricação das leis nas narrações. Gn 1,1-2,4a são inseridas nas narrações duas leis: a da fecundidade e dominação (1,28) e a do sábado (2,3), esta diretamente ligada a Deus e não a um ciclo de estações. In: BRIEND, Jacques. *Uma leitura do Pentateuco*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 8,71.

<sup>25</sup> O documento javista foi escrito no fim do século X a.C., na segunda metade do reinado de Salomão. Ele se apoia em suas tradições orais ou em textos escritos. Esta obra judaica (porque escrita no reino de Judá) reflete, em parte, os ideais da corte de Jerusalém. O ciclo das origens (Gn 2-11) explica antecipadamente que todos os povos da terra têm necessidade de bênção. A bênção, cinco vezes mencionada em Gn 12,1-3, corresponde à maldição cinco vezes mencionada em Gn 2,1-11, onde são sucessivamente amaldiçoados por Deus a serpente, o solo, Caim e Canaã. BRIEND, 1985, p. 8,18-19.

<sup>26</sup> KARNAL, Leandro. *Todos contra todos: o ódio nosso de cada dia*. Rio de Janeiro: LeYa, 2017. p. 51.

<sup>27</sup> FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica pós-sinodal "Amoris Laetitia"*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2016. p. 48-49. [pdf].

Vamos apresentar como a Igreja Católica Romana, principalmente a partir dos escritos mais tradicionais do catolicismo – e estes muitas vezes vêm das mãos dos próprios líderes supremos, os papas – apresenta conceitualmente *a família*, pois é justamente este conceito, baseado numa suposta lei divina e natural, e, portanto, *perfeita*, como o Deus cristão católico, de inspiração bíblica, ou seja teológica e espiritual, a partir do conteúdo da fé dos crentes, é que vai cristalizar o binarismo *homem/mulher* e subjugar historicamente o segundo em detrimento do primeiro, como observa a filósofa e teóloga Ivone Gebara:

As referências masculinas sempre tiveram a ver com a afirmação de um ‘mundo perfeito, de um homem perfeito e de uma mulher perfeita’[...] que acabaram desvalorizando os seres infinitos e limitados que somos [...] a simbologia religiosa cristã que construímos ao longo de séculos e que se mostrou tanto na literatura e na arte religiosa e nas instituições foi objeto de constante educação de nossas emoções [...] o feminino nas suas diferentes expressões aparece como secundário, emanado do masculino, dependente do masculino ou ainda absorvido pelo masculino. E mesmo que se dêem interpretações mais feministas dos valores humanos, as referências masculinas continuam fundadoras e fundamentais no contexto patriarcal.<sup>28</sup>

### 1.1 O gênero e a família a partir do catolicismo tradicional

Para apresentar o que há de mais tradicional e consolidado no conceito de gênero e família no catolicismo, vamos iniciar pelo Catecismo da Igreja Católica Romana, pois o catecismo e o Código de Direito Canônico são *discursos sobre discursos* de compêndios epistemológicos que se baseiam na Bíblia para dar-lhes uma autoridade divina definitiva.

A comunidade conjugal está fundada sobre o consentimento dos esposos. O matrimônio e a família estão *ordenados* para o bem dos esposos e para a procriação e educação dos filhos. Um homem e uma mulher, unidos em matrimônio, formam com os seus filhos uma família. Esta *disposição* precede todo e qualquer reconhecimento por parte da autoridade pública e impõe-se a ela. Ao criar o homem e a mulher, Deus *instituiu* a família humana e dotou-a da sua constituição fundamental. Os seus membros são pessoas iguais em dignidade. Para o bem comum dos seus membros e da sociedade, a família implica uma diversidade de responsabilidades, de direitos e de deveres. A família cristã é uma comunhão de pessoas, vestígio e imagem da comunhão do Pai e do Filho, no Espírito Santo. A sua atividade procriadora e educativa é o reflexo da obra criadora do Pai. A família é a célula originária da vida social. É ela a sociedade *natural* em que o homem e a mulher são chamados ao dom de si no amor e no dom da vida. A autoridade, a estabilidade e a vida de relações no seio da família constituem os fundamentos da liberdade, da segurança, da fraternidade no seio da sociedade. A família deve ser ajudada e defendida por medidas sociais apropriadas. Nos casos em que as famílias não estiverem em condições de cumprir as suas funções, os outros corpos sociais têm o dever de ajudá-las e de amparar a instituição familiar.<sup>29</sup>

<sup>28</sup> GEBARA, Ivone. *Mulheres, religião e poder: ensaios feministas*. São Paulo: Terceira Via, 2017. p. 65-66.

<sup>29</sup> CATECISMO da Igreja Católica: edição típica vaticana. São Paulo: Loyola, 2000.p. 575-577. [grifo nosso]

Todos estes aforismos do catecismo acerca da natureza e missão da família no Catecismo da Igreja Católica aparecem na sequência da reflexão sobre os dez mandamentos, no caso específico o quarto mandamento: “Honra pai e mãe, a fim de prolongares os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te vai dar” (Ex. 20, 12). Segundo o Catecismo, citando um trecho bíblico, foi o próprio Jesus quem lembrou a força deste *mandamento de Deus* quando foi submisso aos seus pais, no Evangelho de Lucas (Lc. 2,51), além de apresentar o ensinamento de Paulo em uma de suas cartas: “Filhos, obedecei aos vossos pais, no Senhor, pois é isso que é justo. ‘Honra pai e mãe’ – tal é o primeiro mandamento, com uma promessa ‘para que sejas feliz e gozes de longa vida sobre a terra’” (Ef. 6, 1-3). As palavras ordenadas, disposição, instituiu e natural grifadas, na citação acima, sugerem certa secularização do conceito familiar apresentado que, superando um discurso de conteúdo teológico, quer catequizar até mesmo o laicismo da sociedade, chamada e conclamada a defender a família, ou seja, este modelo cristão católico de família (que também encontra eco em outras denominações não-católicas): nascida do matrimônio heterossexual, dito indissolúvel, voltada para a procriação e a educação cristã da prole e com a divisão dos sexos socialmente estruturada.

O matrimônio será o fundamento da família e como tal deverá, junto à instituição que funda ser preservado, pois nessas instituições está o início da catequese católica, a vida da Igreja Católica Romana, onde acontece a transmissão dos valores cristãos e dos primeiros sacramentos, a saber: o batismo, a eucaristia e a crisma. E, por conseguinte, todo e qualquer obstáculo a esta *ordenação natural* será condenado e combatido pela mesma Igreja: o adultério, o divórcio, a poligamia, o incesto, os abusos sexuais, as uniões livres<sup>30</sup>.

O Código de Direito Canônico apresenta, como o discurso religioso, a índole *natural* do matrimônio cristão. Este Código regula todas as ações de clérigos e leigos na Igreja Católica Romana. Ele é interessante do ponto de vista que não cita a Bíblia, mas está nela amparado. É um Código de conduta moral e espiritual que legisla as ações dessa Igreja.

A aliança matrimonial, pela qual o homem e mulher constituem entre si uma comunhão de vida toda, é ordenada por sua índole natural ao bem dos cônjuges e à geração e educação da prole, e foi elevada, entre os batizados, à dignidade de sacramento.<sup>31</sup>

<sup>30</sup> CATECISMO, 2000, p. 616-619.

<sup>31</sup> CÓDIGO de Direito Canônico. São Paulo: Loyola, 1983. p. 465.

Os documentos do Concílio Vaticano II, o grande Concílio realizado no fim do século XX, com a finalidade de apresentar uma nova Igreja Católica Romana para um mundo moderno, também reforça a finalidade e a natureza do matrimônio e os esposos, homem e mulher, serão felizes se cumprirem assim a obra do Criador.

O matrimônio e o amor conjugal ordenam-se por sua própria natureza à geração e educação da prole. Os filhos são, sem dúvida, o maior dom do matrimônio e contribuem muito para o bem dos próprios pais. O mesmo Deus que disse ‘não é bom que o homem esteja só’ (Gên. 2,88) e que ‘desde a origem fez o homem varão e mulher’<sup>32</sup> (Mt. 19,14), querendo comunicar-lhe uma participação especial na Sua obra criadora, abençoou o homem e a mulher dizendo: ‘sede fecundos e multiplicai-vos’ (Gên. 1,28). Por isso, o autêntico cultivo do amor conjugal, e toda a vida familiar que dele nasce, sem pôr de lado os outros fins do matrimônio, tendem a que os esposos, com fortaleza de ânimo, estejam dispostos a colaborar com o amor do criador e salvador, que por meio deles aumenta cada dia mais e enriquece a sua família.[...]Os esposos sabem que têm o dever de transmitir e educar a vida humana - dever que deve ser considerado como a sua missão específica - eles são os cooperadores do amor de Deus criador e como que os seus intérpretes. Desempenhar-se-ão, portanto, desta missão com a sua responsabilidade humana e cristã; com um respeito cheio de docilidade para com Deus, de comum acordo e com esforço comum, formarão retamente a própria consciência, tendo em conta o seu bem próprio e o dos filhos já nascidos ou que prevêm virão a nascer, sabendo ver as condições de tempo e da própria situação e tendo, finalmente, em consideração o bem da comunidade familiar, da sociedade temporal e da própria Igreja.<sup>33</sup>

Os Papas do fim século XX e início XXI (João XXIII, Paulo VI, João Paulo I, João Paulo II, Bento XVI e Francisco), em seus escritos, não inovaram a interpretação da Igreja acerca do matrimônio, apesar de muitos teólogos já terem escrito sobre as novas formas de agregados familiares que destoam, em muito, do modelo tradicional. O Bispo jesuíta, Pedro Calderan Beltran, na década de 1970, já escrevia artigos até ousados sobre a realidade da família cristã e responde às indagações sobre futuro das instituições família e matrimônio, com uma perspectiva que saltam do modelo perseguido pela Igreja Católica Romana, ou seja, bem distante de uma realidade indissolúvel:

<sup>32</sup> Interessante a explicação de Santo Isidoro de Sevilha ao explicar a etimologia “varão e mulher”: “Um homem é chamado Vir porque existe mais valor (*virtus*) nele do que na mulher. Daí também ele obtém o nome coragem ou, ainda mais, porque ele governa suas mulheres por força (*vi*). Mulier, a Mulher, é derivada de ‘fraqueza’, uma vez que ‘mollior’ (mais fraco), com uma letra suprimida ou mudada, torna-se ‘mulier’. Elas são diferenciadas do homem tanto em coragem quanto em imbecilidade do corpo. O homem tem maior capacidade, mulher, menor, com a finalidade de que ela deve se submeter a ele: i. e., a fim de que, com as mulheres sendo difíceis nisso, a luxúria não deva compelir os homens a procurar em outro lugar e se prostituir com outro sexo. Ela é chamada ‘mulier’ devido à sua feminilidade e não por causa da sua fraqueza em ter a sua castidade corrompida, porque a palavra do Espírito Santo é: ‘E Eva foi subitamente feita da parte do lado do seu homem’. Não pelo contato com o homem ela é chamada ‘mulier’. As Escrituras dizem: ‘E ele (Deus) a formou em uma mulher”. In: FONSECA, Pedro Carlos Lozada. Aportes da misoginia na tradição ocidental: de Aristóteles a São Tomás de Aquino, do paganismo ao cristianismo, a sempre derogada falência do feminino. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA (SILEL), II, 2011, Uberlândia. *Anais...* v. 2, Uberlândia: UDUFU, 2011. p. 1-6. p. 4. [pdf].

<sup>33</sup> CONSTITUIÇÃO Pastoral *Gaudium Et Spes*: sobre a Igreja no mundo atual. In: VATICAN [Site institucional]. [s.d.]. [n. p.]. [grifo nosso].



[...]nem o matrimônio nem a família morrerão, num futuro previsível, mas assumirão formas diversas, eventualmente até bizarras: serão, provavelmente, não só ainda mais móveis, mas quase com certeza, ‘modulares’[...]milhões de homens e mulheres adotam hoje uma estratégia que lhes parece razoável e conservadora. Em vez de optarem por um tipo bizarro de família, casam-se convencionalmente, tentam fazer com que o seu matrimônio ‘resulte’, e depois, quando os caminhos dos cônjuges se afastam, para além de um limite aceitável, divorciam-se ou separam-se.<sup>34</sup>

Para o Bispo jesuíta, vários movimentos, além do próprio capitalismo, foram responsáveis pela crise da *família nuclear*, ou seja, pai, mãe e filhos e com papéis distintos para cada segmento<sup>35</sup>. Ao responder por que os jovens acham enfadonho viver (constituir) uma família, ele responde que eles são influenciados por outras estruturas alternativas, “sobretudo por ideologias, sejam elas anárquicas, socialistas ou feministas”<sup>36</sup>. Também aponta para uma necessidade de reinterpretarmos os papéis de gênero, a partir da cultura e não da natureza.

Que as instituições matrimonial e familiar e que os ancestrais papéis feminino e masculino sejam um fato *natural* ou um fato *cultural* eis uma das questões fundamentais, - mesmo para a atitude perante o futuro -, sobre as quais parece não existir um acordo de base entre os nossos contemporâneos, talvez porque não foram ainda suficientemente aclarados os conceitos de *natureza* e de *cultura*, e menos ainda das relações entre uma e outra. É com demasiada frequência que se identificam *natural* e *biológico*, e se esquece que o *cultural* pertence eminentemente à natureza do ser racional, quer se trate do homem quer da mulher.<sup>37</sup>

Este artigo do Bispo Beltran, publicado numa revista de amplo espectro teológico, ainda ousou uma perspectiva moderna de gênero. À pergunta sobre os papéis que o masculino e o feminino e quais as relações que o homem e mulher terão no futuro, o bispo responde: “Tudo parece indicar que se continuará a trilhar o caminho da igualdade. Para já, reconhece-se amplamente que o homem e a mulher são seres humanos iguais, embora não idênticos; na realidade, porém, demasiado frequentemente os homens são mais ‘iguais’ que as mulheres”<sup>38</sup>.

É fato que a história da Igreja Católica Romana em seu arcabouço discursivo, que moldou a sua teologia e em sua hierarquia, não incluiu as mulheres e sempre legou a elas papéis minoritários e até preconceituosos. Já na Patrística, a misoginia era um dado visível. Agostinho de Hipona (354-430 d.C.), em sua explicação literal sobre o livro do Gênesis,

<sup>34</sup> BELTRAN, Pedro Calderan. Homem e mulher na família de amanhã. *Perspectiva Teológica*. v. 7, n. 13, p. 207-229, 1975.p. 215. [pdf].

<sup>35</sup> BELTRAN, 1975, p. 210.

<sup>36</sup> BELTRAN, 1975, p. 219.

<sup>37</sup> BELTRAN, 1975, p. 215. [grifo do texto].

<sup>38</sup> BELTRAN, 1975, p. 227.

citando Paulo, chega a dizer que a mulher não foi criada para a glória de Deus, ao contrário ela está em função da glorificação do homem (macho).

Alguns fizeram esta conjectura: que por estas palavras foi feito o homem interior, mas o corpo o foi depois quando a Escritura disse: E formou Deus o homem com o limo da terra (Gn. 1,22), de tal modo que o dito fez refere-se ao espírito, e a palavra formou diz respeito ao corpo. Não se dão conta de que o homem e a mulher só podiam ser feitos quanto ao corpo. Pois, ainda que se afirme engenhosamente que a mente do homem, pela qual foi feito à imagem de Deus, e que é uma certa vida racional, divide-se entre a verdade da contemplação eterna e o governo das coisas temporais, vindo a ser assim como o homem e a mulher, aquele aconselhando, esta obedecendo, entretanto, nessa divisão não se diz com propriedade imagem de Deus, senão o que adere à verdade incomutável para contemplá-la. Falando a este respeito em figura, o apóstolo Paulo diz que somente o homem é imagem e glória de Deus, e que a mulher, continua ele, é glória do homem (1 Cor 11,7). Por isso, ainda que isso se encontre figurado nos dois seres humanos de sexo diferente segundo o corpo, entende-se também na única mente do ser humano. A mulher, que é mulher só no corpo, renova-se também no espírito de sua mente no conhecimento de Deus conforme a imagem daquele que a criou, na qual não há homem ou mulher. Assim como as mulheres não estão excluídas desta graça de renovação e de restauração da imagem de Deus, ainda que no sexo do corpo delas esteja figurada outra coisa, pela qual se diz que apenas o homem é imagem e glória de Deus, assim também naquela primeira criação do homem, segundo a qual a mulher era também homem, ela também foi feita à imagem de Deus, pois tinha mente própria e do mesmo modo racional. Mas, devido à unidade da união foi dito: Deus fez o homem à imagem de Deus (Gn. 1,27). E para que ninguém pense que foi feito somente o espírito do homem, embora ele fosse feito à imagem de Deus apenas segundo o espírito, foi dito: possibilitando a interpretação de que então o corpo foi também criado, Ele o fez homem e mulher (Gn. 1,27). Além disso, para que ninguém julgasse que foi criado de tal modo que num só homem estivessem incluídos os dois sexos, assim como algumas vezes nascem os que se denominam andróginos, mostra que afirmou o número singular devido à unidade da união, e porque a mulher foi criada do homem, como depois ficará claro, quando o que aqui foi dito em poucas palavras, começar a ser explicado com mais pormenores. Por isso, em seguida acrescentou o número plural, dizendo: Ele os fez e os abençoou (Gn. 1,28).<sup>39</sup>

Epifânio de Salamina (310 -403 d.C.), por exemplo, tinha uma visão muito torpe do corpo humano: “O homem da cintura para cima é voltado para Deus e da cintura para baixo é voltado para o diabo. A mulher, porventura, tanto da cintura para cima quanto da cintura para baixo é voltada para o diabo, logo, a mulher é voltada para o diabo ‘ao quadrado’”<sup>40</sup>. Outros teólogos da Igreja Católica na idade antiga e medieval seguiram este mesmo cabedal misógino em seus escritos. De Tertuliano a Tomás de Aquino<sup>41</sup>, o feminino foram tratados como débil,

<sup>39</sup> SANTO AGOSTINHO. *Comentário ao Gênesis*. Livro III, Capítulo XXII. São Paulo: Paulus, [s.d.]. p. 75-76. [pdf].

<sup>40</sup> SELONG, Gabriel. *Curiosidades da Patrística*. Vitória: IFTAV, 2006.p. 28.

<sup>41</sup> São Jerônimo (*Adversus Jovianum*): “o amor legado à mulher não só enterra a razão, como também se avizinha da loucura”; Santo Anselmo (*Monologium*): “o Pai e o Filho geram o Espírito e este só pode ser masculino, pois fornece a forma e o movimento enquanto o feminino, mãe, fornece a matéria”; São Tomás de Aquino (*Summa Theologiae* 1266-1272): “a mulher, por ser um ser deformado, não devia ter sido produzida na criação original das coisas, uma vez que nessa criação original tudo tinha sido criado de forma perfeita.

inferior e deformado até chegar a “ser objeto de um obsessivo processo de demonologização”<sup>42</sup> e que culminaria em uma perseguição contínua.

Dos Padres da Igreja Antiga e Medieval aos da Igreja Moderna e Contemporânea, apesar de profundas transformações no pensamento e na cultura, a epistemologia do gênero e das famílias não parece ter sido muito modificado. Apesar de o Papa João XXIII ter reconhecido a emancipação das mulheres como um dos sinais dos tempos da sociedade moderna na sua Encíclica *Pacem in Terris*<sup>43</sup>, “também é verdade que ainda estavam longe o reconhecimento e a assimilação cultural dos direitos das mulheres e da igualdade moral delas em relação aos homens”<sup>44</sup>.

A Igreja Católica Romana era – e ainda é – no momento uma das instituições reprodutoras do machismo patriarcal de maior visibilidade, pois a sua hierarquia é só composta por homens solteiros que sustentam e ostentam todos os cargos. Sobre este assunto, a escritora Maria Cecília Domezi<sup>45</sup> apresentou uma pesquisa que demonstra o quanto o lugar da mulher na Igreja ainda é bem subalterno, apesar de aparentes avanços do segundo concílio do Vaticano, como ela mesma relata:

Durante os quatro períodos do Concílio, os bispos do Brasil estiveram quase todos hospedados na antiga sede da ação católica feminina, a *Domus Mariae* [...] Éramos uma equipe de aspirantes, internas num colégio de religiosas, prontas para nos distribuímos nos altares da capela, a fim de ajudarmos nas missas os padres que faziam sua semana de retiro espiritual. Ajoelhadas atrás dos sacerdotes, respondíamos num latim decorado sem ser aprendido, porém tínhamos a consciência de trazer os fiéis através de nossa pessoa, e assim garantir a validade daquelas missas rezadas individual e simultaneamente [...] Não será exagero afirmar que muitas mulheres, desde suas bases eclesiais e sociais, pelos rincões do mundo viveram as dores de parto da nova consciência eclesial afirmada neste importante Concílio.<sup>46</sup>

Paulo VI causou bastante polêmica em sua primeira Encíclica ao criticar os avanços científicos de sua época que regulavam a procriação (métodos contraceptivos) na *Humanae Vitae*.<sup>47</sup> O Papa João Paulo II foi um dos líderes católicos que mais escreveu acerca das

---

Entretanto, a mulher participaria da indefectibilidade do plano geral da criação divina, apesar de condenada como responsável, por sua presunção, pela introdução do pecado original no mundo”. FONSECA, 2011, p. 2-3.

<sup>42</sup> FONSECA, 2011, p. 5.

<sup>43</sup> JOÃO XXIII. Papa. *Carta Encíclica “Pacem in terris”*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1963. [n. p.]. [online].

<sup>44</sup> DOMEZI, Maria Cecília. *Mulheres do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2016. p. 3.

<sup>45</sup> DOMEZI, 2016. p. 167.

<sup>46</sup> DOMEZI, 2016, p. 6.

<sup>47</sup> Queremos agora exprimir o nosso encorajamento aos homens de ciência, os quais ‘podem dar um contributo grande para o bem do matrimônio e da família e para a paz das consciências, se se esforçarem por esclarecer mais profundamente, com estudos convergentes, as diversas condições favoráveis a uma honesta regulação da procriação humana’. É para desejar muito particularmente que, segundo os votos já expressos pelo nosso

mulheres (mais de oito documentos importantes) e, apesar de uma aparente preocupação com o “gênio feminino”<sup>48</sup> e a sua dignidade enquanto pessoa, o papa apresentou somente o lugar que o seu pontificado, bem tradicional, esperava que ela ocupasse ou não ocupasse (no caso da *Ordenatio Sacerdotalis* uma carta Apostólica que proíbe o acesso das mulheres ao sacerdócio), exprimindo a força de um patriarcado que mantém seu poder a partir da sua elaboração normativa, como explica Perla Doneda:

Um primeiro aspecto perceptível nos documentos foi que: mulher e família se entrelaçam e são inseparáveis. A família é o eixo central do discurso religioso cristão, não só do catolicismo. A construção do papel da mulher cristã católica alicerça-se sob o discurso teológico masculino, no qual os desígnios femininos pautam-se conforme o plano de Deus, bem como a importância e o valor do matrimônio, como o sinal da salvação em Jesus. Portanto, é no matrimônio que se vive o amor, a solidariedade, o perdão, a misericórdia, a fraternidade, a partilha, a felicidade, a esperança e a fé.<sup>49</sup>

O discurso catequético e pastoral católico ainda aposta em sua tradição, manifestando pesar pelo sofrimento das famílias ditas *desestruturadas*, ou seja, que fogem ao modelo iniciado pelo matrimônio, porém apela para as *origens* a fim de salvaguardar valores cristãos. Ivone Gebara denuncia esse atraso do pensamento hierárquico masculino que insiste em perdurar, pois sustenta discursos patriarcais, arcaicos, heteronormativos e misóginos.

A organização hierárquica excludente de gênero denunciada pelo feminismo entrou de tal forma em nossa cultura que na maioria das vezes não nos damos conta de sua existência. Temos até a convicção de que tal hierarquia faz parte do que se poderia chamar de *essência* do cristianismo ou da natureza humana [...] as hierarquias masculinas se apresentam, sobretudo no mundo católico, como verdades imutáveis, fruto da vontade divina que deve ser considerada igualmente como imutável. Por isso, as autoridades da igreja católica assim como de igrejas evangélicas recusam introduzir quaisquer mudanças nesse sentido, visto que continuam acreditando no fundamento masculino da divindade cristã [...] Apresentam-se como protetores da família, das instituições democráticas, das instituições cristãs e até de Deus.<sup>50</sup>

---

predecessor Pio XII, a ciência médica consiga fornecer uma base suficientemente segura para a regulação dos nascimentos, fundada na observância dos ritmos naturais. Assim, os homens de ciência, e de modo especial os cientistas católicos, contribuirão para demonstrar que, como a Igreja ensina, ‘não pode haver contradição verdadeira entre as leis divinas que regem a transmissão da vida e as que favorecem o amor conjugal autêntico’. PAULO VI, Papa. *Carta Encíclica “Humanae Vitae” sobre a regulação da natalidade*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1968. [n. p.]. [online].

<sup>48</sup> Expressão usada na em um documento pontifício, talvez o mais importante acerca do gênero feminino, para falar da importância da mulher na igreja e no mundo. JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Apostólica “Mulieris Dignitatem” sobre a dignidade e vocação da mulher*. [S.l.]: Libreria Editrice Vaticana, 1988. [n. p.]. [online].

<sup>49</sup> DONEDA, Perla Cabral Duarte. As “mulheres” nos documentos do Papa João Paulo II: um modelo assimétrico ainda não superado. *Mandrágora*, v. 25, n. 1, p. 73-95, 2019, p. 77. [pdf].

<sup>50</sup> GEBARA, 2017, p. 66-67. [grifo do texto].

A Igreja Católica Romana sempre quis organizar regras básicas, ensinamentos sobre o modo de ser e de estar das famílias, usando uma suposta lei natural, que será objeto de estudo na seção seguinte, para legitimar seu discurso *sacralizado* na *vontade de Deus*. Porém, as famílias já não são mais as mesmas. Em âmbito eclesial, notar-se-á em todos os escritos que pensar em família é buscar um homem e uma mulher, unidos pelo casamento e cercados por filhos. Este modelo está em crise, a instituição familiar, porém, não. Vinte e cinco por cento dos lares dos brasileiros reúne até três gerações, geralmente sustentados pelos parentes mais velhos. Em metade dos lares no Brasil já não existe o modelo clássico, pai, mãe e filhos. O número de divórcios triplicou e o de matrimônios diminuiu consideravelmente, segundo o IBGE.<sup>51</sup>

Na seção seguinte, vamos nos debruçar sobre o conceito de natureza, muito caro ao catolicismo. Esse conceito, embasado na narrativa bíblica da criação do mundo, é peça fundamental do alicerce da teologia dogmática católica e sobre a teologia moral e sexual. Somente entendendo, como o discurso religioso pensa, poderemos entender as suas justificativas e propor, *mutatis mutandis*, novas reflexões e produzir sentidos, como para *vinho novo em odres novos* (Mc 2,22).

## 1.2 O Gênero e a natureza humana

A narrativa da criação do mundo, da natureza, do homem e da mulher (a ordem é proposital), como vimos nas produções discursivas catequéticas e teológicas católicas, apesar de ser um subproduto da cultura judaica, ainda hoje é apresentada como *lei natural*. “A lei natural tem um forte peso na teologia e no ensinamento da Igreja Católica Romana, como referência teórica imprescindível”<sup>52</sup>. Já vimos também que a Igreja Católica Romana considera a família como a primeira sociedade natural, indissolúvel e o homem e a mulher com vida sexual vinculada à procriação e com papéis distintos. E esta visão de família, marcada pelo *estoicismo*, torna a *lei natural* como paradigma para julgar os comportamentos morais e sexuais.

Os estoicos, por exemplo, são contrários às relações sexuais extraconjugais, e consolidam o propósito de que a atividade sexual tenha como finalidade exclusiva a procriação. Qualquer prazer, neste contexto, seria condescender com aquilo que

<sup>51</sup> FERREIRA, Paula. A nova família. In: REVISTA ÉPOCA, 23 dez. 2003. [n. p.]. [online].

<sup>52</sup> LIMA, Luís Correa. Estudos de gênero versus ideologia: desafios da teologia. *Mandrágora*, v. 21, n. 2, p. 89-112, 2015. p. 95. [pdf].

impede o domínio de si, com a paixão, inimiga da razão. *Vivere secundum naturam* significa realizar, com esforço individual, um princípio universal.<sup>53</sup>

A busca pela natureza (essência) do homem e das coisas já era uma interrogação de escolas filosóficas anteriores à fundação do cristianismo no Oriente Médio no tempo da dominação romana, de onde se originou a Igreja Católica Romana.<sup>54</sup> A filosofia grega ensinava que o ser humano nascia dotado de corpo e de alma (ambos inatos) e ensinava que o seu destino (movimento) era o bem, a felicidade, e que isto se daria no interior da *polis*(cidade). Ou seja, o ser humano, por natureza (pois nasceu assim e esse é o seu destino), através do aperfeiçoamento da alma intelectual (que seria o conhecimento de si, da própria alma e, por conseguinte da própria natureza), pela prática das virtudes, atingiria sua excelência moral (a prática do bem) e racional (a filosofia, o conhecimento). Essa era a *lei natural*, como lemos no livro da Física de Aristóteles:

Denomina-se natureza a primeira matéria que subjaz cada um dos que possuem em si mesmo princípio de movimento ou de mudança, mas, de outra maneira a natureza e a forma segundo a definição [...] Por conseguinte, de outra maneira, a natureza dos que possui em si mesmo princípio de movimento é a configuração e a forma, que não é separável a não ser em definição [...] E esta – a forma – é natureza mais do que a matéria, pois cada coisa encontra a sua denominação quando é efetivamente, mais do que é em potência.<sup>55</sup>

Ainda na Metafísica e ainda mais na Ética a Nicômaco<sup>56</sup>, Aristóteles, associa ao ser humano um sentido teleológico, ou seja, a natureza não seria somente o princípio, mas o fim, o acabamento perfeito para o qual as coisas e o ser humano tendem, envolvendo o conjunto de suas atividades e das propriedades para sua efetivação.<sup>57</sup> Também começa aqui certa relação entre natureza, substância e essência (forma, alma). Ou seja, a *natureza humana* seria composta das substâncias matéria e forma, sendo que a forma seria a essência, aquilo que torna o *ser humano* ele mesmo.

Esse aprimoramento humano que busca a perfeição da alma para a felicidade na *pólis*, encontrou no helenismo epicurista e estoíco um significado mais existencial. Com o Império

<sup>53</sup> ASSMANN, Selvino José. Estoicismo e helenização do cristianismo. *Revista de Ciências Humanas*. Santa Catarina, v. 11, n. 15, p. 24-38, 1994. p. 35. [pdf].

<sup>54</sup> Não é necessário marcar a origem do catolicismo como religião, mesmo porque este se confunde com o próprio cristianismo nascente. Interessante é ressaltar o ambiente (greco-romano) em que surgiu concomitantemente, o cristianismo e dentro dele o catolicismo: os primeiros séculos (I a IV d.C).

<sup>55</sup> ARISTÓTELES. *Física I e II*. Campinas: Unicamp, 2009. p. 44-45.

<sup>56</sup> Não é, pois, por natureza, nem contrariando a natureza que as virtudes se geram em nós. Diga-se, antes, que somos adaptados por natureza a recebê-las e nos tornamos perfeitos pelo hábito. ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 4.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. [n. p.]. [pdf].

<sup>57</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 199, 295, 303.

Romano em franca ascensão, a *pólis* cedeu lugar a *Cosmópolis*, ou seja, o vasto império e, tendo em vista a falência das cidades-estados, o pensamento platônico-aristotélico vai encontrando adaptações.

A cultura grega espraia-se, tornando-se patrimônio comum a todos os habitantes próximos ao Mediterrâneo, ao mesmo tempo em que surgem novos centros de atividade científica e filosófica, como Alexandria, e outra postura floresce: enfatiza-se a especialização no trabalho intelectual, cinde-se o filósofo do cientista (astrônomo, geômetra...), ganha fôlego o saber pelo saber (= erudito), e tudo isso equivale a um novo rumo no conhecimento racional. O universo político deixa de ser central, e o sábio torna-se mais quem se pronuncia acerca da realização individual, e não sobre a cidade ou a comunidade como um todo. A vida pública deve estar a serviço do indivíduo, e não o contrário. Por outras palavras, já não é possível esperar a solução, a felicidade, através da política [...] A filosofia adquire um caráter existencial: de que adianta uma filosofia que não cura alguma doença da alma? - pergunta Epicuro. Para alcançar a serenidade interior, epicureus e estoicos partem da concepção de um universo racional. Por isso, a ciência é a base da construção moral; o conhecimento da natureza, a física, é o alicerce da racionalidade no comportamento. Para os estoicos, 'viver segundo a natureza' (*vivere secundum naturam*) é viver segundo a razão, o logos, que é tudo em todos.<sup>58</sup>

Claro que está se falando aqui de homens livres, filósofos. Estes é que encontram a felicidade na *polis* ou no conhecimento de si. Temos que recordar que, para essas sociedades, somente o homem é cidadão, possui plena liberdade e poder, pela prática das virtudes (gregos) ou mesmo da aceitação do sofrimento e da dor (estoicos), chegar à libertação e à realização plena de sua natureza, sua essência. Todas as outras categorias de pessoas (os escravos e as mulheres) legitimadas pela sua própria natureza estarão em função da realização dessa sociedade, fora do conceito desse homem livre.

Para o cristianismo/catolicismo primitivo e sua produção discursiva posterior, este nascimento, esta *natureza humana* seria uma *creatio ex nihilo*, ou seja, uma criação divina, conforme interpreta a partir do livro do Gênesis e, como na filosofia grega, o homem criado (e libertado) atingiria a excelência do bem, da moral e da razão pela fé neste Criador (Deus) através da prática das virtudes *consagradas* pelo seu filho (Jesus Cristo) e apresentadas nos textos do novo testamento bíblico e principalmente nas cartas de Paulo de Tarso, discípulo dos primeiros apóstolos.

Podemos sustentar, de forma geral, que é com Paulo que se dá a passagem do cristianismo orientalizado para aquele helenizado, e que no embate, às vezes áspero e nunca tranquilo, entre os primeiros teólogos, acaba vencendo o cristianismo helenizado, sucessiva base da cultura medieval [...] Deus é apresentado como o 'deus desconhecido', cujo único templo é o universo, da mesma forma como, para os estoicos, o logos habita o universo. Contudo, o intento de convencer os atenienses

<sup>58</sup> ASSMANN, 1994, p. 29-30.

redunda em fracasso. Por isso, a seguir, Paulo muda radicalmente de discurso: ‘Destruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a inteligência dos inteligentes [...] Porventura não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo? [...] os judeus pedem sinal, e os gregos buscam sabedoria. Mas nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus e loucura para os gregos’ (1 Cor. 1,19-23) [...] Se quisermos ainda observar a convergência entre os estoicos e os cristãos, comparem-se os seguintes escritos do imperador Marco Aurélio e do mesmo apóstolo, O primeiro escreve, por exemplo: ‘Um é o mundo que todas as coisas compõem, uma a lei, uma a razão comum a todos os seres inteligentes; uma a verdade [...]’ (VII, IX, 2). E Paulo ensina aos efésios: ‘um só corpo e um só espírito; [...] uma só esperança [...]; um só senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e pai de todos, que está acima de tudo, por todos e em todos’ (Ef. 4, 4-6).<sup>59</sup>

Com a introjeção da cultura helenista, o conhecimento pleno do homem se dará pelo domínio das paixões. Já na cultura grega, a alma sempre foi uma substância mais importante que o corpo. Com a ascese estoica, o corpo precisará ser martirizado para a libertação da alma. Qualquer perturbação deste *movimento* (lembrando que natureza - *physis* - é movimento) será interpretado como obstáculo, tentação à ascensão dos valores eternos, imutáveis e perfeitos. A *mulher/feminino*, no livro do Gênesis representada por Eva, foi tentada pela serpente e angariará as culpas dessa perturbação do masculino em estar e permanecer no *paraíso/conhecimento pleno*, e o pior, ao contrário do *homem/masculino*, levará a pecha de possuir natureza inferior, incompleta e por isso será hostilizada, como pode-se ver neste texto de Tertuliano de Cartago (séc. II d.C.), o mesmo que disse ter Jesus não nascido da natureza humana haja vista que Maria teve uma concepção virginal. Maria seria a porta do Céu e todas as outras mulheres seriam a porta do inferno, como foi Eva:

Neste mundo, é agora executada a sentença divina contra esse teu sexo: é necessário que resistas também à condição de acusada. És tu a porta do diabo, és tu que quebraste o sigilo da genealogia, és tu a primeira que transgrediu a lei divina, estás a circundar aqueles que o diabo não conseguiu iludir; tu, de maneira tão fácil, aniquilas o homem, imagem de Deus; por isso que tens merecido tudo que é a morte, também o filho de Deus teve de morrer: e está agora em espírito e coberto de ornamentos a tua túnica de pele?<sup>60</sup>

Na Idade Média, a ordem da criação configurada como lei natural vai ser assumida pelo cristianismo como uma *lei divina*, assim como tudo na Idade Média, será uma apropriação metafísica. “Na Idade Média, com os teólogos e juristas escolásticos, a lei natural alcança sua maturidade, torna-se referência e critério para legitimar as leis positivas e dos

<sup>59</sup> ASSMANN, 1994, p. 26-27.

<sup>60</sup> TERTULIANO, 1971 *apud* SIQUEIRA, Silvia Márcia Alves. Instruir as mulheres: admoestação à modéstia do *De cultu feminarum* de Tertuliano. *Acta Scienciarum Education*. Maringá, v. 33, n. 2. p. 183-190, 2011.p. 186. [pdf].



costumes particulares e emoldura-se num universo metafísico”<sup>61</sup>. O universo vem de Deus e para Deus volta (teocentrismo) e a Igreja Católica Romana controla a educação, produção do conhecimento e as ciências (física, biologia, direito, línguas), a mesma Igreja produz “verdades de fé”<sup>62</sup>. Mudar o entendimento que a Igreja Católica Romana possuía acerca do cosmos, seu sistema teológico de crenças, essas verdades, constituía um perigo muito grande, isto o sabem todos, desde Giordano Bruno (1548) e Galileo Galilei (1564) e numerosas mulheres perseguidas por bruxaria.

Desde a época em que o Gênesis foi escrito, até os nossos dias, isto é, de alguns milênios para cá, essa narrativa básica da nossa cultura patriarcal tem servido ininterruptamente para manter a mulher em seu devido lugar. E, aliás, com muita eficiência. A partir desse texto, a mulher é vista como a tentadora do homem, aquela que perturba a sua relação com a transcendência e também aquela que conflita as relações entre os homens. Ela é ligada à natureza, à carne, ao sexo e ao prazer, domínios que devem ser rigorosamente normatizados: a serpente, que nas eras matricêntricas era o símbolo da fertilidade e tida na mais alta estima como símbolo máximo da sabedoria, se transforma no Demônio, no tentador, na fonte de todo pecado. E ao Demônio é alocado o pecado por excelência, o pecado da carne. Coloca-se no sexo o pecado supremo e, assim, o poder fica imune à crítica. Apenas nos tempos modernos se tenta deslocar o pecado da sexualidade para o poder. Isto é, até hoje não só o homem como as classes dominantes tiveram seu status sacralizado porque a mulher e a sexualidade foram penalizadas como causa máxima da degradação humana.<sup>63</sup>

Num mundo teocrático, a transgressão da fé era também transgressão política e ainda pior, a transgressão sexual, que era uma transgressão da fé, deveria receber das autoridades públicas punição exemplar. Em dado momento, os inquisidores (eclesiásticos responsáveis pela guarda da doutrina da fé, da moral e dos costumes) ligam a transgressão sexual à transgressão da fé e castigam as mulheres por isso. Muitas delas eram curandeiras, num mundo que não dispunha de recursos para minimizar a dor, mas a prática da medicina, era privilégio do masculino, para o feminino, a mesma prática foi considerada bruxaria. No *Malleus Maleficarum*, um manual da Alta Idade Média, dois inquisidores, Kramer e Splenger, (professores de teologia da Ordem dos Dominicanos delegados pela Bula Papal de Inocêncio VIII para a campanha da inquisição no norte da Alemanha) ensinam como localizar e arrancar as confissões de bruxas para depois condená-las.<sup>64</sup> A extensão da caça às bruxas é muito intensa. No fim do século XV e no começo do século XVI, houve milhares e milhares

<sup>61</sup> ROSADO-NUNES, Maria José Fontenelas. CARRANZA, Brenda Maribel. Fim de uma ordem: natureza, lei divina, feminismo. *Horizonte*, v. 17, n. 53, p. 936-964, mai./ago. 2019. p. 948. [pdf].

<sup>62</sup> CATECISMO, 2000, p. 56.

<sup>63</sup> Introduções de Rose-Marie MURARO. In: KRAMER, Heinrich; SPRENGLER, James. *Malleus Maleficarum: o martelo das feiticeiras*. 1.ed. Rio de Janeiro: LeLivros, 2015. p. 68-70.

<sup>64</sup> KRAMER; SPRENGLER, 2015, p. 115.

de execuções - usualmente eram queimadas vivas na fogueira. A partir de meados do século XVI, o terror se espalhou por toda a Europa e não se deteve somente nos matizes do catolicismo, mas também com a Reforma Protestante, pois essa assumiu o mesmo conteúdo discursivo de perseguição às mulheres. “O número de execuções era estimado em seiscentas por ano para certas cidades, uma média de duas por dia”<sup>65</sup>.

Esse ‘expurgo’ visava recolocar dentro de regras de comportamento dominante as massas camponesas submetidas muitas vezes aos mais ferozes excessos dos seus senhores, expostas à fome, à peste e à guerra, e que se rebelavam. E principalmente as mulheres. Era essencial ao sistema capitalista que estava sendo forjado no seio do feudalismo um controle estrito sobre o corpo e a sexualidade. Começa a se construir ali o corpo dócil do futuro trabalhador, que vai ser alienado do seu trabalho e não se rebelará. A partir do século XVII, os controles atingem profundidade e obsessividade tais que os menores, os mínimos detalhes e gestos são normatizados. Todos, homens e mulheres, passam a ser, então, os próprios controladores de si mesmos, a partir do mais íntimo de suas mentes. É assim que se instala o puritanismo, do qual se origina o capitalismo avançado anglo-saxão. Mas até chegar a esse ponto foi preciso usar de muita violência.<sup>66</sup>

Com o processo de secularização religiosa na modernidade, fruto do advento da ciência moderna e do protestantismo, a relação entre fé e razão será invertida. A razão deverá gerir a ciência e a fé será relegada ao âmbito pessoal: razão universal e fé privada. Começa um deslocamento muito severo da teologia no âmbito da moral, do comportamento dos crentes e não só. “Já no século XX, a lei natural desloca-se de revelação divina para expressão de ordem sagrada em si mesma, não é possível mais sacralizar a lei, por meio da lei divina, então fica apenas a lei natural”<sup>67</sup>. A partir daí surgem novos valores. A Igreja Católica Romana, não mais imperiosa e detentora da voz da *verdade*, apesar do decreto de infalibilidade papal, promulgado pelo Concílio Vaticano I, no pontificado de Pio IX, vai necessitar de um método diferente para propagar seus dogmas e doutrinas. Não será necessário ter fé, mas deixar-se submeter-se às leis da natureza. “A lei natural adquire uma nova fonte de legitimação, na qual valores e proibições interditam a natureza humana a partir da razão humana. Com isso, a lei natural passa a ter função ideológica: a de sacralizar ordem social”<sup>68</sup>. E tanto na Idade Média como na Idade Moderna os conflitos desta ordem sempre originam muito alarido, provocações e violências. A história se repetirá na política do século XXI.

<sup>65</sup> KRAMER; SPRENGLER, 2015, p. 83-85.

<sup>66</sup> KRAMER; SPRENGLER, 2015, p. 83-85.

<sup>67</sup> ROSADO-NUNES; CARRANZA, 2019, p. 936.

<sup>68</sup> ROSADO-NUNES; CARRANZA, 2019, p. 949.

### 1.3 A sacralização da Família na *Amoris Laetitia* do Papa Francisco

O Papa Bento XVI foi o primeiro pontífice a assinalar num discurso à Cúria Romana, por ocasião do Natal do ano de 2012, a sua preocupação com o vocábulo *gender*-gênero, citando inclusive um rabino francês que usa Simone de Beauvoir como origem do movimento revolucionário antropológico que vem de encontro ao cabedal do pensamento católico acerca da família (criação, natureza, modelo pai-mãe-filho). É a primeira denúncia dos Estudos de Gênero feita por um papa.

Num tratado cuidadosamente documentado e profundamente comovente, o rabino-chefe de França, Gilles Bernheim, mostrou que o ataque à forma autêntica da família (constituída por pai, mãe e filho), ao qual nos encontramos hoje expostos – um verdadeiro atentado –, atinge uma dimensão ainda mais profunda. Se antes tínhamos visto como causa da crise da família um mal-entendido acerca da essência da liberdade humana, agora torna-se claro que aqui está em jogo a visão do próprio ser, do que significa realmente ser homem. Ele cita o célebre aforismo de Simone de Beauvoir: ‘Não se nasce mulher; fazem-na mulher – *On ne nait pas femme, on Le devient*. Nestas palavras, manifesta-se o fundamento daquilo que hoje, sob o vocábulo *gender*– *gênero*, é apresentado como nova filosofia da sexualidade’.<sup>69</sup>

Esta alocução de Bento XVI (Cardeal Yosef Ratzinger – prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé no pontificado do Papa João Paulo II, o polonês Karol Wojtila) é a melhor síntese contemporânea de todo o discurso católico construído e consolidado sobre os Estudos de Gênero, baseado na lei natural, no binarismo, na cultura patriarcal, na heteronormatividade e na catequese essencialista engendrada desde os primórdios da Igreja Católica como foi abordado anteriormente. Pode-se notar como se inicia uma campanha contra os Estudos de Gênero, como doutrina falsa, em detrimento da teologia da criação. Bento XVI rejeita o pensamento feminista como ciência e até mesmo como cultura (que será exposto na seção 3.2), contrapondo-o ao conceito puramente biológico de natureza (exposto na seção 1.2).

De acordo com tal filosofia, o sexo já não é um dado originário da natureza que o homem deve aceitar e preencher pessoalmente de significado, mas uma função social que cada qual decide autonomamente, enquanto até agora era a sociedade quem a decidia. Salta aos olhos a profunda falsidade desta teoria e da revolução antropológica que lhe está subjacente. O homem contesta o fato de possuir uma natureza pré-constituída pela sua corporeidade, que caracteriza o ser humano. Nega a sua própria natureza, decidindo que esta não lhe é dada como um fato pré-constituído, mas é ele próprio quem a cria. De acordo com a narração bíblica da criação, pertence à essência da criatura humana ter sido criada por Deus como homem ou como mulher. Esta dualidade é essencial para o ser humano, como Deus o fez. É precisamente esta dualidade como ponto de partida que é contestada.

<sup>69</sup> BENTO XVI, Papa. *Discurso do Papa Bento XVI à Cúria Romana na apresentação dos votos natalícios*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2012. [n. p.]. [online]. [grifo nosso].

Deixou de ser válido aquilo que se lê na narração da criação: ‘Ele os criou homem e mulher’ (*Gênesis* 1, 27). Isto deixou de ser válido, para valer que não foi Ele que os criou homem e mulher; mas teria sido a sociedade a determiná-lo até agora, ao passo que agora somos nós mesmos a decidir sobre isto. Homem e mulher como realidade da criação, como natureza da pessoa humana, já não existem. O homem contesta a sua própria natureza; agora, é só espírito e vontade. A manipulação da natureza, que hoje deploramos relativamente ao meio ambiente, torna-se aqui a escolha básica do homem a respeito de si mesmo. Agora existe apenas o homem em abstrato, que em seguida escolhe para si, autonomamente, qualquer coisa como sua natureza. Homem e mulher são contestados como exigência, ditada pela criação, de haver formas da pessoa humana que se completam mutuamente. Se, porém, não há a dualidade de homem e mulher como um dado da criação, então deixa de existir também a família como realidade pré-estabelecida pela criação. [...] Onde a liberdade do fazer se torna liberdade de fazer-se por si mesmo, chega-se necessariamente a negar o próprio Criador; e, conseqüentemente, o próprio homem como criatura de Deus, como imagem de Deus, é degradado na essência do seu ser. Na luta pela família, está em jogo o próprio homem. E torna-se evidente que, onde Deus é negado, dissolve-se também a dignidade do homem. Quem defende Deus, defende o homem.<sup>70</sup>

Com a renúncia de Bento XVI em 2013, assume o Pontificado o primeiro Papa Latino-Americano – o Cardeal Argentino Jorge Mario Bergoglio – e sobre ele pairou uma expectativa muito grande para os rumos que a Igreja Católica Romana seguiria. Assim assinala Vincenzo Pace: “A eleição de Jorge Bergoglio para chefe da Igreja Católica, ocorrida em março de 2013, parece assinalar uma reviravolta na longa e atormentada história da relação entre catolicismo e modernidade”<sup>71</sup>.

Em maio de 2016, o Papa Francisco lançou uma Exortação Apostólica intitulada *A Alegria do Amor*<sup>72</sup>, dirigida à hierarquia da Igreja Católica Romana, aos esposos cristãos e aos demais fiéis, e com a qual concluía o Sínodo das Famílias realizado no ano anterior cuja temática afetava diretamente a compreensão dessa Igreja acerca da *família cristã*. A expectativa era grande principalmente depois da controversa questão do Instrumento de Trabalhos<sup>73</sup> sobre as novas constituições e agrupamentos familiares e do grande avanço da descentralização da revisão do direito sacramental do matrimônio. Apesar de ser sensível a algumas dificuldades que as famílias enfrentam na contemporaneidade, o documento não trouxe novidades no modo como o magistério da Igreja Católica Romana pensa a família e as relações conjugais entre homens e mulheres. Logo, os discursos causaram certo desapontamento principalmente entre teólogas feministas católicas que esperavam, de um

<sup>70</sup> BENTO XVI, 2012, [n. p.].

<sup>71</sup> PACE, Vincenzo. Habemus Papam. Jorge Mario Bergoglio frente à crise sistêmica da Igreja uma, santa, católica e romana. *Estudos de Religião*, v. 27, n. 2, p. 141-158, jul./dez. 2013. p. 142. [pdf].

<sup>72</sup> FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Amoris Laetitia*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2016. [n. p.]. [online].

<sup>73</sup> SÍNODO DOS BISPOS. *Desafios pastorais da família no contexto da evangelização: instrumentum laboris*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2014. [n. p.]. [online].

Papa latino-americano, um pronunciamento menos simplista, patriarcal e comumente contraditório.

Espantou-me o fato de que o Papa Francisco, querendo ser tão próximo do povo pobre e reiterando por diversas vezes que é preciso ir às ruas, ouvir os pobres, abraçar sua causa, uma vez mais escreva ou assine um texto tão vasto e tão inacessível aos pobres assim como ao comum das pessoas. Isto significa que os pobres que quiserem entender alguma coisa do texto não poderão fazê-lo em forma direta, mas sempre através da mediação interpretativa de bispos, presbíteros, diáconos etc. Enfrentamo-nos novamente ao problema da sutileza dos poderes religiosos e de sua capacidade de manter as mentes e os corações submissos a suas afirmações consideradas ‘verdades’ segundo Deus ou segundo a Bíblia. A tão propalada responsabilidade pessoal e coletiva é reduzida à letra ou a uma retórica sem significativa eficácia na vida. Além disso, mais uma vez a Igreja aparece como sendo em primeiro lugar a hierarquia masculina e célibe, hierarquia que não se constitui como família segundo o modelo indicado, mas que critica comportamentos e define orientações de vida como se fosse mestra dos complexos meandros do amor humano.<sup>74</sup>

Depois da *Evangelii Gaudium*, Exortação Apostólica que definiu o itinerário ou conteúdo programático do que seria o seu pontificado, escrita após a XIII Assembléia Ordinária (Sínodo) dos Bispos sobre a Nova Evangelização e que apresentou “uma igreja em saída, rumo às periferias existenciais, que reforma as estruturas e não tem medo de ‘sujar-se’ ao ir às ruas, que precisa ampliar os espaços do *feminino*”<sup>75</sup>, esperava-se um pensamento mais progressista em relação às mulheres, porém, ao mesmo tempo que se diz avançar, esta Igreja quer ser guarda das tradições mais essencialistas, como quando fala sobre o matrimônio e as famílias, temas urgentes do sínodo realizado dois anos depois.

A família atravessa uma crise cultural profunda, como todas as comunidades e vínculos sociais. No caso da família, a fragilidade dos vínculos reveste-se de especial gravidade, porque se trata da célula básica da sociedade, o espaço onde se aprende a conviver na diferença e a pertencer aos outros e onde os pais transmitem a fé aos seus filhos. O matrimônio tende a ser visto como mera forma de gratificação afetiva, que se pode constituir de qualquer maneira e modificar-se de acordo com a sensibilidade de cada um. Mas a contribuição indispensável do matrimônio à sociedade supera o nível da afetividade e o das necessidades ocasionais do casal. Como ensinam os Bispos franceses, não provém ‘do sentimento amoroso, efêmero por definição, mas da profundidade do compromisso assumido pelos esposos que aceitam entrar numa união de vida total’. O individualismo pós-moderno e globalizado favorece um estilo de vida que debilita o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos entre as pessoas e distorce os vínculos familiares. A ação pastoral deve mostrar ainda melhor que a relação com o nosso Pai exige e incentiva uma comunhão que cura, promove e fortalece os vínculos interpessoais. Enquanto no mundo, especialmente nalguns países, se reacendem várias formas de guerras e conflitos, nós, cristãos, insistimos na proposta de reconhecer o outro, de curar as feridas, de construir pontes, de estreitar laços e de nos ajudarmos ‘a carregar as

<sup>74</sup> GEBARA, Ivone. “A igreja solteira, masculina e hierárquica que fala à família”. [Entrevista concedida a] João Vítor Santos. In: *IHU Online*. São Leopoldo, [n. p.]. 17 abr. 2016. [online].

<sup>75</sup> FRANCISCO, 2013, [n. p.]. [grifo nosso]

cargas uns dos outros' (*Gl 6, 2*). Além disso, vemos hoje surgir muitas formas de agregação para a defesa de direitos e a consecução de nobres objetivos. Deste modo se manifesta uma sede de participação de numerosos cidadãos, que querem ser construtores do desenvolvimento social e cultural.<sup>76</sup>

Vamos sublinhar este movimento de Francisco que parece salvaguardar o desejo de Bento XVI e da Igreja Católica Romana de defender o homem e a família. Usando a escola de João Paulo II da teologia do corpo e da reciprocidade natural do homem e da mulher, Francisco sacraliza o secular conceito de família e matrimônio na *Amoris Laetitia*.

Documento papal ou dos seus dicastérios e congregações, ou seja, pronunciamentos oficiais da Igreja Católica Romana, não são lançados sem um apelo ou provocação social e não versam sobre temas aleatórios. Eles visam apresentar uma catequese ou doutrina acerca de um acontecimento científico ou cultural que molda a comunidade mundial e modifica a vida das pessoas. São célebres os documentos produzidos quando algo ameaça a estabilidade do conteúdo fixista da Igreja Católica Romana e sua posição religiosa na sociedade. São exemplos: *A Pascendi Domus gregis*, contra as contribuições do mundo moderno científico, de Pio X, em 1907; a *Divinis Redemptoris*, contra o comunismo, de Pio XI, em 1937; a *Humanae Vitae*, contra os métodos contraceptivos, de Paulo VI, em 1968; a *Persona Humana*, sobre a masturbação e atos homossexuais, em 1975, da Congregação da Doutrina da fé (cardeal Franjo Seper); a *Donum Vitae*, contra a fertilização *in vitro*, da mesma congregação, porém, com o Cardeal Ratzinger, em 1987; a *Mulieris Dignitatem*, sobre a vocação da mulher (lugar do feminino), de João Paulo II, em 1988 e a *Ordinatio Sacerdotalis*, contra a ordenação de mulheres, e também do mesmo João Paulo II, em 1994. No auge da produção dos pressupostos epistemológicos, a partir dos movimentos feministas das décadas de sessenta e setenta, ou seja, vinte anos depois, quando o movimento começa mesmo a atingir seu caráter revolucionário, o Papa João Paulo II produziu o *Mulieris Dignitatem*, sobre a dignidade e vocação da mulher, que elogiava o chamado “gênio feminino”<sup>77</sup>, sobretudo na maternidade, virgindade e sensibilidade, silêncio e serviço – como a Virgem Maria – nada mais, como denuncia Perla Doneda:

Para manter a estrutura patriarcal segue-se estruturando o discurso do matrimônio, da maternidade, do cuidado, do serviço ao outro e da virgindade. Espera-se que o gênio feminino se atenha ao quesito da serva que obedece, que com seu sim, silenciaram-na, se comparada à história dos homens, mas que hoje espera-se que traga à humanidade, uma nova harmonia aos povos. Se o gênio da mulher está a

<sup>76</sup> FRANCISCO, 2013, [n. p.].

<sup>77</sup> JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Apostólica Mulieris Dignitatem, sobre a dignidade vocação da mulher*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana. 1988. [n. p.]. [online].

serviço do outro, podemos perguntar: de que outro? Com que outro? Por esse outro, como ficamos? Por que não podemos, homens e mulheres, sermos mais que isso, sermos além desses padrões, mudando ou transformando as relações sociais e religiosas de maneira mais aberta, mais coletiva? Por que a tradição bíblica cristã não rompe com o modelo hierárquico aos moldes do próprio Cristo?<sup>78</sup>

É digna de nota a produção documental do Papa João Paulo II. João Paulo II inaugurou certa mudança no discurso sobre a sexualidade humana em seu pontificado introduzindo uma série de reflexões (146 audiências gerais, na Exortação Apostólica *Familiaris Consortio* e na Carta Apostólica *Mullieris Dignitatem*, entre outros). Tais reflexões culminaram num estudo teológico chamado a Teologia do Corpo<sup>79</sup>, que preconiza a doutrina da complementaridade.

A Teologia do Corpo postula que as disposições da mulher (em primeiro lugar, o amor materno) são naturais e lhes são próprias, pois derivariam diretamente de sua anatomia específica, e que de seu corpo resultaria a sua ‘particular psicologia’. Por ela, diferentemente da concepção doutrinária que prevalecera até então, a mulher deixa de ser representada como mera subordinada ao homem e torna-se, como dito acima, sua complementar e igual em dignidade. Essa antropologia teológica não implicou um arrefecimento doutrinário; pelo contrário. Com efeito, o papado de Wojtyła (*Papa João Paulo II*) foi marcado pela radicalização do discurso da Santa Sé sobre moralidade sexual (notadamente quanto a aborto, contracepção e homossexualidade) e um virulento ataque àquilo que a Igreja denominava modernidade. Longe de rejeitar a sexualidade, Wojtyła fez da heterossexualidade e da família heterossexual o centro de sua antropologia, de seus dogmas e de sua filosofia social. Constantemente acionados, os postulados dessa teologia, ao situarem a heterossexualidade na origem da sociedade e ao definirem a complementaridade heterossexual no casamento como fundamento da harmonia social, mostravam-se estratégicos para enfrentar as propostas avançadas a partir de Cairo e Pequim, dentre as quais, aos olhos vaticanos, a ‘teoria/ideologia de gênero’ seria um dos mais desventurosos legados. A ênfase na doutrina da complementaridade cumpria, assim, um papel central na estratégia vaticana para fazer do *gender* um anátema.<sup>80</sup>

A constatação da permanência das mesmas estruturas, que esterilizam o feminino e cristalizam o patriarcalismo nos discursos pontifícios, continua no pontificado de Francisco. Ou seja, uma mudança estrutural para e a partir das mulheres no catolicismo, é um muro intransponível. “Nem mesmo em *Amoris Laetitia*, o Papa Francisco conseguiu sair do campo das constatações de marginalidade ou dominação às mulheres, o que, na prática, pouco pode mudar”<sup>81</sup>.

<sup>78</sup> DONEDA, Perla Cabral Duarte. As mulheres nos documentos de João Paulo II: um modelo assimétrico ainda não superado. *Mandrágora*, v. 25, n. 1, p. 73-95, 2019. p. 92. [pdf].

<sup>79</sup> EVERT, Jason. *Teologia do Corpo em uma hora*. São Paulo, Paulinas, 2019. p. 8.

<sup>80</sup> JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A invenção da "ideologia de gênero": a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. *Revista psicologia política*, São Paulo, v. 18, n. 43, p. 449-502, set./dez.2018. p. 471. [pdf].

<sup>81</sup> DONEDA, 2019, p. 91.

É na Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* que vamos nos debruçar mais demoradamente, pois é o documento que, encerrando o Sínodo das Famílias, apresenta a manifestação mais oficial, além de outras tantas que pronuncia, do Papa Francisco sobre o seu entendimento e o da Igreja Católica Romana acerca da família, do homem e da mulher, e da geração e educação da prole, e será este documento, o primeiro a utilizar a ideia cunhada na década de noventa de rotular como ideologia, os Estudos de Gênero.<sup>82</sup>

*Amoris Laetitia* significa “A alegria do amor”<sup>83</sup>. Assim Francisco quer fazer um encômio ao início da família cristã, apesar da crise do matrimônio, e sua subsistência se for “unida pelo amor”<sup>84</sup>. Francisco agradece as contribuições dos questionários, enviados um ano antes, mas sabe que um documento pontifício só tem valor se for assinado pelo Papa. Francisco destoa um pouco das afirmações de seus predecessores quando escreve que “nem todas as discussões doutrinárias, morais ou pastorais devem ser resolvidas através de intervenções magisteriais”<sup>85</sup>, porém diz que, “naturalmente, na Igreja, é necessária uma unidade”<sup>86</sup>, garantida, sem sombra de dúvidas pelo próprio *magistério/doutrina*. Outro paradoxo explícito no Documento é a denúncia do patriarcalismo e do machismo históricos, concomitantemente a formas de feminismo prejudiciais ao modelo de família querido pela Igreja Católica Romana.

A história carrega os vestígios dos excessos das culturas patriarcais, onde a mulher era considerada um ser de segunda classe, mas recordemos também o ‘aluguer de ventres’ ou a ‘instrumentalização do corpo feminino na cultura midiática contemporânea’. Alguns consideram que muitos problemas atuais ocorrem a partir da emancipação da mulher. Mas este argumento não é válido, ‘é falso, não é verdade! Trata-se de uma forma de machismo’. A idêntica dignidade entre o homem e a mulher impele a alegrar-nos com a superação de velhas formas de discriminação e o desenvolvimento dum estilo de reciprocidade dentro das famílias [...] O homem ‘desempenha um papel igualmente decisivo na vida da família, especialmente na proteção e sustento da esposa e dos filhos’[...] muitos homens estão conscientes da importância do seu papel na família e vivem-no com as qualidades peculiares da índole masculina [...] A Igreja sente a necessidade de dizer uma palavra de verdade e de esperança [...] Os grandes valores do matrimônio e da família cristã correspondem à busca que atravessa a existência humana.<sup>87</sup>

Francisco apela às imagens bíblicas das experiências familiares nelas contidas, com o Salmo 128/127 que elogia o homem e suas conquistas (trabalho e seus frutos, esposa e filhos), e o chama *abençoado* e de *vida longa* porque obedece ao Senhor (Deus) e trilha os seus

<sup>82</sup> FRANCISCO, 2016, p. 48.

<sup>83</sup> FRANCISCO, 2016, p. 48.

<sup>84</sup> FRANCISCO, 2016, p. 94.

<sup>85</sup> FRANCISCO, 2016, p. 4.

<sup>86</sup> FRANCISCO, 2016, p. 4.

<sup>87</sup> FRANCISCO, 2016, p. 46-48.



caminhos. Nos parágrafos 28 e 29 da Exortação Apostólica, o Papa apresenta uma pequena síntese sobre o entendimento da Igreja sobre a família. Pode-se notar que no texto, baseado em perícopes dos Salmos 27/26 e 131/130 e do profeta Oseias (11,1.3-4), o Papa entende, como desejo de Deus, que as relações entre os membros de uma família seja imagem das relações entre as pessoas da Trindade.

No horizonte do amor, essencial na experiência cristã do matrimônio e da família, destaca-se ainda outra virtude, um pouco ignorada nestes tempos de relações frenéticas e superficiais: a ternura. [...] Com este olhar feito de fé e amor, de graça e compromisso, de família humana e Trindade divina, contemplamos a família que a Palavra de Deus confia nas mãos do marido, da esposa e dos filhos, para que formem uma comunhão de pessoas que seja imagem da união entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Por sua vez, a atividade geradora e educativa é um reflexo da obra criadora do Pai. A família é chamada a compartilhar oração diária, a leitura da Palavra de Deus e a comunhão eucarística, para fazer crescer o amor e tornar-se cada vez mais um templo onde habita o Espírito.<sup>88</sup>

Para Ivone Gebara, “há uma idéia de perfeição meio obscura que nos habita e nos faz buscar o homem perfeito, a mulher perfeita, a família perfeita, a comunidade perfeita, como se o ideal da vida fosse a realização de uma perfeição projetada que não sabemos o que é”<sup>89</sup>. Essa ideia de perfeição, herdada do platonismo e revisitado por Santo Agostinho, constituiu as bases da tradição teológica ocidental. Essa idealização continua quando o Papa Francisco sugere, como iluminação para as vicissitudes das famílias reais, os exemplos da Sagrada Família de Nazaré, como observa Gebara:

A partir dessa idealização, afirma a *doutrina da Igreja sobre o matrimônio e a família* fundada na indissolubilidade dos laços conjugais. E nessa linha afirma, ingenuamente, a capacidade de cada família de enfrentar-se às vicissitudes da vida e da história (parágrafo 66) a partir da manutenção dos laços sacramentais e da consideração da família de Nazaré como ícone da família cristã.<sup>90</sup>

Para o Papa Francisco, o matrimônio é ordenado pela Criação, constituindo-se como *natural*. “O matrimônio natural compreende-se plenamente à luz da sua realização sacramental: só fixando o olhar em Cristo é que se conhece cabalmente a verdade das relações humanas”<sup>91</sup>.

Porém, o Papa da misericórdia reconhece as dificuldades enfrentadas pela família no mundo e, sem contrariar a moral católica e diminuir o apreço pelo matrimônio, busca o que

<sup>88</sup> FRANCISCO, 2016, p. 21-23.

<sup>89</sup> GEBARA, 2016, [n. p.].

<sup>90</sup> GEBARA, 2016, [n. p.]. [grifo nosso]

<sup>91</sup> FRANCISCO, 2016, p. 64.

Luiz Lima chamou de “bem possível no campo da moral”<sup>92</sup>. Segundo o filósofo e teólogo Altemayer Pereira Júnior, em entrevista para o repórter BBC, Edison Veiga, “Francisco imprimiu à conservadora instituição (Igreja) uma personalidade mais carismática, além de se envolver em questões mundiais urgentes”<sup>93</sup>. O Papa Francisco, pastoralmente, ou quando fala espontaneamente, sem ter em posse um texto previamente escrito, parece confrontar-se com os documentos oficiais de seu Pontificado. Na entrevista a Pe. Antônio Espadaro, propõe um diálogo com outras formas de pensar.

O conhecimento da verdade é progressivo. A compreensão do homem muda com o tempo, e sua consciência se aprofunda. Recorde-se o tempo em que a escravatura era aceita e a pena de morte era admitida sem nenhum problema. Os exegetas e teólogos, como também as outras ciências e sua evolução ajudam a Igreja a amadurecer o próprio juízo [...] uma visão da doutrina da Igreja como um bloco monolítico a ser defendido sem matizes é errada.<sup>94</sup>

Nesta mesma entrevista, o Papa Francisco faz uma inversão surpreendente que nem sempre se verificou na prática pastoral da Igreja. Segundo Francisco, “o anúncio do amor salvífico de Deus precede a obrigação moral e religiosa”<sup>95</sup>. Para a Teóloga Maria Clara Bingemer, “O que o papa quer dizer é que a moral deve ser consequência do *kerigma*<sup>96</sup>, do primeiro anúncio, proposto com toda simplicidade, fulgor e entusiasmo [...] Uma vez que este anúncio tenha chegado ao seu destino, que é o coração humano, todo o resto é consequência”<sup>97</sup>. Seria uma mudança de paradigma ou somente um modismo populista? Uma teologia a partir de outra matriz visional ou simplesmente suspiros utópicos? Uma coisa é certa, os diálogos do Papa Francisco são mais inspiradores de uma Teologia *de baixo para cima* do que os textos oficiais. Para Rocha, há ecos de transformação da religião:

Apesar da lentidão em assimilar mudanças, dado que historicamente contradiz o que parece ser uma vocação do cristianismo e da própria teologia, felizmente, nos últimos tempos, algumas respostas históricas positivas já se fazem sentir. No plano teórico, a assunção da crítica histórica e reconhecimento da legitimidade das novas filosofias (desde as transcendentais até as hermenêuticas) rumo à atualização da inteligibilidade da fé já demonstra essa capacidade autopoiética; também no plano

<sup>92</sup> LIMA, Luiz Corrêa. Os LGBT e o pontificado de Francisco. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 48, n. 1, p. 117-143, jan. /abr. 2016. p. 130. [pdf].

<sup>93</sup> VEIGA, 2018. [n. p.].

<sup>94</sup> FRANCISCO. Papa. “Entrevista ao Papa Francisco”. [Entrevista concedida a] Pe. Antonio Spadaro. *L'Osservatore Romano*, Vaticano, [n. p.], 29 set. 2013. [online].

<sup>95</sup> FRANCISCO, 2013, [n. p.].

<sup>96</sup> Palavra grega que significa ‘anúncio’. Derivado do verbo *kerissey*, designa a pregação global da boa notícia da salvação através de Cristo, com o fim de torná-la pública, oficial. LATOURELLE, René. Querigma. In: LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino. *Dicionário de teologia fundamental* Petrópolis: Vozes, 1994.p. 721.

<sup>97</sup> BINGEMER, Maria Clara Luchetti. *Ser mulher em tempos de Francisco*. [S.l.; s.n. ]. 2014. [n. p.]. [online].

prático, a partir de uma consciência geográfica maior, o aparecimento de teologias contextuais, como se verá a seguir; em ambos os planos, verifica-se a gestação de uma nova espiritualidade.<sup>98</sup>

Com a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco revelou um desejo de diálogo com a comunidade científica para responder aos anseios da família num mundo de menos laços e instituições. Porém, o amadurecimento de algumas temáticas não encontra a mesma *abertura* como *lugares periféricos* preferenciais de uma Igreja *em saída*.<sup>99</sup> Temáticas como: o matrimônio do clero ocidental, a ascensão hierárquica da mulher, a sacramentalidade da união de pessoas do mesmo sexo e a aceitação do aborto voluntário parecem, para este Pontificado, muros intransponíveis e Gebara conclui:

[...] acredito na boa vontade do *Papa Francisco*, reconheço o valor de muitas de suas iniciativas e admiro seu esforço na introdução de comportamentos e atitudes que indiquem opções éticas e evangélicas para o nosso tempo. Mas também percebo nele, como em muitos de nós, a *nostalgia das origens perfeitas*. E essa nostalgia é ambígua e nos leva a querer um presente mais ou menos perfeito em vista de um futuro ou uma finalidade perfeita da vida.<sup>100</sup>

Partindo da filosofia da linguagem, onde “o dizer e o não dizer”<sup>101</sup> assumem conotações políticas, não pelo sentido mesmo das palavras, mas na sociedade que delas se utiliza, compreende-se que Gebara, em entrevista à Revista Unisinos, esperava mais que uma reprodução da estrutura patriarcal hierárquica de um papa latino a fim de que o próprio pontificado de Francisco fosse um signo revolucionário desta *abertura* eclesial, aparentemente proposta. É difícil, porém, escapar à tradição *ideológica* que “interpreta o sentido em uma única direção”<sup>102</sup> criando uma “imagem do mundo”<sup>103</sup>, o mundo de Francisco<sup>104</sup>.

No capítulo segundo tratar-se-á da criação e proliferação da expressão “Ideologia de Gênero” pela Igreja Católica, sobretudo no Pontificado de Francisco, a fim de se contrapor aos Estudos de Gênero que tem provocado uma nova reflexão sobre as relações de gênero.

<sup>98</sup> ROCHA, Abdrushim Schaeffer. Entre o dizer e o não dizer: por uma epistemologia da revelação nos limites da linguagem. *Teoliterária*, São Paulo, v. 8, n. 15, p. 92-121, 2018. p. 116. [pdf].

<sup>99</sup> FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2013. p. 19-20. [pdf].

<sup>100</sup> GEBARA, 2016. [n. p.]. [grifo do texto].

<sup>101</sup> “As palavras e o silêncio que as acompanha (porque são políticas) significam quase sempre o que não pretendem significar”. ORLANDI, Eni. *Terra à vista: discurso do confronto - velho e novo mundo*. São Paulo: Unicamp, 1990. p. 36.

<sup>102</sup> ORLANDI, 1990, p.

<sup>103</sup> SCHAFF, Adam. 1974 *apud* CUNHA, Magali do Nascimento. Construções imaginárias sobre a categoria “gênero” no contexto do conservadorismo político religioso do Brasil dos anos 2010. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 49, n. 2, p. 253-276, mai./ago. 2017. p. 268-269. [pdf].

<sup>104</sup> GEBARA, 2016. [n. p.]. [grifo nosso].

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 18/02/2021.



## 2 EM BUSCA DAS *ORIGENS PERFEITAS* – CRÍTICA DAS IDEOLOGIAS

Depois de termos apresentado arcabouço discursivo católico sobre o matrimônio e a família, vimos apresentar a recusa do catolicismo, no Pontificado de Francisco, em dialogar com outros conteúdos discursivos sobre os mesmos temas (matrimônio e família) produzidos não pela *natureza de ordem sagrada*, mas pela *cultura humana*, principalmente pela experiência e racionalidade das mulheres e que vêm sendo perseguidos como numa verdadeira cruzada, típica dos movimentos cristãos católicos. Cruzada esta que produziu discursos sobre discursos para desqualificar qualquer reflexão sobre gênero, identidade e diversidade sexual, criando conceitos e movimentando agentes políticos mundialmente e, sobretudo no Brasil, para impedir o avanço dos Estudos de Gênero.

No primeiro tópico, apresentaremos a criação do sintagma *ideologia de gênero* e a difusão de um *pânico moral* para legitimar as posturas e conteúdos epistemológicos essencialistas, patriarcais, heteronormativas e misóginos, principalmente contra o movimento feminista e sua *contra-produção*. Abordaremos como a Igreja Católica Romana difundiu uma nova caça às bruxas usando um novo *Malleus Maleficarum*, a saber: o termo *ideologia de gênero*, *inquisidores* ultraconservadores e o aparato *midiático* contra *velhos-novos* inimigos.

No segundo momento, apresentaremos discursos que visam desconstruir a falácia de gênero criada pela Igreja Católica Romana a partir dos conceitos de ideologia e cultura e, apresentar o essencialismo naturalista, como verdadeira ideologia que mantém o binarismo e impede o advento, até mesmo no direito civil, de uma equidade entre homens, mulheres e outras formas de gênero na sociedade contemporânea.

Enfim, como exemplo de *reforma e contrarreforma*, salientar-se-á o resultado, muitas vezes, nefasto da irrupção religiosa na laicidade dos governos, promovendo uma *contracultura*, restringindo direitos e favorecendo uma espécie de teocracia no estado democrático e de direito.

### 2.1 Dos Estudos de Gênero à *Ideologia de Gênero*

As manifestações públicas de agentes religiosos e as discussões acaloradas, vez por outra violentas, de parlamentares evangélicos e católicos contra a inclusão do termo *gênero* no Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024, em 2014, promoveram inúmeros debates e produções acadêmicas sobre o papel e a influência da religião no Estado laico brasileiro. O

próprio texto introdutório ao PNE, sobre a história do PNE e os desafios da nova lei, de Paulo Sena<sup>105</sup>, marcou as pelepas realizadas antes da aprovação pelo Senado Federal.

A mais ruidosa polêmica diz respeito à alteração da diretriz que previa a superação das desigualdades educacionais (inciso III do art. 2º do substitutivo da Câmara). O Senado alterou esse dispositivo, retirando a ênfase na promoção da ‘igualdade racial, regional, *de gênero* e de orientação sexual’, expressão substituída por ‘cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação’. A contenda terminou favorável ao Senado, com a aprovação do destaque para manter seu texto.<sup>106</sup>

Para essa *cruzada*, o Padre Paulo Ricardo de Azevedo Júnior<sup>107</sup>, da Igreja Católica Romana, movimentou a internet em seu site *Christo Nihil Praeponere* (www.padrepauloricardo.org) e conclamou toda a sociedade cristã a mobilizar-se contra uma *agenda de gênero*.

Não é possível entrar na guerra cultural sem fazer o dever de casa, coisa que o *Gender Establishment* já fez – de modo bem-feito e há muito tempo. Para entender como esta coalizão maligna trabalha, é preciso recorrer às obras que ela produziu e aos textos que ela engendra, por exemplo, na ONU. A Conferência de Pequim já traz, em seus documentos oficiais, a palavra ‘gênero’. Tratou-se do resultado de um trabalho meticulosamente articulado, como se conclui a leitura do livro *The Gender Agenda*, de Dale O’Leary.<sup>108</sup>

Este termo *agenda de gênero* é o título do livro de Dale O’Leary<sup>109</sup> sobre o qual o padre Paulo se debruça para levantar a bandeira contra o que se vai chamar *ideologia de gênero – a ideologia mais radical da história*<sup>110</sup>, e que tem por objetivo, segundo ele, a total aniquilação da família tradicional segundo princípios marxistas metodicamente planejados desde as Conferências Internacionais sobre a População do Cairo (1994) e a Conferência Mundial da Mulher em Pequim (1995)<sup>111</sup> firmando-se nas bases das filosofias feministas.

<sup>105</sup> Consultor legislativo da câmara dos deputados - área XV (Educação, Cultura e Desporto).

<sup>106</sup> Brasil. [Plano Nacional de Educação (PNE)]. *Plano Nacional de Educação 2014-2024* [lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências], Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. p. 22. [pdf]. [grifo nosso]

<sup>107</sup> Presbítero católico da Arquidiocese de Cuiabá – MT. É licenciado em Filosofia pelas Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso – FUCMAT, Campo Grande, MS (1987), bacharel em Teologia (1991) e mestre em Direito Canônico (1993) pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). Possui um canal no You Tube com mais de 430.000 inscritos e uma página na internet chamada CNP (Christo Nihil Praeponere – A nada dar mais valor que a Cristo com mais de 1,2 milhão de acessos. [online].

<sup>108</sup> CHRISTO NIHIL PRAEONERE. *Sexo ou gênero?* 6 out. 2013. [n. p.]. [online].

<sup>109</sup> O’LEARY, 1997. p. 213.

<sup>110</sup> CHRSTO NIHIL PRAEONERE, 2013. [n. p.].

<sup>111</sup> Em resposta aos debates para aprovação dos documentos da Conferência Internacional sobre a população no Cairo, em 1994, e a Conferência Mundial sobre a Mulher em Pequim no ano seguinte, o Vaticano convocou dezenas de “peritos” para armar uma contraofensiva que reafirmava a doutrina católica e a naturalização da relação sexual. In: MENA-LÓPEZ, Maricel; ARISTIZÁBAL, Fidel Mauricio Ramírez. *Falacias discursivas e ideologia de genero. Exaequo*, Portugal, n. 37, p. 19-31, 2018. p. 23. [pdf].

Na Agenda do Gênero, O’Leary retomou as feministas do gênero, acusando-as de marxistas e promotoras de uma ‘ideologia’ que carece de respeito às diferenças biológicas e apela à ‘guerra dos sexos’. Também assinala que a ideia da construção social dos papéis de gênero visa a ‘abolição da natureza humana’ e impedir que as mulheres cumpram o seu papel cuidador. Segundo a autora, a ‘agenda de gênero’ visa construir um mundo com menos pessoas, mais prazer sexual, sem diferenças entre homens e mulheres, sem mães em tempo integral. Para atingir esses objetivos, procuramos garantir: 1. Acesso gratuito à contracepção e ao aborto; 2. Promover a homossexualidade; 3. Oferecer educação sexual a crianças e jovens para estimular a experimentação sexual; 4. A abolição dos direitos dos pais de educar os filhos; 5. Estabelecer paridade entre homens e mulheres no local de trabalho, promovendo a inserção das mulheres no mercado de trabalho; e 6. Descreditar as religiões que se opõem a este projeto.<sup>112</sup>

Toda essa reflexão faz parte do acervo de informações que a hierarquia da Igreja Católica entende por *ideologia de gênero*, termo usado pela primeira vez, entre os sacerdotes, pelo Monsenhor Michel Schooyans<sup>113</sup>, um sacerdote católico belga, demógrafo, filósofo e teólogo e que fez um exaustivo trabalho sobre as Nações Unidas na década de 1990, publicado em um livro com o prefácio do então Cardeal Yosef Ratzinger (Papa Bento XVI). Para Schooyans, liberalismo, eugenismo, neomalthusianismo, nazismo, fascismo, comunismo, socialismo etc., são engenhos de uma única ideologia: a ideologia da morte.

Julgamos ter pedido contas ao comunismo, ao fascismo, ao nazismo; mas não arrancamos das nossas mentalidades o que há de mais perverso nestas ideologias: a familiaridade com a morte. Na verdade, as ideologias da morte passam por uma recuperação de atualidade e até tendem a sofisticar-se.<sup>114</sup>

Segundo Schooyans, são várias as ideologias daí resultantes, inclusive o *gênero* e sobre ele destina um capítulo inteiro do seu livro chamado *A coligação ideológica do Gênero*. Nele, Schooyans revisita o socialismo, o comunismo e o liberalismo para, a partir da coligação destas propostas políticas, explicar o gênero como uma ideologia sofisticada que legitima o controle populacional pelo Estado e pelo mercado.

A influência conjunta das tradições socialistas e liberal é particularmente impressionante nas duas principais ideologias antívida da atualidade: a ideologia do ‘gênero’ (em inglês, *gender*), e a do ‘novo paradigma’. Embora muito deva ao liberalismo neomalthusiano, a ideologia do ‘gênero’ é fortemente influenciada por

<sup>112</sup> MENA-LÓPEZ; ARISTIZÁBAL, 2018, p. 24.

<sup>113</sup> No período em que esse padre belga viveu no Brasil, entre 1959 e 1969, lecionou na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e empenhou-se contra a “ameaça comunista”. De volta à Europa, integrou os quadros da Universidade Católica de Louvain e da Pontifícia Academia de Ciências Sociais e tornou-se consultor do Pontifício Conselho para a Família. JUNQUEIRA, 2018, p. 467.

<sup>114</sup> SCHOOPYANS, Michel. *O Evangelho perante a desordem mundial*. Grifo: Lisboa, 2000.p. 32.

Marx e Engels. Atualmente impregna a maior parte das organizações internacionais que tratam do controle da vida.<sup>115</sup>

A partir das obras *A Ideologia Alemã*<sup>116</sup> e *A Origem da Família da Propriedade Privada e do Estado*, de Marx e Engels, Shooyans demonstra que o objetivo primevo do comunismo/socialismo é acabar com as classes sociais, superando a primeira forma de dominação que é a da mulher, pelo homem. “A família tem que desaparecer, porque não é lugar de complementaridade, mas de oposição [...] quem há de fazer essa revolução será a classe oprimida, ou seja, a classe das mulheres”<sup>117</sup>.

Esta família, que é inicialmente a única relação social, transforma-se numa relação subalterna (exceto na Alemanha) quando o acréscimo das necessidades engendra novas relações sociais e o crescimento da população dá origem a novas necessidades; deve-se, por conseguinte, abordar e desenvolver este tema da família a partir dos fatos empíricos existentes e não do ‘conceito de família’, como é hábito fazer-se na Alemanha. [...] Esta divisão do trabalho, que implica todas estas contradições e repousa por sua vez sobre a divisão natural do trabalho na família e sobre a divisão da sociedade em famílias isoladas e opostas, implica simultaneamente a repartição do trabalho e dos seus produtos, distribuição desigual tanto em qualidade como em quantidade; dá portanto, origem a propriedades cuja primeira forma, o seu germe, reside na família, onde a mulher e as crianças são escravas do homem.<sup>118</sup>

Hoje já existem vários artigos<sup>119</sup> e dossiês sobre este percurso do termo ideologia de gênero, e sua criação e disseminação no conservadorismo católico, sobretudo de antifeministas como Christina Hoff Sommers<sup>120</sup>, acadêmica antifeminista da Universidade de Clark e autora do livro “Quem nos roubou o feminismo?”<sup>121</sup> e uma escritora, membro da *Opus Dei* e da Associação Médica Católica dos Estados Unidos, chamada Dale O’Leary<sup>122</sup>,

<sup>115</sup> SCHOOPYANS, 2000, p. 53.

<sup>116</sup> Para saber mais: MARX, Karl; ENGELS, Frederick. *A Ideologia alemã*. [S.l.]: Ridendo Castigat Mores, 1999. [pdf].

<sup>117</sup> SCHOOPYANS, 2000, p. 56-57.

<sup>118</sup> MARX; ENGELS, 1999, p. 37-38.

<sup>119</sup> O mais completo é o de JUNQUEIRA, 2018.

<sup>120</sup> Sommers objetivou as *gender feminists* como um grupo de ideólogas fanáticas e extremistas que estariam a serviço de uma nova e perigosa agenda que ameaçaria ideais americanos valiosos ao situar as mulheres contra os homens em todas as esferas da vida. Nesse livro, ela também se dedicou àquilo que, nos anos seguintes, constituirá um dos eixos estratégicos dos movimentos antigênero e de outros atores antifeministas<sup>57</sup>: questionar a validade dos dados sobre aborto, discriminação sexista, violência doméstica e contra as mulheres em geral. JUNQUEIRA, 2018, p. 464.

<sup>121</sup> SOMMERS, Christina Hoff. *Who stole feminism? How woman have betrayed woman*. New York: SIMON & SCHUSTER, 1994. p. 322. *E-book*.

<sup>122</sup> O’Leary é uma ativista católica militante que participou como delegada das Conferências da ONU (Cairo 1994 e Pequim 1995). O’Leary faz um relato dessas conferências e descreve, sob seu ponto de vista, a ação das feministas em apresentar o conceito de gênero e como a ONU assume a chamada perspectiva de gênero para as políticas públicas sobre os direitos das mulheres. RODRIGUES, Julian. *Gênero, vai pra Cuba: a chamada ideologia de gênero e as disputas em torno do Plano Nacional e do Plano Municipal de Educação de São Paulo*.



promotora de ações anti-aborto e da Associação Nacional para a Investigação e Terapia da Homossexualidade que promovia a terapia reparadora da homossexualidade e que escreveu o livro “A Agenda de gênero: redefinindo a igualdade”<sup>123</sup>, citado anteriormente.

Porém, o discurso popular, que mascara e tergiversa o verdadeiro conteúdo dos Estudos de Gênero, é produzido pelos bispos, padres e pastores midiáticos. Eles são as *pontas de lança*, a *infantaria* da estratégia vaticana para desestabilizar quaisquer discursos que não promovam hierarquias sexuais, educação para a sexualidade ou reafirmem arranjos familiares não heteronormativos. Estes discursos querem a repatologização das sexualidades e transgeneridades além de cercear os direitos e garantias fundamentais das mulheres e grupos LGBTQI+, principalmente a partir da produção de cartilhas para o *povo* ou *mídias* para o YouTube ou WhatsApp com um conteúdo de *pânico moral*.

Rogério Junqueira demonstra como o Pontifício Conselho para as Famílias, no ano 2000, liderado pelo Cardeal Trujillo, criou um *Lexicon* para definir o termo *ideologia de gênero*, encarregando a teóloga alemã Jutta Burggraf, também da Universidade de Navarra, membro da Opus Dei e conhecida de O’Leary, que escreve o artigo “O que quer dizer gênero? Em torno de um novo modo de falar”<sup>124</sup>, publicado inicialmente na Costa Rica numa editora também de membros da *Opus Dei*.

Nele, baseando-se na Teologia do Corpo e considerando as críticas de Sommers ao ‘feminismo do gender’ e as contribuições de O’Leary, a teóloga alemã se mostra alarmada com o fato de que a ‘ideologia feminista do gender’ conduz ao questionamento radical da família e do seu significado social [...] Dedicase particularmente à naturalização das concepções de corpo, família, feminilidade, masculinidade, sexo e heterossexualidade, seguindo uma linha argumentativa simples: homens e mulheres vivem experiências diferentes segundo as constituições biológicas que lhes são próprias e que intervêm profundamente no organismo e na psicologia de cada um.<sup>125</sup>

A difamação dos Estudos de Gênero como *ideologia de gênero* circulou então pelas Conferências Episcopais de vários países, sobretudo no Peru<sup>126</sup> que elaborou um grande documento, talvez o mais extenso sobre o tema, seguido pela Conferência Episcopal

---

Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e Sociais) – Programa de Pós-graduação em Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do ABC, São Paulo, 2019. p. 45.

<sup>123</sup> O’LEARY, 1997, p. 3.

<sup>124</sup> Mais sobre o livro em: BURGRAFF, Jutta. *¿Qué quiere decir género?* em tuerno a nuevo modo de hablar. San José: Ediciones Promesa, 2004. [pdf]

<sup>125</sup> JUNQUEIRA, 2018, p. 472.

<sup>126</sup> Para mais informações: CONFERÊNCIA EPISCOPAL PERUANA. *A ideologia de gênero: seus perigos e alcances*. Lima: [s.n.]. 2008. [online].

Portuguesa<sup>127</sup>. Muitas outras Conferências Episcopais e Dioceses em todo mundo começaram então a adotar o termo(sintagma) *ideologia de gênero* e produziram cartilhas catequéticas populares, distribuídas nas igrejas para alertar os seus fiéis sobre essa *ideologia* que, segundo eles, ameaça a concepção natural de homem e mulher, matrimônio e, conseqüentemente, a família tradicional cristã, apoiados no Léxico<sup>128</sup> do Pontifício Conselho para as Famílias.

Em 2011, ocorreu o I Congresso Internacional de Ideologia de Gênero, na Universidade de Navarra, em Pamplona, na Espanha, fundada em 1952 pela Opus Dei e que tem lá a sua sede. Sete anos depois, o ápice desse acolhimento hierárquico do sintagma *ideologia de gênero* foi explicitado na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia* do Papa Francisco na primeira metade do parágrafo 56, descrito abaixo:

Outro desafio surge de várias formas duma ideologia genericamente chamada *gender*, que nega a diferença e a reciprocidade natural de homem e mulher. Prevê uma sociedade sem diferenças de sexo, e esvazia a base antropológica da família. Esta ideologia leva a projetos educativos e diretrizes legislativas que promovem uma identidade pessoal e uma intimidade afetiva radicalmente desvinculadas da diversidade biológica entre homem e mulher. A identidade humana é determinada por uma opção individualista, que também muda com o tempo. Preocupa o fato de que algumas ideologias deste tipo, que pretendem dar resposta a certas aspirações por vezes compreensíveis, procurarem impor-se como pensamento único que determina até mesmo a educação das crianças. É preciso não esquecer que sexo biológico (*sex*) e função sociocultural do sexo (*gender*) podem-se distinguir, mas não separar. Por outro lado, a revolução biotecnológica no campo da procriação humana introduziu a possibilidade de manipular o ato generativo, tornando-o independente da relação sexual entre homem e mulher. Assim, a vida humana bem como a paternidade e a maternidade tornaram-se realidades componíveis e descomponíveis, sujeitas de modo prevaemente aos desejos dos indivíduos ou dos casais. Uma coisa é compreender a fragilidade humana ou a complexidade da vida, e outra é aceitar ideologias que pretendem dividir em dois os aspectos inseparáveis da realidade. Não caíamos no pecado de pretender substituímos ao Criador. Somos criaturas, não somos onipotentes. A criação precede-nos e deve ser recebida como um dom. Ao mesmo tempo somos chamados a guardar a nossa humanidade, e isto significa, antes de tudo, aceitá-la e respeitá-la como ela foi criada.<sup>129</sup>

Além da *Amoris Laetitia*, o Papa Francisco é o Pontífice que mais tem enveredado uma luta contra os Estudos de Gênero principalmente em seus discursos públicos no Vaticano e nas viagens apostólicas, pois reforçam e legitimam a ação dos outros líderes católicos em todo o mundo. Francisco diz acolher um pedido do Papa Bento XVI, que o admoestou para que combatesse *o pecado contra o Criador*, como disse no Diálogo com os Bispos Poloneses

<sup>127</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA [Site institucional]. *A propósito da ideologia de gênero*. 2013. [n. p.]. [online].

<sup>128</sup> Mais informações em: PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA. *Lexicon: termos ambíguos e discutidos sobre família, vida e questões éticas*. São Paulo: Salesianas, 2007.

<sup>129</sup> FRANCISCO, 2016, p. 48.

nas Jornadas Mundiais da Juventude em Cracóvia, no ano de 2016, três meses antes do Sínodo dos Bispos e sua conclusão que produziu a *Amoris Laetitia*:

Na Europa, nos Estados Unidos, na América Latina, na África, nalguns países da Ásia, existem verdadeiras colonizações ideológicas. E uma delas – digo-a claramente por ‘nome e apelido’ - é o *gender*! Hoje às crianças – às crianças! –, na escola, ensina-se isto: o sexo, cada um pode escolhê-lo. E por que ensinam isto? Porque os livros são os das pessoas e instituições que te dão dinheiro. São as colonizações ideológicas, apoiadas mesmo por países muito influentes. E isto é terrível. Em conversa com o Papa Bento – que está bem e tem um pensamento claro – dizia-me ele: ‘Santidade, esta é a época do pecado contra Deus Criador’. É inteligente! Deus criou o homem e a mulher; Deus criou o mundo assim, assim e assim; e nós estamos a fazer o contrário. Deus deu-nos um estado ‘inculto’ para que o fizéssemos tornar-se cultura; e depois, com esta cultura, fazemos as coisas que nos levam ao estado ‘inculto’! Devemos pensar naquilo que disse o Papa Bento: ‘É a época do pecado contra Deus Criador’.<sup>130</sup>

O mais recente documento produzido pelo Vaticano, a pedido do Papa Francisco, foi justamente uma instrução da Congregação para Educação Católica, presidida pelo cardeal Giuseppe Versaudi, em fevereiro de 2019, que delineou, ponto a ponto, o pensamento da Igreja Católica Romana contra os Estudos de Gênero (*Gender Theory*) a quem a Igreja, comprovada e estrategicamente, rotulou de *ideologia de gênero*. Este documento tem o objetivo de “oferecer algumas reflexões que possam orientar e encorajar quantos estão empenhados na educação das novas gerações para fazer face, com método, às questões mais atuais acerca da sexualidade humana”, [com um, porém] “à luz da vocação para o amor a que cada pessoa humana é chamada”<sup>131</sup>. E ainda denuncia as políticas públicas em favor das minorias, quando diz que “esta ideologia induz a projetos educativos e orientações legislativas que promovem uma identidade pessoal e uma intimidade afetiva radicalmente desvinculada da *diferença biológica* entre masculino e feminino”<sup>132</sup>.

Vamos elencar aqui algumas manifestações do Papa Francisco contra os Estudos de Gênero e que acentuam sua intenção de dar uma posição definitiva sobre esse tema. Em março de 2015, o Papa Francisco, nas Filipinas, se referiu às *colonizações ideológicas* que afetam seriamente a família, pois são “modalidades e propostas que existem na Europa e chegam também do outro lado do Oceano. E há também esse erro da mente humana que é a teoria de gênero, que cria tanta confusão”<sup>133</sup>.

<sup>130</sup> FRANCISCO, Papa. *Encontro com os Bispos Poloneses*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2016. [n. p.]. [online].

<sup>131</sup> CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. “Homem e mulher os criaram” para uma via de diálogo sobre a questão do “gender” na educação. Vaticano: [s.n.]. 2019. p. 5. [pdf].

<sup>132</sup> CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, 2019, p. 12. [grifo do texto]

<sup>133</sup> IHU. [Site institucional]. *O gênero de Francisco*. 07 out. 2016. [n. p.]. [online].

No final de julho de 2016, dirigindo-se aos bispos da Polônia, Francisco afirmou que:

[...] na Europa, na América, na América Latina, na África, em alguns países da Ásia, há verdadeiras colonizações ideológicas. E uma destas, digo claramente com nome e sobrenome – é a ideologia de gênero! Hoje ensinam às crianças – às crianças –, que estão na escola: que cada um pode escolher o seu sexo. E por que ensinam isto? Porque os livros são das pessoas e instituições que lhes dão dinheiro. São as colonizações ideológicas, sustentadas também por países muito influentes. Isto é terrível.<sup>134</sup>

Em abril de 2015, o Papa Francisco fez uma catequese sobre o ser humano criado por Deus como homem e mulher, na qual disse:

A cultura moderna e contemporânea abriu novos espaços, novas liberdades e novas profundidades para o enriquecimento da compreensão desta diferença. Mas introduziu também muitas dúvidas e muito ceticismo. Por exemplo, pergunto-me se a chamada teoria do gênero não seja expressão de uma frustração e de uma resignação, que visa a cancelar a diferença sexual porque não sabe mais como lidar com ela. Sim, corremos o risco de dar um passo atrás. A remoção da diferença, na verdade, é o problema, não a solução.<sup>135</sup>

Na tradicional coletiva de imprensa que oferece na volta das suas viagens internacionais, especificamente no voo de Azerbaijão a Roma, o papa assinalou que “Quando uma pessoa tem essa condição e chega diante de Jesus, o Senhor não lhe dirá: Vai embora porque você é homossexual! Não! Eu me referi sobre a maldade que se faz hoje com a doutrinação da teoria de gênero”<sup>136</sup>.

Em suas viagens, Francisco preferiu visitar países do catolicismo mais pobres e outros ainda onde a Igreja Católica Romana não é dominante. Apesar de estar em crescente declínio de fidelização em comparação ao crescimento populacional e o aumento do número de conversões ao islamismo e protestantismo, a Igreja Católica Romana, com seu status de Estado-nação, mantém indiscutivelmente seu poder moral, sobretudo nos Estados onde o catolicismo é predominante e não só. Seguindo o adágio antigo “o inimigo do meu inimigo é o meu amigo”<sup>137</sup>, a Igreja Católica Romana consegue reunir para uma pauta comum países de diferentes (e até opostas) confissões e religiões como analisa Rogério Junqueira:

Cabe ressaltar que, ao ganhar a arena pública em todos os continentes, essa agenda antigênero, não obstante a matriz católica de seu discurso, passou a contar com

<sup>134</sup> BERDEJO, Eduardo. *Papa denuncia: países influentes financiam a ideologia de gênero nas escolas*. In: ACIDIGITAL. 03 ago. 2016. [n. p.]. [online].

<sup>135</sup> FRANCISCO, Papa. *Audiência geral*. Vaticano: LibreriaEditrice Vaticana, 2015. [n. p.]. [online].

<sup>136</sup> IHU, 2016. [n. p.].

<sup>137</sup> DIAS, Ronie Gonçalves. *O inimigo do meu inimigo é meu amigo?* 2016. [n. p.]. [online].

adesões de diversas denominações religiosas, dentre elas, as igrejas evangélicas neopentecostais. Essas, porém, não constituem alvo desse estudo por não terem cumprido – até onde se sabe – papel protagonista de primeira hora na gênese do sintagma ‘ideologia de gênero’[...] Junto aos organismos internacionais, o Vaticano tem sido hábil em influenciar ou tecer alianças com países contrários a reconhecer ou ampliar os direitos sexuais ou a apoiar perspectivas de equidade de gênero no âmbito das resoluções e recomendações, em nome da defesa dos ‘valores tradicionais’ e contra a imposição de medidas ‘ocidentais’, ‘pós-coloniais’ ou ‘imperialistas’. Em níveis locais, também se pode registrar coalizões antigênero quer entre diferentes grupos cristãos (católicos, protestantes tradicionais, evangélicos, ortodoxos) quer entre judeus, muçulmanos, mórmons, espíritas e outros.<sup>138</sup>

Mesmo com a laicidade dos países promulgada em constituição, os agentes políticos primam por satisfazer algumas demandas religiosas, seja por acreditarem nelas, seja por dependerem dos votos de quem acredita nelas para a manutenção do poder. Enquanto for hegemônico nos estados de sua maioria, pode-se esperar, cada vez mais, interferência do cristianismo, principalmente de ordem moral, sobretudo onde líderes religiosos reforçam-se como líderes civis. E quando não o são, por maioria, sempre haverá o discurso hierárquico conservador para ser uma voz contrária à *des-ordem natural* promovida pelas outras minorias. Fernanda Coelho e Naira Santos sintetizaram com maestria o achaque desses matizes políticos: O incômodo e a resistência dos segmentos religiosos conservadores à agenda da igualdade de gênero não fazem mais do que confirmar aquilo que eles mesmos lhe reconhecem: “o seu potencial revolucionário e transformador”<sup>139</sup>.

É essa construção de gênero como ideologia, cujos ecos reverberam em todo o mundo católico, que se configura de fato como uma ‘ideologia’, na medida que não só escamoteia a divisão social quanto opera separação entre ideias dominantes e indivíduos dominantes e entre essas idéias que são dominantes e homens e mulheres concretos e reais.<sup>140</sup>

A seguir abordaremos os significados históricos e conceituais do próprio termo *ideologia*, seus usos e desusos, a fim de perceber como o discurso religioso inverteu (ou perverteu) a própria interpretação do termo em benefício próprio, depreciando o caráter científico (acadêmico) dos Estudos de Gênero.

<sup>138</sup> JUNQUEIRA, 2018, p. 452.

<sup>139</sup> COELHO, Fernanda Marina Feitosa; SANTOS, Naira Pinheiro dos. A mobilização católica contra a “ideologia de gênero” nas tramitações do plano nacional de educação brasileiro. *Religare*, v. 13, n. 1, p. 27-48, jul. 2016. p. 47. [pdf].

<sup>140</sup> COELHO; SANTOS, 2016, p. 45.

## 2.2 Gênero e *cultura humana*: críticas das ideologias

Mas realmente o que é uma ideologia? Por que hoje esse termo que, no fim do século XVIII e início do século XIX, parecia indicar um conjunto ordenado de pensamento, fruto da mais pura racionalidade científica humana, torna-se tão pejorativo? E por que precisa ser diminuído, hostilizado e combatido? O cantor brasileiro Agenor de Miranda Araújo Neto, o Cazuza, cantou: *Ideologia! Eu quero uma pra viver*, música gravada em 1987 em co-autoria com Roberto Frejaj, num contexto de: pós-ditadura militar no Brasil, ascensão do vírus da AIDS, as lutas pelas *Diretas Já* e o inconformismo da juventude. Embora o imaginário social vigente, na época, fosse o de uma sociedade sem ideais por que lutar, hoje se pode afirmar que tal sentimento não corresponde à realidade, “já que não há sujeito sem ideologia”<sup>141</sup>. “Nesse entendimento, pode-se considerar que o enunciado *ideologia, eu quero uma pra viver*, é uma maneira que o compositor encontra para ironizar ou protestar contra a passividade da população diante do cenário de crise que dominava o país”<sup>142</sup>.

O termo *ideologia* foi criado por Destutt de Tracy (1754-1853), em fins do século XVII, no interior de um movimento intelectual surgido na França. O seu sentido ligava-se à formação das ideias, segundo Marcelo Perine: “Em sentido lato, a ideologia é a ciência das ciências, em sentido estrito, ela é um ponto de vista desta Ciência, o do sujeito, que coabita com outros pontos de vista: os dos meios, chamado de ‘Gramática’ e o do fim, chamado de ‘Lógica’”<sup>143</sup>.

Se em Destutt de Tracy a ideologia assume contornos positivos, com Karl Marx e Friedrich Engels, ela assumirá outro significado, muito mais popular e pejorativo. Para os marxistas, ideologia é pura ilusão, ocultamento da realidade, conjunto de representações e mistificação produzida pelas ideias da classe dominante.<sup>144</sup>

Ao criticar a filosofia idealista de Friedrich Hegel, Karl Marx quis desmascarar a produção intelectual apartada da construção histórica do sujeito, como era a filosofia de Platão e dos *ideólogos* franceses e alemães que sustentavam a própria essência do homem

<sup>141</sup> ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso*: princípios e procedimentos. 10. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012, p. 47.

<sup>142</sup> AGRA, Grace Terra Santos; CARVALHO, Magda Wacemberg Pereira Lima; AZEVEDO, Nadia Pereira Gonçalves. Análise discursiva das formações ideológicas nas músicas de Cazuza. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE AMÉRICA LATINA, (ALFAL), XVII, 2014, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: ALFAL, 2014. p. 1609-1618. p. 1616-1617. [pdf].

<sup>143</sup> PERINE, Marcelo. Filosofia e crítica das ideologias. *Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, v. 18, n. 52, p. 13-34, 1991. p. 16. [pdf].

<sup>144</sup> PERINE, 1991, p. 16.

como ideia, racionalizando e justificando os acontecimentos históricos e não a realidade material de sua produção.

A hostilidade de princípio diante da história faz com que o ideólogo, assim como o filósofo idealista, não leve em conta as condições concretas da formação das ideias, que estão ligadas à divisão do trabalho, à instituição da cidade, do Estado e da escrita. Aí está, segundo Marx/Engels, a ilusão ideológica característica de toda a filosofia, da qual só é possível libertar-se através de uma atitude, isto é, uma prática, totalmente oposta à dos idealistas e ideólogos.<sup>145</sup>

Para a Sociologia, porém, a ideologia, principalmente na ciência política, não assume contornos tão negativos assim. O político encontra na ideologia um forte alimento para suas convicções. A ideologia se apresenta, para ele, como um conjunto mais ou menos coerente de crenças que dão sentido à sua experiência e contribuem para orientar sua conduta. Perine identifica inclusive esta versão da sociologia com a religião.

A ideologia pode ser considerada como a versão moderna das interrogações do homem sobre o seu destino, sobre o sentido da sua existência. Ao contrário do homem religioso que, como a personagem do livro de Jô, dirige a Deus as suas interrogações, o homem moderno acabou substituindo a teodicéia pela sociodicéia[...]o milagre para a teodicéia e a utopia para a sociodicéia tem a função de assegurar a síntese do possível e do real. Essa síntese é imaginária.<sup>146</sup>

Faculdade Unida de Vitória

Orlandi demonstra como se faz uma produção ideológica do discurso. O discurso religioso apresenta os Estudos de Gênero como uma produção ideológica (falseamento) que tergiversa sem nenhum conceito daquilo que apresenta, porém “a ideologia ocorre quando há a cristalização e naturalização do simbólico fazendo-o a-histórico, imutável e sempiterno”<sup>147</sup>, ou seja, segundo Orlandi: “Esse é o trabalho da ideologia: produzir evidências colocando o homem na sua relação imaginária com suas condições materiais de existência”<sup>148</sup>. Isso não se aplica tão somente no discurso religioso, mas em todo e qualquer discurso.

Além de dialógico e histórico, o discurso é fenômeno ideológico. Obviamente, o discurso, semioticamente, realiza ou materializa ideologias. Contudo, é preciso antecipar que ideologia para a análise do discurso não é ocultação da realidade ou distorção da classe opressora para manter em claustro os grupos despossuídos. Ou seja, todo o discurso representa ou veicula visão de mundo, revela imaginários, ideias e memórias de grupos através dos quais se pensa ou se representa a realidade [...] o discurso, nesse sentido, representa grupos e, uma vez inserido em formações

<sup>145</sup> PERINE, 1991, p. 23.

<sup>146</sup> PERINE, 1991, p. 24.

<sup>147</sup> ORLANDI, 2012, p. 43.

<sup>148</sup> ORLANDI, 2012, p. 46.

ideológicas, denuncia as concepções de mundo desde os traços enunciativos às metáforas de composição do texto.<sup>149</sup>

Para a constituição dos próprios sujeitos está a ideologia, não somente como um conjunto de representações, visão de mundo (paradigmas) ou *falseamento/ocultação* da realidade, mas, sobretudo na significação dos mesmos na criação do próprio sujeito e da própria realidade. Não há realidade sem ideologia, não há sujeito sem ideologia e as *estruturas-funcionamentos* que a autoproduzem, a linguagem e a existência histórica material dos indivíduos.<sup>150</sup>

A ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido. E como não há relação termo-a-termo entre linguagem/mundo/pensamento essa relação torna-se possível porque a ideologia intervém com seu modo de funcionamento imaginário.<sup>151</sup>

Se analisarmos o discurso religioso, tal como demonstrado na seção anterior, que se apropria das narrativas bíblicas da criação do homem e da mulher e sua relação para constituição da família como um dado natural (*e assim os fez*) e sempiterno (*desde o princípio*) não fica difícil afirmar que se trata de um discurso ideológico que cria os sujeitos (homem, mulher, família, matrimônio, igreja) e que, ao mesmo tempo, se autoproduz e autoconserva, como se essa realidade sempre existisse sendo necessária sua preservação, nas palavras de Bento XVI: “quem defende Deus, defende o homem”<sup>152</sup>.

O que parece de fato interessar é que uma eficiente estratégia discursiva, conduzida por enunciatários fortemente referendados e aliada a um cenário e a um caldo de cultura favoráveis, possa obter uma dose de convicção e adesão suficiente para, socialmente, fazer criar e perceber aquilo que enuncia. Aqui, o objeto é construído e se evidencia pelo discurso que o denuncia. Seus detratores são seus inventores.<sup>153</sup>

A filósofa Marilena Chauí, em seu livro *O que é Ideologia?*<sup>154</sup>, apresenta o conceito marxista de ideologia que bem se aplica à prerrogativa da ideologia em transformar o interesse particular em interesse universal, criando um senso comum que torna o conjunto de ideias de uma classe (dominante) aceita por todas as classes e separa as ideias das reais

<sup>149</sup> TERRA, Kenner Roger Cazotto. Teorias da linguagem e estudos do discurso: apontamentos metodológicos para uma análise do discurso religioso. *Horizonte*, v. 16, n. 51, p. 1085-1106, set./dez. 2018. p. 1093. [pdf].

<sup>150</sup> ORLANDI, 2012, p. 47.

<sup>151</sup> ORLANDI, 2012, p. 48.

<sup>152</sup> BENTO XVI, 2012. [n. p.]. [online].

<sup>153</sup> JUNQUEIRA, 2018, p. 461.

<sup>154</sup> Mais sobre a obra em: CHAUI, Marilena. *O que é ideologia?* 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.



formas materiais de existência dos seres humanos. Enquanto perdurar esta separação, a ideologia cumpre o seu papel, criando sujeitos dominantes e sujeitos dominados.

Assim, por exemplo, na ideologia burguesa, a família não é entendida como uma relação social que assume formas, funções e sentidos diferentes tanto em decorrência das condições históricas quanto em decorrência da situação de cada classe social na sociedade. Pelo contrário, a família é representada como sendo sempre a mesma (no tempo e para todas as classes) e, portanto, como uma realidade natural (biológica), sagrada (desejada e abençoada por Deus), eterna (sempre existiu e sempre existirá), moral (vida boa, pura, normal, respeitada) e pedagógica (nela se aprende as regras da verdadeira convivência entre os homens, com amor dos pais pelos filhos, com o respeito e o temor dos filhos pelos pais, com amor fraterno). Estamos, pois, diante da ‘ideia’ da família e não diante da realidade histórico-social da família.<sup>155</sup>

Para Chauí e os marxistas, a ideologia consiste em tornar as ideias como independentes da realidade, são as ideias que explicam o real, quando na verdade é a própria realidade que deveria tornar compreensível as ideias elaboradas e a capacidade que elas devem possuir para explicar a realidade que as provocou. Segundo os postulados marxistas, os princípios da contradição histórica (motor da dialética hegeliana, apresentada por Chauí) é que estabelecem a transformação da causa material da existência dos homens e mulheres (materialismo histórico-dialético), que não é matéria no sentido físico da palavra, mas toda a produção laboral de transformação da natureza, e nossa própria transformação, é matéria social, ou seja, *a cultura*.<sup>156</sup>

Aqui, temos um ponto nevrálgico, para não dizer dialético, e que está no cerne dos detratores dos Estudos de Gênero, a saber, a discussão entre natureza e cultura. Sim, pois se evoca, para proteger a família e os gêneros binários *masculinos/feminino*, um recurso no *natural/natureza*. Há uma diferença muito grande quando falamos em *natureza*. Há a natureza enquanto minerais, flora e fauna (montanhas, florestas, animais), ou seja, que remetem à ecologia e, como vimos na seção 1.2 deste opúsculo, há uma natureza pensada como *essência* e que remete ao ser humano e suas produções. Dessa *natureza* pensada como essência é que podemos falar em história natural, direito natural e natureza humana, para o discurso religioso, criada e governada pelo Deus-criador. “A religião, como toda a ideologia, consiste em substituir o mundo real (mundo sem espírito) por um mundo imaginário (mundo com espírito)”<sup>157</sup>. Daí vem a alienação, outro termo caro à crítica da ideologia do marxismo, ou seja, atribuir a um *outro* o que é próprio do ser humano.

<sup>155</sup> CHAUI, 2008, p. 81.

<sup>156</sup> CHAUI, 2008, p. 40-41.

<sup>157</sup> CHAUI, 2008, p. 86.

Em *As palavras e as coisas*<sup>158</sup>, Michel Foucault explicita as origens dos ordenamentos sociais pela cultura, por que são diferentes historicamente e como se modificam paradigmaticamente pela linguagem, saltando da experiência para ideia, e de uma nova ideia para uma nova experiência, criando palavras e coisas, ou melhor, a representação das palavras e das coisas.

Os códigos fundamentais de uma cultura – aqueles que regem sua linguagem, seus esquemas perceptivos, suas trocas, suas técnicas, seus valores, a hierarquia de suas práticas – fixam, logo de entrada, as ordens empíricas com as quais terá de lidar e nas quais se há de encontrar. Na outra extremidade do pensamento, teorias científicas ou interpretações de filósofos explicam porque há uma ordem em geral, a que lei geral obedece, que princípio pode justificá-la, porque razão esta ordem estabelecida é desta maneira e não outra. Mas, entre essas duas regiões tão distantes, reina um domínio que, apesar de ter sobretudo um papel intermediário, não é menos fundamental: é mais confuso, mais obscuro e, sem dúvida menos fácil de analisar.<sup>159</sup>

Foucault diz que este *vazio* entre uma coisa e outra faz uma cultura perceber que o ordenamento pode não ser o único e melhor, ou seja, é passível de crítica, que esta ordem muda ou que sequer há ordem, obrigando a cultura a libertar-se destes grilhões e encontrar-se em outra ordem. “É em nome dessa ordem que os códigos da linguagem, da percepção, da prática são criticados e parcialmente invalidados”<sup>160</sup>.

Partindo da história do pensamento filosófico, constata-se, então, que não se pode falar em *natureza humana*, justamente porque “não há uma essência humana, pois o homem é um ser histórico que se faz em condições históricas (no tempo) diferentes”<sup>161</sup>. Tudo o que existe é aquilo que a humanidade produziu no tempo, as suas condições históricas de existência: *a cultura*. Não existe nada em nós, nem que saia de nós que nos seja natural, tudo é cultural. É a partir destes pressupostos que as teóricas (não ideólogas) dos Estudos de Gênero vão pressupor que a compreensão de sexo não pode ser tomada como algo *natural*, e muito menos *divino*, mas como uma construção social historicamente determinada, como afirma Michelle Perrot: “No sentido em que a pesquisa feminista a compreende atualmente, a saber, a diferença dos sexos tal qual é construída pela cultura e pela história, esta, sem dúvida, não tem

<sup>158</sup> FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 9.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

<sup>159</sup> FOUCAULT, 2007, p. XVI.

<sup>160</sup> FOUCAULT, 2007, p. XVII.

<sup>161</sup> CHAUI, 2008, p. 76.

grande sentido para a Igreja que não cessa de reafirmar o primado de uma natureza querida por Deus e criada por ele”<sup>162</sup>.

Imaginar a valia destes discursos ainda mais quando se trata de teorias há muito tempo carregadas de camadas e mais camadas de interpretação acerca do corpo, gênero e sexo, suscitam à Rosado-Nunes e Carranza a pergunta: “Mas, para que insistir em repensar essas categorias tão estabelecidas?”<sup>163</sup>. Elas encontram, porém, em Butler a resposta, tal como pretendemos no capítulo 3 desta dissertação: “É para termos uma intervenção no mundo [...], pois o mundo não pode mudar sem ter uma intervenção crítica”<sup>164</sup>.

Repensar definições é interrogar processos históricos. Essa foi a tarefa dos estudiosos e estudiosas que se debruçaram sobre as categorias que por séculos haviam relegado as mulheres à ‘natureza’ alçando os homens à condição de criadores da cultura.<sup>165</sup>

Colocando a *natureza* sob suspeita, os Estudos de Gênero alçaram uma verdadeira revolução. Pois em xeque está o ordenamento da classificação binária da humanidade e a funcionalidade e finalidade do sexo, entendidos e compreendidos a partir de discursividades de poder. Para fugir à perseguição religiosa na Idade Moderna, os médicos e biólogos separaram o corpo da alma, os Estudos de Gênero agora querem liberar os corpos tanto do reducionismo biológico, quanto do misticismo religioso, dando-lhe visibilidade histórico-crítica.

Questionam os pressupostos que submetem os seres humanos a uma inexorável lei da natureza, legitimando uma ordem social em que as relações entre os sexos são organizadas de maneira assimétrica no trabalho, na esfera doméstica e na política. Alertam para o poder da linguagem, discursiva e simbólica, como estruturadora de subjetividades e de identidades e sua função neutralizadora de conceitos, definições e preconceitos que trazem um impacto social.<sup>166</sup>

Este impacto social, produzido pela produção cultural da linguagem, vai ser explicitado a seguir num exemplo da utilização de uma produção gramatical eivada de simbologia, o sintagma *ideologia de gênero* que, no seu percurso dentro dos ambientes legislativos, nos discursos de líderes e adeptos, tinha o claro objetivo de promover um *pânico*

<sup>162</sup> PERROT, Michelle. 2002 *apud* ROSADO-NUNES, Maria José. A “ideologia de gênero” na discussão do PNE: A intervenção da hierarquia Católica. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 13, n. 39, p. 1237-1260, jul./set. 2015.p. 1252. [pdf].

<sup>163</sup> ROSADO-NUNES; CARRANZA, 2019. p. 939.

<sup>164</sup> BUTLER, Judith. Corpos que importam. *Sapere Audi*, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 12-16, 2015. p. 13. [pdf].

<sup>165</sup> ROSADO-NUNES; CARRANZA, 2019, p. 940.

<sup>166</sup> ROSADO-NUNES; CARRANZA, 2019, p. 954.

*moral* para ridicularizar o pensamento feminista de gênero e desmoralizar toda e qualquer política que assegurasse uma condição de existência melhor para as minorias e diversidades.

### 2.3 Gênero e Estado laico brasileiro: políticas públicas de minorias e diversidade

A aprovação do Plano Nacional de Educação (PNE), Lei 13.005/2014, para o decênio 2014 a 2024, ficou marcada pela oposição de católicos e evangélicos à utilização do termo *gênero* no documento com manifestações muito acirradas e discursos acalorados contra a *ideologia de gênero*. Aqui se aplica mais uma vez o adágio antigo “o inimigo do meu inimigo é o meu amigo”<sup>167</sup>, protagonizando uma verdadeira *cruzada* católica e evangélica contra os apoiadores da discussão do gênero nas escolas que visavam simplesmente minimizar o discurso de ódio e da violência de gênero mulheres e grupos LGBTQI+ cada vez mais visibilizados no Brasil.<sup>168</sup>

Vamos demonstrar a estratégia católica para desconfeccionar o discurso religioso, alcançar o máximo de adeptos possíveis, mesmo nos círculos não religiosos, atingindo assim os seus intentos de mobilização de defesa do *Criador e das criaturas* - como pediu Bento XVI -, da família e do matrimônio no sintagma produzido *ideologia de gênero*, criado e difundido mundialmente pela própria Igreja Católica Romana para desmoralizar a produção feminista de conhecimento e dissuadir campanhas de minorias, como o casamento homossexual, a educação sexual e de gênero nas escolas, e demais políticas públicas de diversidades.

No dia 10 de Agosto de 2016, houve um evento promovido pela Comissão de Defesa dos Direitos das Mulheres, da Câmara dos Deputados, neste evento, o Padre Paulo Ricardo de Azevedo Júnior foi convidado para participar de uma audiência pública sobre *O significado da palavra gênero*. O padre, grande You Tuber com um canal de catequese e formação católica de cerca de 1,02 milhões de inscritos, da Arquidiocese de Cuiabá, afirmou que o plano da *ideologia de gênero* era a destruição da família natural, a partir de um projeto socialista (marxista). Ele aponta, citando a Conferência de Pequim, como o derradeiro projeto político das *ideólogas* do Gênero:

A agenda de defesa do direito da mulher estava sendo raptada por outra agenda [...] um projeto socialista cuja finalidade é desmontar a família natural, a família da qual as pessoas nascem, a família da qual o homem e a mulher se unem sexualmente e da

<sup>167</sup> DIAS, 2016, [n. p.].

<sup>168</sup> SOUZA, Sandra Duarte de. “Não à ideologia de gênero!” A produção religiosa da violência de gênero na política brasileira. *Estudos de Religião*. v. 28, n. 2, p. 188-204, jul./dez. 2014. p. 190.

qual nascem as crianças [...] numa aparente vontade de se defender o direito da mulher o que se estava fazendo era outra coisa: destruir a família!<sup>169</sup>

Em suas palestras e mesmo em outros vídeos, o Padre Paulo Ricardo prefere não usar um discurso catequético católico para justificar suas posições contra os Estudos de Gênero, pelo contrário, ele sabe que não pode só convencer os católicos para atingir os objetivos, de interferir no PNE contra o sintagma *gênero*, mas precisa também dos evangélicos, pentecostais, outras confissões religiosas, agnósticos e ateus. Em outro vídeo, com o título *Ideologia de Gênero e o Estado Totalitário*, ele afirma que “o Estado não pode decretar nada contra a Lei natural, pois o cristão nunca irá obedecer”<sup>170</sup> e conclama as pessoas para uma mobilização política nacional contra a inserção da discussão de gênero nas escolas públicas.<sup>171</sup>

O Cardeal Dom Orani João Tempesta, Arcebispo do Rio de Janeiro, no contexto da apreciação do texto do PNE pelo Congresso Nacional, escreveu um artigo, *Reflexões sobre Ideologia de Gênero*<sup>172</sup>, que também vai ser citado por outros bispos em suas dioceses numa explícita campanha anti-gênero. No seu texto, o Cardeal inverte e detrata o objetivo dos Estudos de Gênero, dizendo que os mesmos são contra a diversidade, quando na verdade é exatamente o contrário. Promover o estudo das diferenças de gênero deveria promover a cultura e a diversidade humana. Assim se pronuncia Dom Orani: “É a leitura ideológica do ‘gênero’ uma verdadeira ditadura que quer anular a diversidade, homologar tudo até tratar da identidade do homem e da mulher como puras abstrações”, e continua: “É de perguntar-se com amargura se se quer fazer da escola ‘campos de reeducação’, de ‘doutrinação’”<sup>173</sup>.

Na esteira de Dom Orani, outros bispos vão reproduzindo todos os textos do constructo *ideologia de gênero* para divulgação em suas dioceses com petições aos católicos para manifestar-se contrariamente ao PNE. Mas não basta dissuadir os católicos. Esta *cruzada* tem que ser ampliada em mais frentes, principalmente com os evangélicos que possuem uma

<sup>169</sup> RICARDO, Paulo. *Padre Paulo Ricardo explica o que está por trás da palavra "gênero"*. [You Tube, 10 ago. 2016]. [S.l.]: Traduções Católicas, 2016. (16min. 46s). [online].

<sup>170</sup> RICARDO, Paulo. *A ideologia de gênero e o Estado totalitário*. [You Tube, 23 jun. 2015]. [S.l.]: Padre Paulo Ricardo, 2015. (9min 28s). [online].

<sup>171</sup> O projeto chamava-se ‘Escola sem homofobia’ e tinha como objetivo: contribuir para a implementação do programa Brasil sem homofobia pelo Ministério da Educação, através de ações que promovessem ambientes políticos e sociais favoráveis à garantia dos direitos humanos e da respeitabilidade das orientações sexuais e identidades de gênero no âmbito escolar brasileiro. CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. *Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. p. 11. [pdf].

<sup>172</sup> TEMPESTA, Orani João. Reflexões sobre a “ideologia de gênero”. In: ARQRIO [Site institucional]. 25 mar. 2014. [n. p.]. [online].

<sup>173</sup> TEMPESTA, 2014, [n. p.].

grande bancada na Câmara dos Deputados, nomeada de bancada da bíblia ou bancada evangélica.<sup>174</sup>

Outro YouTuber, de confissão alegadamente não católica, Nando Moura, com mais de 3,14 milhões de inscritos, na época em que se realizaria a palestra de Judith Butler, no SESC Pompeia, em São Paulo, em 7 de novembro de 2017, organizou uma petição para proibir a realização do evento. De fato, o Sesc foi atacado por uma horda de militantes contra a realização da palestra.<sup>175</sup> É digno de nota que o tema do Simpósio Internacional era sobre os *Os fins da democracia* e não sobre os Estudos de Gênero. Mesmo assim, recolheram um abaixo assinado com mais de 143 mil assinaturas no dia do vídeo.<sup>176</sup>

São diversas as estratégias utilizadas para o combate aos Estudos de Gênero e que mapearam a mesma relação entre religião e laicismo. Uma dessas expressões utilizada pela ala ideológica conservadora, apropriada do *autointitulado* filósofo Olavo de Carvalho é a de “revolução cultural”<sup>177</sup>. O papa Bento XVI usou a expressão: “revolução antropológica”<sup>178</sup>. Olavo associa os Estudos de Gênero à uma estratégia socialista, proposta por Gramsci e a Escola de Frankfurt para implantação do comunismo a partir dos elementos da cultura, haja vista que política e economicamente os Estados que aderiram a este regime mostravam-se *fracassados* (excluindo a China, obviamente).<sup>179</sup>

A mobilização católica conseguiu realmente aplicar um “pânico moral”<sup>180</sup> nos setores políticos e na população em geral, estereotipando os Estudos de Gênero e resgatando medos e preconceitos antigos do comunismo com a associação destes àqueles como mostramos na seção 2.1 desta dissertação. Outro recurso, sobriamente utilizado pelo discurso religioso, para o convencimento de suas justificativas antigêneros foi a possibilidade de transformar conceitos religiosos e teológicos em conceitos jurídicos ou políticos, como explica Junqueira.

[...] a desconfessionalização permitiu que ficassem menos evidentes as matrizes católicas do discurso antigênero, favorecendo que seus conteúdos pudessem revestir-se de certa laicidade ou até de aparente cientificidade, e passassem a figurar, com

<sup>174</sup> ALMEIDA, Ronaldo de. A onda quebrada - evangélicos e conservadorismo. *Cad. Pagu*, [S.l.], n. 50, 2017. [n. p.]. [pdf].

<sup>175</sup> FOLHA DE S. PAULO. *Manifestantes pró e contra Judith Butler protestam no Sesc Pompeia*. 2017. [n. p.]. [online].

<sup>176</sup> MOURA, Fernando. *A FARSA da ideologia de gênero*. [You Tube, 28 out. 2017]. [S.l.]: Nando Moura, 2017. (1min 29s). [online].

<sup>177</sup> RODRIGUES, 2019, p. 25.

<sup>178</sup> BENTO XVI, 2012, [n. p.].

<sup>179</sup> CARVALHO, Olavo de. *Olavo de Carvalho – marxismo cultural no Brasil*. [YouTube, 16 mar. 2016]. [S.l.]: Danilo Max, 2016. (9min 27s). [online].

<sup>180</sup> Expressão do sociólogo inglês Stanley Cohen em sua obra: COHEN, Stanley. *Folk Devils and Moral Panics: The Creation of Mods and Rockers*. London: MacGibbon & Kee, 1972.

essa roupagem, em documentos de Estado, diretrizes de políticas públicas, pronunciamentos de dirigentes públicos e até mesmo de lideranças religiosas.<sup>181</sup>

Como não se faz um jogo sem adversários e nem uma *cruzada* sem um inimigo, foi preciso criar a *polarização* para que se conhecessem os lados e assim se fomentasse uma verdadeira “guerra cultural”<sup>182</sup> ou “guerra sexual”<sup>183</sup>. “É necessário que meu inimigo exista para eu saber quem sou. Deus e o diabo fazem parte da mesma gramática”<sup>184</sup>. O cenário então foi criado: cristãos x ateus; capitalistas liberais x comunistas; conservadores x esquerdistas; homens de bem x feministas, homoerotismo x gayzismo e até mesmo família x Estado.

O slogan Mais Família, menos Estado – brandido com crescente frequência entre cruzados latino-americanos – pode não apenas expressar uma reiterada repulsa àquilo que costumam apontar como interferência indevida do Estado no espaço sagrado das famílias, mas também sinalizar a sua convergência com os ataques às estruturas do Estado social e aos direitos civis.<sup>185</sup>

Porém, se o Estado é laico e democrático, ou seja, veda discriminações de quaisquer espécies e fundamenta-se nos princípios da igualdade e do pluralismo, como legitimar um discurso religioso que insiste em manipular o jogo político a seu favor? Justamente tornando a moral religiosa em leis civis, jurisprudências e programas de governo.<sup>186</sup> A Congregação para a Educação Católica é crassa ao afirmar: “A família, enquanto sociedade natural na qual a reciprocidade e complementaridade entre homem e mulher se realizam plenamente, precede a mesma ordem sociopolítica do Estado, cuja livre atividade legislativa deve ter isso em conta e dar-lhe o justo reconhecimento”<sup>187</sup>.

Os Governos Fernando Henrique Cardoso (1995 – 2003), Luís Inácio Lula da Silva (2003 – 2010) e Dilma Rousseff (2010 – 2016) foram os governos que dialogaram com a

<sup>181</sup> JUNQUIERA, 2018, p. 460.

<sup>182</sup> Conceito de James Hunter de sua obra: HUNTER, James Davison. *Culture Wars: the struggle to define America*. New York: Basic Books, 1991. Analisou a mobilização de conservadores americanos contra temas polêmicos como o direito ao aborto e o casamento homossexual e a radicalização na esfera pública.

<sup>183</sup> Expressão “guerra sexual” trabalhada na obra de Gayle Rubin, *Thinking Sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality*, diz que “o sistema social não é uma estrutura monolítica, onipotente. Há batalhas contínuas sobre as definições, avaliações, arranjos, privilégios, e custos do comportamento sexual. A luta política sobre o sexo assume formas características”. RUBIN, Gayle. *Pensando o Sexo: notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade*. Florianópolis: UFSC, 2012. [n. p.]. [pdf].

<sup>184</sup> KARNAL, 2017, p. 69.

<sup>185</sup> JUNQUEIRA, 2018, p. 457.

<sup>186</sup> O Escola sem partido era um desses projetos. O PL 7.180/14 propunha alterar a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação Nacional. A proposta inicial era de que, entre os princípios do ensino estipulados pelo Artigo 3 da LDB, constasse um novo tópico que instaurasse: o respeito às convicções do aluno, de seus pais ou responsáveis; a prioridade dos valores de ordem familiar sobre a Educação escolar em temas relacionados à Educação moral, sexual e religiosa; a proibição de tratar esses temas de forma transversal ou com uso de técnicas “subliminares”.

<sup>187</sup> CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, 2019, p. 19.

perspectiva do feminismo de implantação de políticas favoráveis ao gênero, como veremos a seguir.

Com Fernando Henrique, instituiu-se o PNDH (Plano Nacional de Direitos Humanos), como descrito no artigo 2º no inciso IV, tinha por objetivo além de outras coisas, “reduzir condutas e atos de violência, intolerância e discriminação, com reflexos na diminuição das desigualdades sociais”<sup>188</sup>. O PNDH-II, em seu artigo 2º, inciso IV, ampliou ainda mais a aquisição de direitos, permitindo que os debates sobre discriminação e iniquidade de gênero, proposto pelos movimentos sociais das minorias, mulheres e, na época LGBTT (Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros) fossem levados para dentro das instâncias governamentais.<sup>189</sup>

Com o Governo Lula (2003-2010), a abertura aumenta ainda mais, envolvendo principalmente as mulheres e as minorias sexuais na própria elaboração dos programas. Realizou-se a 1ª Conferência Nacional de Política para as Mulheres, em junho de 2004, a segunda, em 2007, a terceira, em 2011, e, em 2016, a quarta conferência. Maria das Dores Machado destaca as realizações nesta área:

Entre as iniciativas governamentais para este período voltadas para estes segmentos sociais, destacar-se-iam a realização da 1ª Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres e o lançamento do Brasil sem homofobia: programa de combate à violência e à discriminação contra GLBT e promoção da cidadania homossexual, em 2004; a instalação de uma Comissão Tripartite de Revisão da Legislação Punitiva sobre o Aborto, no ano de 2005; a realização de uma Audiência Pública sobre o Aborto, durante 2007; a realização da primeira Conferência Nacional de Políticas Públicas de Lésbicas, Gays, Travestis e Transexuais, em 2008; o lançamento de um novo Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH-III), em dezembro de 2009 e o Plano Nacional de Educação (PNE), enviado para o Congresso brasileiro em 2010.<sup>190</sup>

Em 2003 começam as primeiras iniciativas parlamentares contra o uso do termo *gênero e orientação sexual* notadamente contra um projeto de lei de autoria de uma deputada do PT (Iara Bernardi) promovida pelo parlamentar do PRONA (Elimar Damasceno). “Nos

<sup>188</sup> BRASIL. Decreto nº 1.904, de 13 de maio de 1996[institui o Programa Nacional de Direitos Humanos – PNDH]. *Diário Oficial da União*, seção 1, Brasília, 14 mai. 1996. [n. p.] [p. 8237]. [online].

<sup>189</sup> BRASIL. Decreto nº 4.229, de 13 de maio 2002 [dispõe sobre o Programa Nacional de Direitos Humanos - PNDH, instituído pelo Decreto nº 1.904, de 13 de maio de 1996, e dá outras providências]. *Diário Oficial da União*, seção 1, Brasília, 14 mai. 2002. [n. p.] [p. 6]. [online].

<sup>190</sup> MACHADO, Maria das Dores Campos. O discurso cristão sobre a “ideologia de gênero”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 26, n. 2, p. 1-18, ago. 2018. p. 6. [pdf].



anos seguintes, o referido parlamentar discursa contra a *ideologia de gênero*<sup>191</sup>, no enredo das polêmicas do PNE 2011/2020 que teve de alterar o texto por causa da palavra “gênero”<sup>192</sup>.

Foi no Governo Dilma Rousseff (2011-2016) que as disputas se acirraram e transformaram-se definitivamente em cruzadas anti-gênero, principalmente quando o deputado Pastor Marco Feliciano (PSC - Partido Social Cristão) assumiu a presidência da Comissão dos Direitos Humanos e Minorias. Já estava em curso a difusão do sintagma *ideologia de gênero* e o representante da Igreja Católica convidado para discursar contra a votação do PNE foi justamente o Padre Paulo Ricardo, citado no início desta seção.

Estamos frente a uma disputa que envolve segmentos organizados em movimentos sociais, ONGs e instituições confessionais com visões de mundo e interesses bem distintos: os cristãos com leitura histórica da bíblia, bem como uma concepção heteronormativa e patriarcal da sociedade, e os setores sociais que valorizam a autonomia dos sujeitos sobre seus corpos e sexualidade. Nesta contenda cultural e política, a categoria gênero desenvolvida por acadêmicas feministas e adotada como linguagem de política pública global pelas agências internacionais é vista pela Igreja Católica e segmentos pentecostais como um recurso ideológico que é pernicioso para a ordem social.<sup>193</sup>

Apesar de querer diálogo com a modernidade, as hierarquias da Igreja Católica Romana parecem escolher como e com quem querem estabelecer diálogo e encerram assuntos que mereceriam um novo horizonte periférico para a Igreja chegar como quis o Papa Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Percebe-se que, ainda como os fariseus, criticados por Jesus, eles ‘falam, mas não fazem’ (Mt 23,3)<sup>194</sup>.

No próximo capítulo, conheceremos o gênero, a política e a religião sob a ótica das mulheres e dos discursos advindos da filosofia e teologia feministas que surgiram para confrontar sistemas, organizações e instituições fixadas nas tradições preconceituosas patriarcais e heteronormativas. Apresentaremos algumas diferenças teóricas da perspectiva de gênero dentro do próprio pensamento feminista e teoria *queer* e uma teologia que seja incluyente a todas as formas de gênero.

<sup>191</sup> MACHADO, 2018. p. 7. [grifo do texto]

<sup>192</sup> O texto inicial: “Superação das desigualdades educacionais com ênfase na promoção da igualdade racial, regional, de gênero e orientação sexual” foi modificado para “difusão dos princípios da equidade, do respeito à diversidade e a gestão democrática da educação”. BRASIL. Projeto de lei nº 8.035, de 12 de dezembro de 2010 [aprova o Plano Nacional de Educação para o decênio 2011-2020 e dá outras providências]. Brasília. [n. p.]. [online].

<sup>193</sup> MACHADO, 2018, p. 13.

<sup>194</sup> Os textos bíblicos utilizados foram extraídos de: BÍBLIA. *Edição Pastoral*. São Paulo: Paulus, 1991.

### 3 NÃO SE NASCE MULHER, TORNA-SE MULHER – A GÊNESE DO GÊNERO

O movimento feminista da década de sessenta revolucionou consideravelmente o pensamento ao trazer à tona o tema do conceito de “identidade” historicamente construído, sobretudo a identidade sexual que não se refere simplesmente ao sexo anatômico com o qual nascemos, mas com a identificação (ou não) como o significado social atribuído a cada sexo, desenvolvido culturalmente, chamado “gênero”. Neste capítulo, abordaremos o entendimento que os Estudos de gênero têm do próprio sintagma *gênero* e seus desdobramentos a partir do pensamento de cada autora. Como o termo e seus Estudos surgiram a partir dos movimentos e pensamento feministas, as filólogas e teóricas terão lugar privilegiado neste desenvolvimento.

Na primeira seção, vamos às origens da terminologia, desde sua forma simplesmente linguística até sua categoria de análise histórica. A seguir, apresentaremos nuances diferenciadas da própria categoria gênero dentro do pensamento feminista, suas similaridades e discordâncias e que tem a diferença entre natureza e cultura como relevante, pois grande parte da base onde se assentam os Estudos de Gênero vai negar o determinismo biológico do sexo e o essencialismo filosófico-teológico que marcou o pensamento filosófico até a contemporaneidade. E, por fim, aproximando-nos do pensamento religioso, traremos umas – de muitas – *teologias do gênero*, a fim de pensar a religião como um lugar de encontro de diferenças, respeito à diversidade de gênero e à pluralidade de *verdades*, bem diferente do pretenso catolicismo essencialista que utiliza a texto bíblico para legitimar posturas patriarcais e heteronormativas de uma casta sacerdotal exclusiva e historicamente dominadora.

#### 3.1 A revolução feminista: o princípio

A primeira utilização o termo *gênero* data de 1947 com o psico-endocrinologista John Money<sup>195</sup>, mas a diferença conceitual entre gênero e sexo foi utilizada por Robert Stoller<sup>196</sup>, em 1963, que, em um congresso de psicanálise nos EUA, apresentou o termo *identidade de gênero* após investigar meninos e meninas que tinham problemas anatômicos e que haviam sido educados de acordo com o sexo que não era o seu, definindo *sexo*, como o aspecto anatômico e fisiológico dos seres humanos e *gênero* como o significado que cada sociedade atribui ao sexo.

<sup>195</sup> PEETERS, Marguerite A. *O gênero: uma norma política e cultural mundial: ferramenta de discernimento*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 34.

<sup>196</sup> PEETERS, 2015. p. 37.

No campo das ciências da saúde, Robert Stoller, em 1968, no livro *Sex and Gender*, introduziu a palavra gênero para diferenciar do termo sexo, que estava tão somente associado às condições biológicas. Esse livro trata de intervenções cirúrgicas em pessoas intersexuais e transgêneros para adaptar a anatomia genital ao gênero desejado. Para Stoller, o sentimento de ser mulher ou homem era mais importante do que as características anatômicas.<sup>197</sup>

Outros estudos da década de 60, ligados a psicólogos americanos (Anke Ehrhardt, Joan e John Hampson), introduziram uma *ideia de gênero* independente do corpo, pois buscavam identificar características tidas como próprias do masculino e do feminino e ao mesmo tempo ambíguas e que se mesclavam em homens e mulheres distintamente. Sexo vincular-se-á à biologia, à natureza, ao físico, ao corpo e gênero à cultura, ao socialmente construído, à convencionalidade.<sup>198</sup>

Na metade do século XIX, na Europa e Estados Unidos, e em meio ao século das revoluções e das intensas mobilizações sociais, é que o movimento feminista passa a ser desenvolvido e sistematicamente conhecido depois da primeira onda ou protesto<sup>199</sup>. Não vamos nos deter à história do movimento feminista e suas *ondas*<sup>200</sup>, mas naquilo que ele produziu, a saber, seu movimento de luta em favor das mulheres e a evolução do pensamento, da filosofia feminista que hoje abrange uma luta maior pela democracia e pelos direitos sociais de minorias.

O ponto de viragem para o desencadeamento da *segunda onda*<sup>201</sup>, que deu origem aos Estudos de Gênero, principalmente após os estudos de Gayle Rubin<sup>202</sup>, está na filosofia de Simone de Beauvoir, filósofa francesa existencialista, afinada com o pensamento de Jean-Paul

<sup>197</sup> SPIZZIRRI, Giancarlo; PEREIRA, Carla Maria de Abreu; ABDO, Carmita Helena Najjar. O termo gênero e suas contextualizações. *Diagn Tratamento*, v. 19, n. 1, p. 42-44, 2014.p. 42. [pdf].

<sup>198</sup> HARAWAY, Donna. " Gênero" para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 22, p. 201-246, jan. /jun. 2004. p. 217-218. [pdf].

<sup>199</sup> MARTINS, Ana Paula Antunes. O Sujeito" nas ondas" do Feminismo e o lugar do corpo na contemporaneidade. *Revista Café com Sociologia*, v. 4, n. 1, p. 231-245, 2015. p. 232. [pdf].

<sup>200</sup> Os movimentos feministas são comumente periodicizados em ondas, em diversos países. Uma aproximação possível é com o conceito de ciclos de protestos. PEREZ, Olivia; RICOLDI, Arlene. A quarta onda do feminismo? Reflexões sobre movimentos feministas contemporâneos *In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, XLII, 2018, Caxambu. Anais... Caxambu: ANPOCS, 2018. [n. p.]. [pdf].*

<sup>201</sup> Os textos mais comuns falam de até quatro ondas do feminismo, em diferentes datas nos diversos países. A primeira onda é a onda do sufrágio feminino (direito ao voto). A segunda onda estaria ligada diretamente à luta pelos direitos civis e uma denúncia da misoginia histórica. A terceira onda trata da interseccionalidade enquanto a hipótese de uma quarta onda estaria ligada à mobilização feminista com a tecnologia digital (ciberfeminismo). PEREZ; RICOLDI, 2018, [n. p.].

<sup>202</sup> Gayle Rubim propõe, em sua obra *O tráfico de mulheres: notas sobre a economia política do sexo, o uso da gramática gênero a partir do sistema 'sexo-gênero'*. Mais em: RUBIM, Gayle. *O tráfico de mulheres: notas sobre a economia política do sexo*. Recife: S.O.S. Corpo, 1993. [pdf].

Sartre, quando escreveu e lançou o livro *O Segundo Sexo*<sup>203</sup>. Para Marguerite Peeters<sup>204</sup>, que faz uma análise do surgimento do gênero nas décadas de 60, 70 e 80:

A matriz do gênero é franco-americana [...] os franceses deram ao processo revolucionário uma contribuição que lhe é específica; eles o racionalizaram e fizeram uma teoria sobre ele [...] os americanos conferiram-lhe um enorme poder de transformação sociocultural mundial [...] o gênero se nutre do existencialismo ateu francês [...] o gênero seria, com efeito desprovido de ‘em si’. Ele permitiria ao indivíduo viver ‘para si’, no sentido sartreano. Mister se faz lembrar aqui a frase de Simone de Beauvoir e que deu a volta ao mundo, do livro *O segundo sexo* de 1949, ‘não se nasce mulher, torna-se mulher’[...] para Simone de Beauvoir, a família, o casamento e a maternidade estão na origem da ‘opressão’ e da dependência femininas.<sup>205</sup>

Peeters não é feminista. É consultora do Pontifício Conselho para a Cultura, um dicastério – departamento de governo – do Vaticano. Ela escreve artigos e livros e promove uma campanha, junto à Igreja Católica Romana contra os Estudos de Gênero. Peeters descreve como a difusão dos *Estudos de Gênero* tornou-se, a partir da Conferência de Pequim de 1994<sup>206</sup>, uma *norma política* evoluída de um longo processo que chamou de revolução cultural, a partir das matrizes históricas que vão do deísmo francês à pílula anticoncepcional.<sup>207</sup>

O deísmo do século XVIII fazendo de Deus ‘grande arquiteto’, criador ausente das criaturas, desencadeou um processo de divórcio entre Deus e a paternidade, razão e fé, cultura cristã e laicidade [...] no fim do século XIX, num contexto de secularização crescente, o processo ideológico, seguindo seu curso lógico, passa do deísmo à ‘morte de Deus’, declarada por Friederich Nietzsche [...] na realidade é a morte do que seguiu à morte de Deus. A morte do pai veio antes. Sigmund Freud refunda a antropologia ocidental [...] a cultura ocidental deduziu que nossa ‘liberação’ passaria pelo assassinato do pai [...] A *morte do pai*, a rejeição do amor e da ordem paternos provocaram, por sua vez, a *morte da mãe* [...] a comercialização da pílula contraceptiva, nos anos 1960, foi rapidamente acompanhada pela reivindicação do direito à contracepção, de início para os pais e, alguns anos mais tarde, para os ‘casais e indivíduos’[...] é fácil compreender como a revolução sexual dos anos 1960 provocou a morte do esposo, único e para toda a vida toda, substituído por uma multiplicidade de parceiros temporários<sup>208</sup>.

<sup>203</sup> BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: Fatos e Mitos*. v. 1. 4.ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970; BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: A Experiência Vivida*.v. 1. 2.ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

<sup>204</sup> Marguerite Peeters é teóloga e professora da Universidade Urbaniana de Roma. PEETERS, Marguerite. *Revolução de Gênero: três mitos a desmascarar*. *IHU online*, São Leopoldo, [n. p.]. 07 de mar. 2014. [n. p.]. [online].

<sup>205</sup> PEETERS, 2015, p. 38-39.

<sup>206</sup> PEETERS, 2015, p. 17-18.

<sup>207</sup> PEETERS, 2015, p. 28-32.

<sup>208</sup> PEETERS, 2015, p. 30-31. [grifo nosso].

Mas o que realmente aconteceu na década de 60 para autenticar uma *revolução cultural*, segundo Peeters<sup>209</sup> ou uma *revolução antropológica* segundo o Papa Bento XVI<sup>210</sup>? O que desencadeou este movimento do gênero feminino? “No final da década de 1960, o movimento de mulheres, chamado feminismo, torna-se visível novamente em alguns países do Ocidente. As mulheres passavam a ocupar os espaços públicos, organizavam passeatas, protestos e alegavam que ‘o pessoal é político’”.<sup>211</sup> As mulheres ocidentais passam a questionar “a ideia de que homens e mulheres estavam predestinados, por sua própria natureza, a cumprir papéis opostos na sociedade: o homem o mundo externo, a mulher, por sua função procriadora o mundo interno”<sup>212</sup>.

A década de 60 caracterizou-se por intensa mobilização na luta contra o colonialismo, a discriminação racial, pelos direitos das minorias, pelas reivindicações estudantis. Estes movimentos ampliaram o campo do político, alargando a compreensão das contradições sociais para além do estritamente econômico, revelando a existência de outras formas do exercício do poder [...] é neste momento histórico de contestação e de luta que o feminismo ressurgiu como um movimento de massas que passa a se constituir, a partir da década de 70, em inegável força política com enorme potencial de transformação social<sup>213</sup>.

A obra *O que é feminismo?* de Branca Moreira Alves e Jacqueline Pitanguy traz, resumidamente, a história da vida das mulheres desde a Grécia antiga até a contemporaneidade e apresenta as bandeiras do movimento feminista surgido nesta última época. Dentre as frentes de luta que o movimento feminista desenvolveu historicamente, e que o livro tipifica, estão os seguintes temas: sexualidade e violência, saúde, ideologia, formação profissional e mercado de trabalho<sup>214</sup>. No que tange à *ideologia*, o texto das autoras supracitadas vem reforçar aquilo que os Estudos de Gênero, oriundos do próprio movimento feminista também denunciam, a saber, o abuso ideológico de séculos de subordinação a uma estrutura *machista/patriarcal* reforçada pela sociedade capitalista e por movimentos antidemocráticos.<sup>215</sup>

<sup>209</sup> PEETERS, 2015, p. 30-31.

<sup>210</sup> BENTO XVI, 2012, [n. p.].

<sup>211</sup> VILELA, Fabrício; NUNES, Carolina Arantes e Silva; COSTA, Tatiane Helena da. Gênero, política e ensino de História. In: SEMANA DE HISTÓRIA DO PONTAL, IV, ENCONTRO DE ENSINO DE HISTÓRIA, III, 2016, Ituiutaba. *Anais...* Ituiutaba: Universidade Federal de Uberlândia, 2016. p. 1. [pdf].

<sup>212</sup> ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo?* São Paulo: Editora Brasiliense, 1981, p. 55.

<sup>213</sup> ALVES; PITANGUY, 1981, p. 58.

<sup>214</sup> ALVES; PITANGUY, 1981, p. 59.

<sup>215</sup> ARRUZIA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. *Feminismo para os 99%: um manifesto*. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 16.

Circunscrevendo a sexualidade feminina e determinando uma posição social inferiorizada para a mulher, existe todo um conjunto de ideias, de imagens de crenças, que legitima, perpetua e reproduz a hierarquização dos papéis sexuais. Mascara, desta forma, o seu conteúdo cultural em nome de aspectos naturais que se fundamentam na biologia [...] o movimento feminista vem travando uma luta no sentido de denunciar os conceitos de ‘masculino’ e ‘feminino’ na sua oposição de ‘superior’ e ‘inferior’. Esta hierarquização entre o masculino – superior – e o feminino – inferior – é uma construção ideológica e não o reflexo da diferenciação biológica.<sup>216</sup>

Voltando a Simone de Beauvoir, fica evidente que a filósofa é uma pioneira e um ícone do movimento, além de ser uma das autoras mais citadas nos textos feministas (já vimos anteriormente a citação de Peeters) e, atualmente, nos Estudos de Gênero. Seu protagonismo foi até mencionado, com ênfase, pelo Papa Bento XVI tendo-a como promotora de uma *revolução antropológica* do pensamento na contemporaneidade.<sup>217</sup> Dentre as filósofas e teólogas que citam a existencialista francesa está Ivone Gebara:

Quando na década de 1950, mais exatamente em 1949, Simone de Beauvoir afirmou: ‘não se nasce mulher, torna-se mulher’, foi para enfatizar o caráter de construção de identidades a partir dos papéis sociais e não a comum naturalização de tais identidades em que vivia em seu meio e que ainda vivemos.<sup>218</sup>

Também filósofos e teólogos citam a filósofa francesa quando discernem sobre a real situação da mulher no mundo e a violência que sofre pelo machismo tradicional. O filósofo e historiador Leandro Karnal, a refletir sobre o preconceito misógino do macho/homem, traz à tona uma prova do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) no Brasil que causou polêmica entre as catervas masculinas.

Chegamos ao absurdo de fazer uma celeuma nacional por conta de um texto de 1949 de Simone de Beauvoir. Foi quando o Enem de 2015 trouxe uma frase conhecida e antiga da escritora francesa e causou alvoroço. ‘Não se nasce mulher, torna-se mulher’ foi a afirmação que amotinou algumas pessoas que descobriram, enfim, a ideia escrita há 66 anos antes. Beauvoir adota uma posição que existe há mais tempo ainda: o biológico feminino não é óbvio, mas parte de um processo que continua dilacerando o fígado de muita gente. Há quem acredita que ser mulher ou ser homem são dados da natureza e evidentes. É difícil explicar ao preconceituoso a diferença entre biologia e gênero.<sup>219</sup>

Se Beauvoir revolucionou o pensamento feminista na *segunda onda*, ela não o fez sozinha. “Inspirada pelo livro da filósofa francesa, a psicóloga estadunidense Betty Friedan escreve a *Mística Feminina* (1963) onde analisa as queixas das mulheres e questiona o ‘ser

<sup>216</sup> ALVES; PITANGUY, 1981, p. 62-63.

<sup>217</sup> BENTO XVI, 2012, [n. p.].

<sup>218</sup> GEBARA, Ivone. *Filosofia Feminista*: uma brevíssima introdução. São Paulo: Terceira Via, 2017, p. 11.

<sup>219</sup> KARNAL, 2017, p. 54.

mulher'. Friedan contesta a máxima de que a biologia é o destino"<sup>220</sup>. Kate Milet, linguista feminista da *segunda onda*, também foi muito importante, autora de *Política Sexual* (1970), em seu livro questionou o patriarcado, sistema esse que gerava a desigualdade social entre homens e mulheres, por meio da literatura do século XIX e início do século XX"<sup>221</sup>. "No Brasil, também neste momento, Heleieth Saffioti publica *A mulher na sociedade de classes*, que faz uma análise da condição da mulher no sistema capitalista e da condição da mulher no Brasil"<sup>222</sup>.

Na década de 80, algumas teóricas feministas estadunidenses passam a usar o conceito Gender (Gênero) e veem nele uma ótima oportunidade para somar contribuições de outros campos, tais como o Marxismo, a Psicanálise, a Hermenêutica e o Pós-Estruturalismo francês, para refletir sobre como é construída e legitimada a desigualdade social baseada nas diferenças percebidas entre os sexos.<sup>223</sup>

Como as formulações acadêmicas começam a incorporar-se da produção literária do feminismo, e a partir das traduções de textos de Michel Foucault acerca do *poder* que controla e domestica os corpos e a sexualidade - *História da sexualidade e a Vontade de saber* - e os de Jacques Derrida - *Gramatologia* -, a bióloga e historiadora estadunidense Donna Haraway, a crítica de cinema e linguista italiana Teresa de Lauretis, a historiadora estadunidense Joan Scott e a filósofa estadunidense Judith Butler "são algumas das teóricas feministas que passam a conectar os estudos feministas e as contribuições teórico metodológicas do pós-estruturalismo francês"<sup>224</sup>.

Na próxima seção, abordaremos o pensamento de Judith Butler, pois esta filósofa vai enfocar o sexo e o gênero de uma matriz inteiramente nova. Enquanto para a maioria das reflexões feministas o dualismo *sexo/gênero* seria importante para romper a cadeia de desigualdades produzidas historicamente, a partir da hierarquização do masculino em detrimento do feminino, como refletiu a feminista militante Shulamith Firestone<sup>225</sup>, buscando a supressão das diferenças, Butler, por sua vez, suprimirá o dualismo e dirá que tanto o sexo quanto o gênero foram construídos culturalmente. Ao retirar o sexo biológico da ordem da natureza e o gênero do essencialismo, Butler radicaliza o conceito de *identidade* trazendo à

<sup>220</sup> VILELA; NUNES; COSTA; 2016, p. 1.

<sup>221</sup> VILELA; NUNES; COSTA; 2016, p. 1.

<sup>222</sup> ALVES; PITANGUY. 1981, p. 55.

<sup>223</sup> VILELA; NUNES; COSTA; 2016, p. 2.

<sup>224</sup> VILELA; NUNES; COSTA; 2016, p. 2.

<sup>225</sup> A meta definitiva da revolução feminista deve ser igualmente não apenas acabar com o privilégio masculino, mas também com a própria diferença dos sexos. As diferenças genitais dos seres humanos já não importariam culturalmente. FIRESTONE, Shulamit. *A dialética do sexo: um estudo da revolução feminista*. Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1976. p. 7. [online].

tona a teoria *queer*<sup>226</sup>, que revoluciona os modos de ser e de estar no mundo, pois supera toda ontologia para dar lugar à *linguagem performática de gênero*.<sup>227</sup> Quando esteve no Brasil, em 2017, Butler foi acusada de promover a ideologia de gênero, sofrendo ataques de fundamentalistas religiosos contra a sua presença.<sup>228</sup> Seu pensamento torna-se fundamental para a composição desse opúsculo. Traremos também a necessidade de usar a categoria gênero como de fulcral importância para uma análise histórica, segundo o artigo de Joan Scott.

### 3.2 Gênero: uma categoria analítica para uma transformação cultural

Existem muitos modos de se falar em cultura, ou seja, por cultura “entende-se muita coisa”<sup>229</sup>, desde a educação que recebemos ao modo de vida dos povos autóctones; das manifestações artísticas ao modo de comunicação social; das festas com ritos mais tradicionais às mais imaginárias expressões do folclore.<sup>230</sup> Pode-se falar de cultura de uma forma mais genérica, ou seja, “quando diz respeito a tudo o que caracteriza a existência social de um povo ou nação”<sup>231</sup> ou ainda mais estritamente referindo-se ao conhecimento, às ideias e crenças de um povo.<sup>232</sup> De qualquer forma, vamos tratar por cultura tudo aquilo que é materializado pelo ser humano, ou seja, tudo o que existe e que a humanidade produziu no tempo, as suas condições históricas de existência: a vida humana.<sup>233</sup> Não existe nada em nós, nem que saia de nós que nos seja natural, tudo é cultural, no sentido que até mesmo as condições mais fisiológicas, como fome e sede, são significadas pelo ser humano atribuindo-lhe uma dimensão não-natural, não essencialista, no trocadilho de RABUSKY, “por natureza o homem é um ser cultural”<sup>234</sup>

<sup>226</sup> *Queer*, em inglês significa ‘estranho’. É, por definição, aquilo que está em conflito com o normal, o legítimo, o dominante. É uma identidade sem essência. PEETERS, 2015, p. 47.

<sup>227</sup> PEETERS, 2015, p. 51.

<sup>228</sup> Judith Butler esteve no Brasil para lançar o seu mais recente livro e participar do seminário. Os fins da democracia no dia 7 de novembro de 2017 e foi alvo de ataques de grupos conservadores que levaram um boneco com a foto da autora e o queimaram como analogia de queima às bruxas. FREIRE, Priscila. Ideologia de gênero e a política de educação no Brasil: exclusão e manipulação de um discurso heteronormativo. *Ex aequo*, n. 37, p. 33-46, 2018. p. 35. [pdf].

<sup>229</sup> SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura?* 16.ed. São Paulo: Brasiliense, 2006. p. 21.

<sup>230</sup> SANTOS, 2006, p. 20-22.

<sup>231</sup> SANTOS, 2006, p. 24.

<sup>232</sup> SANTOS, 2006, p. 25.

<sup>233</sup> CHAUI, 2008, p. 76.

<sup>234</sup> RABUSKE, A. E. *Antropologia filosófica*, 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 56.



Em seu primeiro trabalho mais importante *Gender Trouble* (Problemas de Gênero)<sup>235</sup>, Butler critica ferozmente a assim chamada matriz essencialista e heterossexual do pensamento feminista francês.<sup>236</sup>

Se o sexo é, ele próprio uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo [...] o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual ‘a natureza sexuada’ ou ‘um sexo natural’ é produzido e estabelecido como ‘pré-discursivo’, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra *sobre a qual age a cultura*.<sup>237</sup>

“Para Butler, tanto o sexo quanto o gênero são produtos culturais”<sup>238</sup>. Segundo Butler, “o corpo não tem nada de natural, ele é construído à medida que a criança é educada pelos instrumentos sociais de poder que a levam a se transformar em uma mulher”<sup>239</sup> e ainda, vê o gênero sempre em relação e não como atributo do ‘sujeito’, seja homem ou mulher.<sup>240</sup>

Partindo da pressuposição de uma suposta dicotomia entre sexo/gênero, Butler argumenta que, se tomamos o gênero como o significado cultural que o corpo sexuado adquire, e se aceitamos que existem múltiplas interpretações para esse corpo sexuado de acordo com diferentes lógicas culturais, então podemos deduzir que entre sexos e gêneros se interpõe uma descontinuidade radical. Consequentemente, ainda que os sexos pareçam binários em sua morfologia, não há nenhuma razão para se concluir que os gêneros também devam ser somente dois.<sup>241</sup>

É interessante fazer o registro que Butler está preocupada com o esgotamento do movimento feminista da década de 80 e começa a se perguntar por que a categoria *mulher* não é mais suficiente para responder aos problemas de todas as mulheres, como uma categoria universal.<sup>242</sup> Então, até a publicação de *Problemas de Gênero*, a preocupação dos movimentos feministas era o subjetivismo de gênero – ser homem e ser mulher, a partir de então, a preocupação passa a diversificar-se também para a sexualidade e pelo desejo. Butler quer

<sup>235</sup> BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

<sup>236</sup> GUARALDO, Olivia. Pensadoras de peso: o pensamento de Judith Butler e Adriana Cavarero. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 663-677, set./dez. 2007. p. 664. [pdf].

<sup>237</sup> BUTLER, 2003, p. 25. [grifo do texto].

<sup>238</sup> VILELA; NUNES; COSTA; 2016, p. 1.

<sup>239</sup> FIGUEIREDO, Eurídice. Desfazendo o gênero: a teoria queer de Judith Butler. *Criação & Crítica*, n. 20, p. 40-55, 2018. p. 41. [pdf].

<sup>240</sup> BUTLER, 2003, p. 29.

<sup>241</sup> COSTA, Claudia de Lima. O leito de procusto: gênero, linguagem e as teorias feministas. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 2, p. 141-174, 2006. p. 164. [pdf].

<sup>242</sup> BUTLER, 2003, p. 24.

engendrar uma reflexão para o *tornar-se mulher* de Beauvoir e sobre a emancipação democrática de todo o gênero.<sup>243</sup>

Butler defende a teoria da performatividade de gênero. Se essa teoria contribui para uma reflexão mais aprofundada a respeito da democracia é porque Butler entende a liberdade de gênero como uma liberdade fundamental. Em uma entrevista à Folha de São Paulo, durante sua visita ao Brasil, em novembro de 2017, Butler explica o que significa essa teoria:

A cada um de nós é atribuído um gênero no nascimento, o que significa que somos nomeados por nossos pais ou pelas instituições sociais de certas maneiras. Às vezes, com a atribuição do gênero, um conjunto de expectativas é transmitido: esta é uma menina, então ela vai, quando crescer, assumir o papel tradicional da mulher na família e no trabalho; este é um menino, então ele assumirá uma posição previsível na sociedade como homem. No entanto, muitas pessoas sofrem dificuldades com sua atribuição — são pessoas que não querem atender aquelas expectativas, e a percepção que têm de si próprias difere da atribuição social que lhes foi dada.<sup>244</sup>

Para Butler, algumas pessoas viverão em paz com o gênero que lhes foi atribuído, porém muitas outras entrarão um processo de vulnerabilidade social, tornando suas vidas precárias. Seriam então, tarefas das instituições sociais e religiosas, serviços sociais e psicológicos e, sobretudo do Estado garantir e apoiar essas pessoas para que possam viver melhor com seus corpos, realizando seus desejos para criar relações mais saudáveis e proveitosas. Muitas dessas pessoas que não se enquadram à expectativa social em torno de seu gênero sofrem violência.

De fato, algo que me preocupa é a frequência com que pessoas que não se enquadram nas normas de *gênero* e nas expectativas heterossexuais são assediadas, agredidas e assassinadas. As estatísticas sobre *feminicídio* ilustram o ponto. Mulheres que não são suficientemente subservientes são obrigadas a pagar por isso com a vida. *Pessoas trans e travestis* que desejam apenas a liberdade de movimentar-se no mundo público como são e desejam ser sofrem frequentemente ataques físicos e são mortas. Mães correm o risco de perder seus filhos se eles saírem do armário; muitas pessoas ainda perdem seus empregos e a relação com seus familiares quando saem do armário. O sofrimento social e psicológico decorrente do ostracismo e condenação social é enorme. A injustiça radical do *feminicídio* deveria ser universalmente condenada e as transformações sociais profundas que possam tornar esse crime impensável precisam ser fomentadas e levadas adiante por movimentos sociais e instituições que se recusam a permitir que pessoas sejam mortas devido a seu *gênero* e sua *sexualidade*. [...] São esses os males sociais inequívocos e atrocidades aos quais me oponho, e meu livro — bem como o movimento *queer* no qual ele se insere — procura promover um mundo sem sofrimento e violência desse tipo.<sup>245</sup>

<sup>243</sup> BUTLER, 2003, p. 18.

<sup>244</sup> BUTLER, Judith. Judith Butler escreve sobre sua teoria de gênero e o ataque sofrido no Brasil. *In*: FOLHA DE S. PAULO. 19 nov. 2017. [n. p.]. [online].

<sup>245</sup> BUTLER, 2017, [n. p.]. [grifo do texto].

Ao ser indagada se os estudos de gênero seriam mesmo uma ideologia, Butler sinalizou a origem da vertente católica que introduziu o sintagma *ideologia de gênero* como uma caricatura discursiva dos estudos de gênero e conseqüente perseguição às políticas públicas, que visassem as melhorias das condições de cuidado a famílias com *desordens* de gênero como as que possuem em seu interior, a saber lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, *queers* ou travestis, ou seja, *gêneros não inteligíveis*, pois não estabelecem coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo.<sup>246</sup>

A matriz cultural por intermédio da qual a identidade de gênero se torna ‘inteligível’ exige que certos tipos de identidade não possam ‘existir’ – isto é, aquelas em que o gênero não ‘decorre’ nem do sexo nem do ‘gênero’. Nesse contexto, ‘decorrer’ seria uma relação política de direito instituído pelas leis culturais que estabelecem e regulam a forma e o significado da sexualidade. Ora, do ponto de vista desse campo, certos tipos de ‘identidade de gênero’ parecem ser meras falhas do desenvolvimento ou impossibilidades lógicas, precisamente porque não se conformam às normas de inteligibilidade cultural. Entretanto, sua persistência e proliferação criam oportunidades críticas de expor os limites e os objetivos reguladores desse campo de inteligibilidade e, conseqüentemente, de disseminar nos próprios termos dessa matriz de inteligibilidade, matrizes rivais e subversivas de desordem de gênero.<sup>247</sup>

Ao falar das desordens do gênero e sua performatividade, Butler lança as bases onde nascerá a teoria *queer*. “Queer pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais”.<sup>248</sup> O pensamento feminista de Butler, com o conceito de gênero, trouxe também outras preocupações do gênero. Sua crítica a uma heterossexualidade compulsória no movimento permitiu abrir o gênero às interseccionalidades e o *queer* seria uma delas.

O gênero nem sempre se constitui de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de ‘gênero’ das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida.<sup>249</sup>

<sup>246</sup> BUTLER, 2003, p. 38.

<sup>247</sup> BUTLER, 2003, p. 39.

<sup>248</sup> LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. *Rev. Estud. Fem.* v. 9, n. 2, p. 541-553, jun. /dez. 2001. p. 546. [pdf].

<sup>249</sup> BUTLER 2003, p. 25

O ápice da performatividade do gênero, para Butler, está no travestismo, como *locus* de subversão das identidades. “Butler investe na figura do *travesti* e da *drag queen* a qual se mostra muito produtiva em sua demonstração do caráter construído do gênero”<sup>250</sup>.

A performance do *drag* brinca com a distinção entre a anatomia do *performista* e o gênero que está sendo *performatado*. Mas estamos, na verdade, na presença de três dimensões contingentes da corporeidade significante: sexo anatômico, identidade de gênero, e *performance* de gênero. Se a anatomia do *performista* já é distinta de seu gênero, e se os dois se distinguem do gênero da *performance*, então a *performance* sugere uma dissonância não só entre sexo e *performance*, mas entre sexo e gênero, e entre gênero e *performance*.<sup>251</sup>

No contexto da disseminação da AIDS que estigmatizava ainda mais os homossexuais, na década de 80, chamada de *praga gay*, é que as feministas se voltam para outras minorias, através das críticas discursivas e dos movimentos políticos necessários para a emancipação e liberdade democrática e de direitos para todos. Butler não é a única responsável em formular uma teoria *queer*, e nem a primeira. “Foi em uma conferência na Califórnia, em fevereiro de 1990, que Teresa de Lauretis empregou a denominação *Queer Theory* para contrastar o empreendimento *queer* com os estudos gays e lésbicos”<sup>252</sup>. Os teóricos *queer*, bebendo nas fontes do pós-estruturalismo, sobretudo de Foucault, entendem a sexualidade “como um dispositivo histórico de poder que marca as sociedades modernas e se caracteriza pela inserção do sexo em sistemas de unidade e regulação social”<sup>253</sup>.

O interesse *queer* por travestis, transexuais e pessoas intersex se deve ao compromisso científico de crítica dos apanágios identitários e concepções de sujeitos unitários e estáveis. A Teoria *Queer* busca romper as lógicas binárias que resultam no estabelecimento de hierarquias e subalternizações, mas não apela à crença humanista, ainda que bem-intencionada, nem na *defesa* de sujeitos estigmatizados, pois isto congelaria lugares enunciatórios como subversivos e ignoraria o caráter contingente da agência. A crítica da normalização aposta na multiplicação das diferenças que podem subverter os discursos totalizantes, hegemônicos ou autoritários.<sup>254</sup>

Acerca dos *Estudos de Gênero* e da *Teoria Queer*, os objetivos desses empreendimentos eram menos estabelecer uma política sexual normativa ou uma revolução antropológica subjetiva, segundo seus detratores, que gerar mais liberdade e aceitação, em

<sup>250</sup> FIGUEIREDO, 2018, p. 45.

<sup>251</sup> BUTLER 2003, p. 196. [grifo do texto]

<sup>252</sup> MISKOLCI, Richard. A teoria *queer* e a sociologia. *Sociologia*. Porto Alegre, a. 11, n. 21, p. 150-182, jun./jul. 2009. p. 151-152. [pdf].

<sup>253</sup> FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo: Graal, 2005. p. 99-100.

<sup>254</sup> MISKOLCI, 2009, p. 174. [grifo do texto].

espaços democráticos e de direitos, para uma gama ampla de identificações de gênero e de desejos. Butler deixa bem claro que:

Nossas ideias de masculino e feminino variam de acordo com a cultura e esses termos não possuem significados fixos. Eles são dimensões culturais de nossas vidas que assumem formas diferentes e renovadas no decorrer da história, e como atores históricos, nós temos alguma liberdade para determinar estes significados.<sup>255</sup>

É importante destacar que a categoria gênero abriu um leque de possibilidades para as mobilizações dos estudos feministas principalmente para compreender as relações de poder. A historiadora feminista Joan Scott situa o *gênero* como imprescindível para analisar historicamente as estruturas hierárquicas de opressão e dominação do próprio gênero.

O gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político foi concebido, legitimado e criticado. Ele sempre se refere à oposição masculino/feminino e fundamenta ao mesmo tempo o seu sentido. Para reivindicar o poder político, a referência tem que parecer segura e fixa fora de qualquer construção humana, fazendo parte da ordem natural ou divina. Desta forma, a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se, os dois, parte do sentido do poder, ele mesmo. Colocar em questão ou mudar um aspecto ameaça o sistema por inteiro.<sup>256</sup>

Aceitar o gênero como uma categoria de análise histórica é, segundo Scott, fugir a naturalização e biologia da diferenciação sexual e identificar como o “gênero constrói a política e a política constrói o gênero”<sup>257</sup>.

Temos necessidade de uma rejeição do caráter fixo e permanente da oposição binária, de uma historicização e de uma desconstrução genuínas dos termos da diferença sexual. Devemos nos tornar mais autoconscientes da distinção entre nosso vocabulário analítico e o material que queremos analisar. Devemos encontrar formas [mesmo que imperfeitas] de submeter sem cessar nossas categorias à crítica e nossas análises à autocrítica.<sup>258</sup>

Se a aceitação de pesquisas histórico-filosófico-sociológicas em torno do gênero provocou tanto mal-estar entre fundamentalistas religiosos, como foi mostrado até aqui, seria possível adentrar mais ainda o espaço religioso promovendo uma *teologia do gênero* ou uma *teologia queer*? Diante de tantos ataques, essas teologias seriam levadas a sério? Na próxima seção, vamos apresentar alguns ensaios sobre essas perspectivas a partir de teólogas e

<sup>255</sup> BUTLER, 2017, [n. p.].

<sup>256</sup> SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.p. 92. [pdf].

<sup>257</sup> SCOTT, 1995, p. 89.

<sup>258</sup> SCOTT, 1995, p. 84.

teólogos que não mediram esforços para minimizar os efeitos de uma leitura patriarcal e heteronormativa da sagrada escritura e puseram as perspectivas de gênero também no âmbito da fé.

### 3.3 Uma leitura teológica do Gênero na ótica feminista

“As diversas manifestações religiosas buscam se legitimar a partir de uma revelação”<sup>259</sup>. Esta revelação pode ser uma experiência extática ou uma narrativa, como acontece no cristianismo com a Bíblia, chamada Sagrada Escritura. E a religião produz teologia porque a teologia é o *dizer* de Deus (imagens, símbolos, moral e costumes). Claudete Ulrich provoca uma reflexão desse *dizer acerca* de Deus.

Na medida em que a teologia fala de Deus, cabe o questionamento: mas de que Deus ela fala? Esta é uma questão fundamental. Deus é apresentado, geralmente, a partir de palavras e símbolos masculinos, como pai, senhor, poderoso, aquele que provê [...] A religião se serve da teologia que através do seu falar fortalece relações de poder, masculinas, hierárquicas e violentas. Como romper com este ethos religioso e teológico que endeusa e desumaniza os homens e justifica a violência e a morte cotidiana das mulheres e de pessoas que se identificam queer?<sup>260</sup>

“A teologia feminista propõe como critério hermenêutico, não qualquer experiência, mas a experiência das mulheres, que transita entre opressão e alienação até libertação e emancipação”<sup>261</sup>. A história da teologia feminista europeia e norte-americana é marcada por diversas temporalidades, porém, independente do tempo e do espaço, o feminismo acaba por se constituir no lugar de origem da inserção das mulheres, mais uma vez, em espaços que eram exclusivos e de dominação masculina.<sup>262</sup>

O teólogo Francisco Taborda situa o início do movimento teológico feminista com a publicação da obra *The Woman's Bible* e o trabalho de equipe liderado por Elisabeth Cady Stanton que reconheciam que a Bíblia não é neutra, pelo contrário, é um texto patriarcal androcêntrico e, sendo a Bíblia um livro de expressões culturais patriarcais e na própria

<sup>259</sup> PIEPER, Frederico. Sobre o conceito de religião. In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (Org.). *Religião e Linguagem: abordagens teóricas interdisciplinares*. São Paulo: Paulus, 2005. p. 373-412. p. 391

<sup>260</sup> ULRICH, Claudete Beise. Teologia feminista da libertação e queer: uma contribuição para as resistências às existências. In: PEDRO, Joana Maria; ZANDONÁ, Jair (Org.). *Feminismos e democracia*. 2.ed. Belo Horizonte: Fino traço, 2019. p. 107-122. p. 108. [pdf].

<sup>261</sup> ULRICH, 2019, p. 111.

<sup>262</sup> TABORDA, Francisco. Feminismo e teologia feminista no primeiro mundo: Breve panorâmica para uma primeira informação. *Perspectiva Teológica*, v. 22, n. 58, p. 311-337, set./out. 1990, p. 315. [pdf].

tradição cristã, será preciso despatriarcalizar sua interpretação.<sup>263</sup> A mulher, na história do cristianismo, encontra bem pouca informação positiva a partir da qual possa alimentar uma mística de autovalorização, valorização que encontrará na Teologia da Libertação da América Latina e Caribe terreno fértil.<sup>264</sup>

Assim como o feminismo perpassa as diversas *ondas ou fases*, o movimento teológico feminista vai atingir o seu maior grau de maturidade quando assumir também a categoria de libertação, junto com a Teologia da Libertação na América Latina e Caribe, porém sem se confundir com ela, pois até a Teologia da Libertação aparece sobrecarregada das imagens masculinas e patriarcais de Deus.<sup>265</sup> Aproveitando conceito de Scott, a utilização do gênero como categoria de análise, aliada à concepção de religião como sistema simbólico estruturado e estruturante, “nos permite perceber que a construção do patriarcado tem uma longa e estreita relação com as informações religiosas presentes na tradição judaico-cristã”<sup>266</sup>. Sobre esta ótica feminista que vamos expor alguns ensaios sobre interpretação bíblica numa nova ótica integral e integralizadora, libertária e libertadora.

A teologia feminista da libertação nasce dos movimentos populares em defesa da vida e dos direitos do gênero. Em sua prática, afirma a opção pelos pobres e a luta por liberdade e libertação, denunciando o androcentrismo nas concepções religiosas e em suas construções institucionais, fazendo hermenêutica crítica dos textos e tradições sagradas, e integrando em seu pensamento diversas dimensões da cultura e da realidade humana: racional, prática, celebrativa, ética, lúdica, estética, intuitiva, pedagógica, comunitária, ecumênica... não é uma teologia de mulheres, e sim de mulheres e homens que transformam seu pensamento pelo caminho da alteridade, origem da utopia de uma nova sociedade, sem opressores e opressoras, sem oprimidos e oprimidas e sem excluídos e excluídas.<sup>267</sup>

A doutora em Teologia, Prof<sup>a</sup> Jaci Candiotta, tece uma releitura da teologia da criação na ótica das relações de gênero. Nos relatos do primeiro capítulo do Livro do Gênesis (Gn 1.1-2.4a), Candiotta destaca que as relações entre homem e mulher, ou seja, as relações de

<sup>263</sup> TABORDA, 1990, p. 329.

<sup>264</sup> LEMOS, Carolina Teles. Mística feminina: interfaces entre místicas religiosas e místicas seculares. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 10, n. 27, p. 804-830, jul./set. 2012. p. 807. [pdf].

<sup>265</sup> LEMOS, 2012, p. 818.

<sup>266</sup> LEMOS, Carolina Teles. Religião e Patriarcado. Elementos estruturantes das concepções e relações de gênero. *Caminhos*, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 201-217, jul./dez. 2013. p. 203. [pdf].

<sup>267</sup> “La Teología feminista de Liberación nace de los movimientos populares en defensa de la vida y de los derechos de género. Em su práctica afirma la opción por los pobres y la lucha por la libertad y liberación, denunciando el androcentrismo em las concepciones religiosas y en sus concreciones institucionales, haciendo hermenêutica crítica de los textos e tradiciones sagradas, e integrando em su pensamiento diversas dimensiones de la cultura y de la realidad humana: racional, práctica, celebrativa, ética, lúdica, estética, intuitiva, pedagógica, comunitaria, ecumênica... No es una teología de mujeres, sino de hombres y mujeres que transforman su pensamiento por el camino de la alteridad, origen de la utopia de una nueva sociedad, sin opresores(as) y sin oprimidas(os), sin excluidas(os)” (tradução livre). SUAIDEN, Silvana. Cuestiones contemporâneas de teología: desafíos bajo la óptica de género. *Teología y género*. Alternativas. Manáguas, a. 10, n. 26, jul./dez. 2003. p. 33.

gênero não têm uma importância considerável para a construção e o entendimento do relato, mas sim supremacia do sábado, pois foi escrito no período do exílio na Babilônia, assemelhando-se a um poema lá existente a fim de valorizar o culto.

O aspecto decisivo para situar o relato na época da escravidão na Babilônia é o fato de o escritor sagrado esforçar-se para dispor as dez obras criadas por Deus durante sete dias, com a valorização do sábado no contexto exílico era um modo de identificação entre os deportados hebreus na Babilônia em contraposição aos próprios babilônicos, que seguiam ritmos lunares.<sup>268</sup>

Candiotto também destaca o versículo 26 – Façamos o homem à nossa imagem e semelhança... sobre o senhorio que o ser humano (homem e mulher) tem a obrigação de fazer no cuidado da criação, grande obra narrada nestas primeiras passagens.

A passagem do Gênesis, embora escrita numa época em que a condição da mulher era extremamente difícil, não justifica sua subordinação, submissão ou inferioridade. Parece, sim, expressar o contrário. O interesse do autor bíblico seria precisamente resgatar a mulher, deveras ofuscada numa sociedade extremamente sexista.<sup>269</sup>

No segundo relato da criação (Gn 2,4b – 3), ainda que criada posterior ao homem, a mulher é apresentada como ser necessário para a conclusão da obra divina, mostrando que o próprio Deus percebe que o homem não é feliz sem ela (Gn 2,18a).

As interpretações culturais decorrentes do segundo relato da criação, no qual Deus cria homem e mulher separadamente, resultaram na maioria das vezes, em prejuízo da mulher (cf. 1Cor 11, 8-10; 1 Tm 2, 11-13) [...] muito pelo contrário, depreendemos claramente do relato bíblico que estes dois aspectos do homem são de tal maneira inseparáveis que um ser humano, homem ou mulher, tomando isoladamente e considerado em si, não é exatamente humano. A Bíblia é clara. No início Deus criou a humanidade, uma integridade inicial e não diferenciada. A diversidade aparece num segundo momento para, em seguida, conduzir à unidade.<sup>270</sup>

O monge Marcelo Barros também tem uma forma toda especial de explicar as primeiras páginas dos primeiros livros da Bíblia. Usando de todo arcabouço teológico da cultura popular, descreve como as relações de gênero foram manipuladas pelas relações políticas e de poder que, segundo ele, têm mais relevância nestas histórias contadas de geração em geração. Assim, ele conta o significado da tentação da serpente à Eva de Gn 3.

<sup>268</sup> CANDIOTTO, Jaci de Fátima Souza. A teologia da criação na perspectiva das relações de gênero. *Estudos de religião*, v. 24, n. 39, p. 214-234, jul./dez. 2010, p. 223. [pdf].

<sup>269</sup> CANDIOTTO, 2010, p. 223.

<sup>270</sup> CANDIOTTO, 2010, p. 228.



A serpente era adorada pelos cananeus e por isso representava a sociedade dos cananeus. De fato, a sociedade dos cananeus era mais sabida que a de Israel e também mais avançada. Foi a sociedade dos cananeus que influenciou a comunidade de Israel a desejar um rei. Nas cidades secas da palestina, só quem tinha jardim era o palácio do rei. Israel tinha autoridades, mas não centralizada [no meio do jardim]. Isso Deus tinha proibido. O fruto era o poder de reinar. Antigamente os reis eram considerados como deuses. O poder dos reis dá muita segurança e prestígio. Dá a aparência de segurança nacional. Quando Israel passou a ter reis começou a desigualdade entre o próprio povo de Deus e as comunidades do campo ficaram mais pobres e sem nada. Com a experiência da realeza houve uma crise religiosa no meio do povo.<sup>271</sup>

O pastor Gregory Rodrigues, em seu livro *A Bíblia fora do armário*<sup>272</sup>, apresenta de forma didática como a teologia tradicional tratou os versículos bíblicos, usados ainda em discursos religiosos em igrejas tradicionais de condenação das relações de gênero, principalmente as relações homoafetivas masculinas. O determinismo da Criação, os episódios de Sodoma e Gomorra, as leis mosaicas do Levítico e do Deuteronômio e, principalmente, as Cartas de Paulo são exemplos de lugares comuns onde uma teologia fundamentalista encontra argumentos contra a homoafetividade. O pastor apresenta os argumentos dos fundamentalistas e expõe também outra leitura, em ótica inclusiva.

É preciso ampla compreensão de que a homossexualidade não pode mais ser tratada como tabu dentro das instituições religiosas, que são as maiores influenciadoras da sociedade, haja vista a herança judaico-cristã presente em nossos moldes culturais. Não se pode mais olvidar que a sexualidade humana é multiforme e se manifesta em conceitos que não podem ser explicados da maneira tradicional da teologia.<sup>273</sup>

Outra perspectiva, um tanto quanto radical, é propor além de uma teologia que vise uma interpretação democrática ou inclusiva, é de teólogos e teólogas que ensaiam uma aproximação aos temas mais específicos dos Estudos de Gênero. André Musskopf<sup>274</sup> e Claudete Ulrich têm se destacado por propor uma *teologia queer*. Ambos marcam a possibilidade de uma teologia feminista da libertação a partir de diversos movimentos políticos originários.

Na década de 1970, o mundo ocidental presenciou uma efervescência de movimentos políticos do status quo branco, rico, masculino e heterossexual. Dois

<sup>271</sup> SOUZA, Marcelo de Barros. Nossos pais nos contaram: nova leitura da história sagrada. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 23-24.

<sup>272</sup> RODRIGUES, Gregory. *A bíblia fora do armário*. Curitiba: Appris, 2018. p. 99.

<sup>273</sup> RODRIGUES, 2018, p. 95.

<sup>274</sup> O livro de MUSSKOPF, uma brecha no armário – propostas para uma teologia gay, publicado em 2002, é uma das primeiras publicações desse encontro entre o gênero e a teologia nesses moldes na América Latina. MUSSKOPF, André Sidnei. Quando sexo, gênero e sexualidade se encontram: reflexões sobre as pesquisas de gênero e sua relação com a Teoria *Queer* a partir da teologia. *História Unisinos*. São Leopoldo, v. 9, n. 3, p. 184-189, set./dez. 2005. p. 186. [pdf].

destes movimentos que nos interessam de maneira especial aqui foram a segunda onda do movimento feminista e a organização do movimento homossexual [...] no campo da Teologia, esta fase pode ser marcada pela irrupção de diversas teologias ‘da libertação’: a teologia feminista (tendo como marcos os livros *The church and the second sex* – 1968, e *Beyond God the Father* – 1973, de Mary Daly); a teologia negra (tendo como marco o livro *Black theology and black Power* – 1969, de James Cone); a teologia latino-americana da libertação (tendo como marco o livro *Teologia da libertação* – 1971, de Gustavo Gutiérrez).<sup>275</sup>

Segundo Claudete Ulrich, a marca de uma *teologia queer* é a sua incompletude, o seu não acabamento, haja visto que as pretensões teológicas tradicionais androcêntricas, binaristas e patriarcais primam por explicar tudo de forma sistemática e acabada. Uma teologia oriunda do feminismo quer ser, ao contrário, um espaço aberto para se autotransformar e transformar os modos de ser e de pensar Deus.

A teologia queer também está em construção. Também não está acabada. As metáforas que se reportam às divindades/deuses/deusas necessitam sempre de novo apresentar aspectos da dimensão da diversidade e da incompletude do ser humano. O fundamental é que as diferentes vozes sejam ouvidas, por meio de uma escuta sensível, e a luta por direitos pautada na pluralidade seja respeitada. A religião também necessita se libertar de teologias que colonizam o corpo ao binarismo homem e mulher. As imagens sobre Deus/a são construções humanas e elas necessitam incluir as experiências humanas. Deus/a pode ser visto/a de forma performativa. Portanto, a teologia feminista da libertação e a teologia queer são teologias emancipadoras e propositivas, apontando para relações igualitárias, dignas e justas não só na religião como também na sociedade.<sup>276</sup>

O corpo e a corporeidade vêm ganhando destaque nas produções teológicas feministas, pois sua forma relacional condensa sexo, gênero e sexualidade (ou desejo sexual), objetos de estudo da *Teoria Queer* e, ao mesmo tempo, a forma de o ser humano comunicar-se com o sagrado, com os ritos e o seu próprio corpo. Uma teologia feminista, de onde se origina uma *teologia gay* ou *queer*, consiste em reconceituar Deus a partir das imagens e metáforas usadas para falar de Deus, resgatar a responsabilidade humana através do rompimento com uma obsessão e dualismo escatológicos e ainda em descristologizar Jesus reivindicando um Jesus humano que insiste profeticamente na vivência da justiça e integrando a sexualidade e as identidades de gênero, suas crenças e experiências de fé.<sup>277</sup>

À expressão *mulheres feministas* foi acrescentada *Corpos Feministas*, cujo significado implica na percepção de que *as transexuais também se constituem como mulheres*, logo, podem se autodefinir como feministas, se assim o desejarem. Se chegou a tal percepção a partir da constatação de que o feminismo se depara com as

<sup>275</sup> MUSSKOPF, 2005, p. 186.

<sup>276</sup> ULRICH, 2019, p. 115.

<sup>277</sup> MUSSKOPF, André Sidnei. *Via(da)gens teológicas: itinerários para uma teologia queer no Brasil*. São Leopoldo: EST/PPG, 2008. p. 136.

dimensões que se abriram a partir da utopia de uma vida sem desigualdades, de transformação social para todas e todos e, portanto, também para as *transgêneros*.<sup>278</sup>

A teóloga Wanda Deifelt enumera vários aspectos da teologia feminista, principalmente no contexto latino-americano de libertação, e apresenta uma metodologia que implica uma tomada de consciência do caráter não normativo das mulheres em relação à literatura tradicional; que descobre a presença das mulheres presentes nestas literaturas e, enfim, que parte da experiência das mulheres como critério de discernimento das questões bíblico-catequéticas fixadas em formulações neutras e universais de cunho androcêntrico.<sup>279</sup>

A teologia feminista utiliza a teoria das relações de gênero como instrumento de análise, considerando como os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres são constituídos[...] A teologia feminista assume a tarefa de criticar os valores predominantemente masculinos e excludentes que se tornam normas, e formula perspectivas que fomentam uma visão de mundo, da sociedade, da teologia, que inclua aquelas e aqueles que até agora estiveram na periferia da formulação teórica e teológica [...] A teologia feminista critica os aspectos da tradição religiosa que se fundamenta em qualquer tipo de discriminação e retoma aqueles elementos libertadores e legitimadores da dignidade que estão na raiz do cristianismo e de outras religiões [...] A teologia feminista celebra a presença e a atuação das mulheres no contexto da Bíblia e da história da Igreja cristã [...] A teologia feminista surgiu como reação às correntes teológicas existentes no século XX: teologia da esperança, teologia negra e teologia da libertação, apontando que estas dão uma importante contribuição - vislumbram os pobres, oprimidos, negros e marginalizados -, mas nem sempre tomam posição em consideração as mulheres.<sup>280</sup>

A essa crítica da teologia feminista vem um grito em favor do mais pobre, principalmente em contexto Latino-americano e brasileiro. Por isso, destaca-se, aqui, um movimento teológico que engloba um combate à mortalidade feminina, à discriminação contra a mulher negra e ainda contra uma política religiosa do corpo e a favor das equidades das relações de gênero, principalmente na defesa das minorias. Faz-se mister destacar o

<sup>278</sup> LEMOS, 2013, p. 208. [grifo do texto]

<sup>279</sup> DEIFELT, Wanda. Temas y metodologías de la teología feminista. *Teología y género*. Alternativas. Manáguá: Lascasiana. a. 10, n. 26, jul./dez. 2003, p. 69.

<sup>280</sup> “La teología feminista utiliza la teoría de las relaciones de género como instrumento de análisis, valorando como los papeles sociales atribuídos a los hombres y las mujeres son constituídos [...] La teología feminista asume la tarea de criticar los valores predominantemente masculinos y excluyentes que se tornan normas, y formulan perspectivas que fomentan una visión del mundo, de la sociedad y la teología, que incluya a aquellas y aquellos que hasta ahora estuvieran en la periferia de la formulación teórica y teológica [...] La teología feminista critica los aspectos de la tradición religiosa que se fundamentan en cualquier tipo de discriminación y retoma aquellos elementos liberadores y legitimadores de la dignidad que están en la raíz del cristianismo y de otras religiones [...] La teología feminista celebra la presencia y la actuación de las mujeres e nel contexto de la Biblia y de la historia de la Iglesia cristiana [...] La teología feminista surgió como reacción a las corrientes teológicas existentes em el siglo XX: teología del esperanza, teología negra y teología de liberación, apuntando a que éstas Dan una contribución importante – visibilizan a los pobres, oprimidos, negros y marginados –, mas no siempre toman em consideración a las mujeres” (tradução livre). DEIFELT, 2003, p. 63-65.

pensamento teológico na América Latina e no Brasil, com algumas expoentes e suas contribuições teológicas.

As teólogas que aprofundam a reflexão sobre a emancipação corporal da mulher, a partir da experiência de vida e de sobrevivência das mulheres pobres, ou mesmo estudando de modo especial o papel da mulher no movimento de Jesus e na igreja primitiva, ou ainda, através das proposições teológicas da teologia feminista, enfatizando a mulher como possuidora de uma maneira própria de aproximar-se do mistério de Deus, de crer e invocar a Deus no feminino, de conhecer as características femininas de Deus na própria revelação. Para dar alguns exemplos: Ivone Gebara<sup>281</sup>, Maria Clara Bingemer<sup>282</sup>, Margarida Luiza Brandão<sup>283</sup>, Wanda Deilfelt<sup>284</sup>, Elaine Neuenfeldt<sup>285</sup>, Ana Maria Tepedino<sup>286</sup>, Elizabeth Fiorenza<sup>287</sup>, Tereza Cavalcanti<sup>288</sup>, Ivoni Reimer<sup>289</sup>, entre outras.<sup>290</sup>

A teóloga Ivone Gebara, além de apresentar uma teologia de caráter ecofeminista, também tem muitas produções sobre a religião e as relações de poder que ferem o rosto feminino da igreja e inferiorizam a mística feminina, tão imprescindível para a sobrevivência do próprio cristianismo. Gebara critica o patriarcalismo que envolve o falar sobre Deus e a dominação masculina neste discurso, a subserviência das mulheres em pleno século XXI apesar de tanta reflexão e produção feminista e, sobretudo, as relações de poder no interior

Faculdade Unida de Vitória

<sup>281</sup> GEBARA, Ivone. *Teologia em ritmo de mulher*. São Paulo: Paulinas, 1994; GEBARA, Ivone. Epistemologia ecofeminista. *Mandrágora*, São Bernardo do Campo, a. 4, n. 6, p. 18-27, 2000; GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 2000; GEBARA, Ivone. *Teologia ecofeminista: ensaio para repensar o conhecimento e a religião*. São Paulo: Olho d'água, 1997.

<sup>282</sup> BINGEMER, Maria Clara. *O segredo feminino do mistério: ensaio de teologia na ótica da mulher*. Petrópolis: Vozes, 1991; BINGEMER, Maria Clara. As mulheres e o Rabi de Nazaré: ecos marianos. *Almanaque de Nossa Senhora Aparecida*, Aparecida, v. 1, p. 55-56, 2012.

<sup>283</sup> BRANDÃO, Margarida Luiza. (org.). *Teologia na ótica da mulher*. Rio de Janeiro: PUCRJ, 1990.

<sup>284</sup> DEIFELT, Wanda. Temas e metodologias da Teologia Feminista. In: SOTER (Org.). *Gênero e teologia: interpretações e perspectivas*. São Paulo/Belo Horizonte: Paulinas; Loyola; Soter, 2004. p. 171-186; DEIFELT, Wanda. A luta continua: Interseccionalidade como Lente Epistemológica. *Coisas do Gênero*, v. 1, n. 1, p. 05-20, 2015. [pdf]; DEIFELT, Wanda. Palavras e outras palavras: a teologia, as mulheres e o poder. *Estudos Teológicos*, v. 36, n. 1, p. 07-16, 1996. [pdf].

<sup>285</sup> NEUNFELDT, Elaine. Hermenêutica Feminista e de Gênero. *A palavra na vida*, São Leopoldo, n. 155/156, p. 5, 2000; NEUNFELDT, Elaine Gleci. Inanna/Ishtar – uma deusa de simultâneas formas. *Mandrágora*, São Bernardo do Campo, a.11, n. 11, p. 57-63. 2005.

<sup>286</sup> TEPEDINO, Ana Maria. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990; TEPEDINO, Ana Maria. Jesus e a recuperação do ser humano mulher. *REB*, n. 48, p. 273-282, 1988. TEPEDINO, Ana Maria. Las discípulas de Jesús. *Theologica Xaveriana*, Bogotá, v. 57, n. 1, p. 185-191, 2007.

<sup>287</sup> FIORENZA, Elisabeth Schussler. *Caminhos da sabedoria: uma introdução à interpretação bíblica feminista*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2009.

<sup>288</sup> CAVALCANTI, Teresa. Fazendo teologia no feminino plural: a propósito do III Encontro Nacional de Teologia na perspectiva da mulher. *Perspectiva Teológica*, v. 20, n. 52, p. 359-370, 1988; CAVALCANTI, Teresa. O profetismo das mulheres no Antigo Testamento: perspectivas de atualização. *REB*, n. 46, p. 38-59, 1986; CAVALCANTI, Teresa. Jesus, a pecadora pública e o fariseu. In: BRANDÃO, M. (org.). *Teologia na ótica da mulher*. Rio de Janeiro: PUCRJ, 1990.p. 135-162.

<sup>289</sup> REIMER, Ivoni Richter. Maria nos evangelhos sinóticos: uma história que continua sendo escrita. *RIBLA*, Petrópolis, n. 46. p. 35-51, 2003.

<sup>290</sup> LEMOS, 2013, p. 210.

das religiões que impedem a ascensão e emancipação das mulheres e das minorias, criando uma cultura de dominação do macho. O conceito de patriarcado, segundo essas discussões, choca-se com os debates que envolvem as desigualdades sociais de gênero, já que se situa na diferença sexual, refletindo muitas vezes um determinismo que acaba por não dar conta das possíveis negociações, os câmbios de gênero e as práticas que destoam e que burlam as regras impostas.<sup>291</sup> Para Gebara, o único caminho para a mudança de mentalidade seria a desconstrução da própria noção de *Deus*.

O conceito básico de Deus no ocidente é monoteísta e transcendente, isto é, Deus está sobre a humanidade, tem vontade própria e atua na história como ELE. Torna-se um ser espiritual, separado do mundo, mas capaz de intervir nele se esse for o seu desejo. Ele é Deus, e esta afirmação é suficiente para que não nos atrevamos a questionar aquilo que se convém chamar seus desígnios. Ele é o guardião de certos comportamentos, e em suas mãos estão os juízos sobre as ações humanas. Exige amor e respeito e seu narcisismo parece inquestionável. As imagens mais frequentes na tradição popular estão marcadas por uma espécie de bipolaridade. Deus é superior e nós inferiores, ele pode e nós não podemos, ele sabe e nós não sabemos e assim sucessivamente [...] Proponho que detenhamos gradualmente o discurso sobre Deus e sobre Jesus como filho único de Deus e único salvador e afirmemos novamente o discurso sobre o humano, como única maneira concreta de transformação das estruturas sociais.<sup>292</sup>

Gebara escreve muito contra o patriarcalismo presente na Bíblia e introjetado na estrutura do cristianismo ocidental e sobre a necessidade e importância da desconstrução da teologia tradicional que se apoiou na base transcendental de um conceito de Deus e de Jesus completamente androcêntrico, heteronormativo e hierárquico. Propõe uma teologia ecofeminista que desconstrua a imagem masculina do sagrado e promova uma justiça de gênero longe das pretensões essencialistas e universalistas da Igreja tradicional.<sup>293</sup>

Apesar de a teologia feminista ser plural e contextual e de não quereremos tornar nossa leitura dos textos bíblicos e nem a teologia que fazemos como normativas em

<sup>291</sup> Cf. GEBARA, Ivone. Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.p. 6.

<sup>292</sup>“*El concepto básico de Dios en occidente es monoteísta y transcendente, esto es, Dios está sobre la humanidad, tiene voluntad propia y actúa en la Historia como ÉL. Se torna un ser espiritual, separado del mundo pero capaz de intervir en él si esse fuese su deseo. Él es Dios, y esta afirmación es suficiente para que no nos atrevamos a cuestionar aquello que se convino llamar sus desígnios. Él es el guardián de ciertos comportamientos, y en sus manos está el juicio sobre las acciones humanas. Exige amor e respeto y su narcisismo parece incuestionable. Las imágenes de Diós más frecuentes en la tradición popular están marcadas por una especie de bipolaridad. Dios es el superior y nosotros los inferiores, él puede y nosotros no podemos, él sabe y nosotros no sabemos y así sucesivamente[...]Propongo que detengamos gradualmente el discurso sobre Dios y sobre Jesús como hijo único de Dios y único salvador y afirmemos de nuevo el discurso sobre lo humano, como única posibilidad para actuar de manera concreta em la transformación de las estructuras sociales*” (tradução livre). GEBARA, Ivone. Entre los limites de la filosofía y la teología feminista. *Alternativas*, Manágua, a. 10, n. 26, jul./dez. 2004. p. 55-56.

<sup>293</sup> GEBARA, 2017, p. 93.

nossas Igrejas, nutrimos a esperança de que nossos esforços não serão em vão. Numa sociedade plural como a nossa, o mínimo que se pode exigir dos poderes eclesiásticos é que não excluam aquelas que vivem uma experiência de vida e de amor diferente das formuladas pelo Magistério eclesiástico. Nesse particular é interessante notar o quanto a instituição hierárquica é mais condescendente com os representantes da direita, ou seja, com aqueles que parecem não ameaçar a doutrina, mesmo que a vejam a partir de certos extremismos. Ela é capaz de dividir seu poder, fazer concessões, perdoar comportamentos considerados outrora como erros em relação à autoridade papal ou considerados atualmente como nefastos. Entretanto, quando se trata das mulheres, as regras do jogo são outras. Voltam os antigos medos de sair das hierarquias que dão segurança, voltam os medos primitivos da força de Eva e de seu poder criador, volta a competição de poderes. A guerra aqui é outra e o poder masculino não quer ceder ao maior privilégio: o de considerar-se a primeira imagem de Deus!<sup>294</sup>



---

<sup>294</sup> GEBARA, 2017, p. 98.

## CONCLUSÃO

O Pontificado do Papa Francisco ficou marcado por uma chamada abertura pastoral. Que o anúncio (kerigma) deve concentrar-se no essencial e a proposta evangélica deve ser simples, profunda e irradiante. Que as secretarias paroquiais não sejam uma alfândega de religiosos rigoristas que impedem o acesso aos sacramentos, como no caso das mães solteiras que querem batizar seus filhos e filhas. Que eucaristia não é um prêmio para os perfeitos, mas um remédio para os que necessitam recuperar suas forças. Que se uma pessoa é gay, ele, como Papa (e a Igreja Católica Romana) não tem a faculdade de emitir qualquer juízo. Que o conhecimento da verdade é progressivo, ou seja, não vê a doutrina da Igreja como um bloco monolítico a ser defendido, pelo contrário pode haver mudanças. Que um capitalismo desenfreado e a busca incessante do lucro são perniciosos para o ser humano.<sup>295</sup> Convidou a todos para uma Igreja em saída, do centro para as periferias existenciais, apresentando um pontificado que traz muito mais avanços que resistências.<sup>296</sup>

As resistências, porém, estão muito arraigadas na teologia e catecismo católicos. Vimos como a lei natural se torna verdade incontestável da doutrina e catequeses católicas em todos os Papas, inclusive em Francisco. Os católicos tendem a defender o caráter natural das relações sociais porque, para eles, a ideia de natureza ainda é um princípio estruturante. Na *Amoris Laetitia*, as relações familiares são idealizadas e quaisquer outras uniões que fujam ao ideal são consideradas uma chaga, um desvio ou um problema. Francisco foi o primeiro Papa, num documento oficial a condenar os Estudos de Gênero e usar o sintagma criado pelo Pe. Michael Shooyans e difundido pelo conservadorismo católico dos representantes da *Opus Dei* nas Conferências do Cairo e de Pequim chamado *ideologia de gênero*. Esse sintagma estigmatizava e caricaturava as propostas políticas emancipatórias dos Estudos de Gênero associando-as a movimentos e correntes de pensamento já malvistas pela Igreja católica conservadora como o existencialismo e o marxismo, criando uma polarização política com viés religioso, principalmente no Brasil, alguns países Latino-americanos e Estados Unidos.

Estudiosos do gênero, como a filósofa Judith Butler, foram acuados e até hostilizados quando tentavam explicar as teorias que defendiam numa verdadeira perseguição medieval de *caça às bruxas*, literalmente. A defesa da família tradicional estava em jogo. As figuras bíblicas foram invocadas como modelos a serem seguidos, como se na Bíblia houvesse alguma família perfeita, Leandro Karnal lembra o que disse Jesus ao mostrar que sua mãe e

<sup>295</sup> LIMA, 2015, p. 100-104.

<sup>296</sup> LIMA, 2016, p. 135.

seus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põe em prática (Lc 8,21): “O amor à família é um amor limitante, e o amor ao mundo um amor cristão. Só muito tempo depois, a Igreja transformou a família numa instituição de amor”<sup>297</sup>. Portanto, entre os cristãos, estamos longe de ter a relação com o gênero mais naturalista que seja.

Para Gebara, Francisco é mais do mesmo. Apesar de ganhar a pecha de progressista no âmbito da pastoral, o Papa carrega consigo toda a formação patriarcal que sustenta o machismo hierárquico da Igreja. Numa entrevista à Revista *Cult*, ela expõe sua opinião acerca da aproximação de Francisco aos homossexuais.

Ele [O Papa] pode ser progressista do ponto de vista da justiça social, da crítica ao capitalismo, mas é conservador no que se refere à compreensão antropológica do ser humano e à aceitação das reivindicações feministas na sociedade. É conservador também em assuntos de moral sexual, por mais que ele diga coisas como: ‘Quem sou eu para julgar um homossexual?’. Essa afirmação não prova abertura alguma, porque ele se retira do debate. A pergunta não é essa, a pergunta é qual tratamento vocês têm dado às mulheres que abortam, aos homossexuais, aos transexuais? O que vocês estão acolhendo daquilo que a sociedade humanista, se eu posso assim dizer, tem produzido? Eles não admitem Foucault, por exemplo, Deleuze, Zizek, Judith Butler. O papa diz que não existe uma teologia da mulher. Ele desconhece, por uma ignorância consentida, os estudos e movimentos teológicos feministas da Argentina, de onde ele mesmo veio. Ignora o feminismo como fenômeno sociocultural político e religioso, e é uma ignorância voluntária porque os jornais e revistas não escondem. Por que castigaram a mim e a tantas outras? Porque sabem que nós existimos.<sup>298</sup>

“A história do feminismo na sociedade e na Igreja é marcado por estigmas e paradoxos enormes”<sup>299</sup>. De fato a presença das mulheres na Igreja Católica Romana é subdimensionado, como uma espécie de prolongamento de seus lares. Responsáveis pela limpeza e arrumação. Afastadas das solenidades dos altares, praticamente proibidas de entrar nos espaços *sagrados*. A mesma submissão vivida em suas famílias é reproduzida nas sacristias e casas paroquiais. Isso, sim, denunciam os Estudos de Gênero, são uma verdadeira ideologia, a ideologia patriarcal que “reforçou as relações de dominação e justificou publicamente a superioridade dos corpos masculinos”<sup>300</sup>. Um movimento contra a misoginia nas religiões torna-se então uma prioridade e um imperativo.

Não podemos mais de antemão acolher significados pré-estabelecidos e nem aceitar que se manipule o mistério da vida, que denominamos Deus, a serviço de uma elite dominante que não apenas aparece como representante do poder espiritual, mas também do poder material. Nesse particular, creio que é importante lembrar que o

<sup>297</sup> KARNAL, Leandro. *Todos contra todos: o ódio nosso de cada dia*. Rio de Janeiro: LeYa, 2017, p. 87.

<sup>298</sup> GEBARA, Ivone. Uma rebelde no rebanho. [Entrevista concedida a] Amanda Massuela. *Cult*, São Paulo, 10 de mar. 2017. [n. p.]. [online].

<sup>299</sup> GEBARA, Ivone, 2017, p. 73.

<sup>300</sup> GEBARA, Ivone, 2017, p. 83.



catolicismo dos séculos XX e XXI é igualmente dominado por vários grupos leigos superpoderosos economicamente, como o Opus Dei, os quais têm força política suficiente para fazer valer seus interesses na direção dos destinos de um ou outro país. Hoje, mais do que em outros tempos, o clero, outrora todo poderoso, tem a sua imagem desgastada por causa da cumplicidade com políticos corruptos e por causa de uma sexualidade desviacionista que, a partir de seu poder, usa e abusa de crianças e adolescentes para seu próprio prazer.<sup>301</sup>

De fato, o catolicismo em tempos de Francisco deveria acolher os Estudos de Gênero até mesmo para entender e trabalhar psicologicamente o próprio clero que está em transformação. O padre jesuíta Donald Cozzens publicou há 20 anos um livro sobre a mutação que ocorreria no clero estadunidense.<sup>302</sup> Em sua pesquisa, Cozzens previa que os homossexuais comporiam a grande maioria do clero, apesar de todo o movimento e decretos eclesiais contra a homossexualidade. Ele alertava que era necessário ter uma abertura nos seminários para que o candidato ao presbiterado católico pudesse falar abertamente sobre a própria sexualidade sem medo de represálias ou de não ser ordenado. No Brasil, o professor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, o psicólogo e professor William César Castilho, também empreendeu um rigoroso trabalho de pesquisa sobre o comportamento dos presbíteros, principalmente o comportamento sexual que permite muitas vezes o abuso sexual de crianças e adolescentes<sup>303</sup> como fetichismo religioso perverso<sup>304</sup>. Também Castilho destaca, em sua pesquisa, a misoginia presente no catolicismo. Conta o relato de três religiosas que, funcionárias de uma Diocese, recebem 1 salário-mínimo e meio cada uma, trabalham de graça nas pastorais, porém têm despesas de aluguel, comida, roupa lavada, impostos públicos e condução, enquanto o pároco recebe 4 salários-mínimos e está livre de despesas com casa, comida, carro, impostos públicos e *empregada doméstica*.<sup>305</sup>

As mulheres perfazem a maioria das pessoas religiosas no panorama atual do mundo. A vida consagrada é majoritariamente feminina. De cada 100 pessoas consagradas, aproximadamente 80 continuam sendo mulheres e 20 são homens. Além disso, o número de mulheres que participam das paróquias na celebração eucarística, nos conselhos e pastorais é infinitamente maior do que o dos homens [...] paradoxalmente, a instituição Igreja Católica continua sendo misógina. Tem

<sup>301</sup> GEBARA, Ivone, 2017, p. 95.

<sup>302</sup> COZZENS, Donald B. *A face mutante do sacerdócio: reflexão sobre a crise de alma do sacerdote*. São Paulo, Loyola, 2001, p. 189.

<sup>303</sup> A última pesquisa, em abril de 2011, divulgada pelo Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo, revela que 88% das crianças abusadas sexualmente foram molestadas por pessoas da própria família, pai, padrasto, tios e primos. O restante é: vizinhos 9% e agressores desconhecidos 3%. A maioria das vítimas é do sexo feminino e tem menos de 10 anos de idade. Isso cai por terra a simples equação de que todo abusador é homossexual, ou seja, de que a homossexualidade se enquadra na nosologia das perversões. PEREIRA, William César Castilho. *Sofrimento psíquico dos presbíteros: dor institucional*. 4. ed. Petrópolis: Vozes; Belo Horizonte: PUC Minas, 2013. p. 315.

<sup>304</sup> PEREIRA, 2013, p. 317-318.

<sup>305</sup> PEREIRA, 2013, p. 344.

horror ao feminino. É demasiadamente fálica. Há desavenças interpessoais entre religiosos e religiosas, distâncias salariais e diferenças de status e prestígio e valorização entre ambos. Há competições entre padres e leigas e, principalmente, com as religiosas.<sup>306</sup>

“Para a Igreja, a fragilização do modelo tradicional de família sobre o qual se assenta o edifício mais que milenar de sua institucionalidade soa como o alarme que anuncia a sua própria fragilização”<sup>307</sup>. O Papa Francisco, na *Amoris Laetitia*, mantém o dispositivo familiar nuclear: marido, esposa e filhos – unidos e gerados a partir do matrimônio cristão – e continua a exaltar as virtudes masculinas e femininas tal como concebidas culturalmente, porém com um discurso essencialista e natural, tendo sua união exclusiva através do sacramento do matrimônio e sua vocação para a geração de prole, tendo o homem como o mantenedor da família e a mulher como geradora, mãe e cuidadora.

Deus coloca o pai na família, para que, com as características preciosas da sua masculinidade, esteja próximo da esposa para compartilhar tudo, alegrias e dores, dificuldades e esperanças. E esteja próximo dos filhos no seu crescimento: quando brincam e quando se aplicam, quando estão descontraídos e quando se sentem angustiados, quando se exprimem e quando permanecem calados, quando ousam e quando têm medo, quando dão um passo errado e quando voltam a encontrar o caminho; pai presente, sempre [...] É verdade que não podemos separar o que é masculino e feminino da obra criada por Deus, que é anterior a todas as nossas decisões e experiências e na qual existem elementos biológicos que é impossível ignorar. Mas também é verdade que o masculino e o feminino não são qualquer coisa de rígido. Por isso é possível, por exemplo, que o modo de ser masculino do marido possa adaptar-se de maneira flexível à condição laboral da esposa.<sup>308</sup>

As mulheres não podem seguir sendo vistas, apreciadas e respeitadas em função de sua maternidade ou de seu cuidado e os homens não devem mais ser medidos por uma masculinidade que seja sinônima de força, provisão e trabalho. Ambos devem poder ter a liberdade de autodeterminar-se. Nesse sentido, masculino e feminino não são categorias fixas – isso nos permitiu vislumbrar os Estudos Feministas e de Gênero – devem permitir mudanças. Mudanças que não devem ser sinônimas de desigualdades e sofrimentos. Deve ser um direito de ser e de existir. Deve ser baseada no *evangelho da vida* que exige respeito e amor, livres de quaisquer preconceitos.<sup>309</sup>

<sup>306</sup> PEREIRA, 2013, p. 343-344.

<sup>307</sup> ROSADO-NUNES, 2015. p. 1254.

<sup>308</sup> FRANCISCO, 2016, [n. p.].

<sup>309</sup> MENA-LOPEZ, Maricel; ARISTIZABAL, Fidel Mauricio Ramírez. Las falacias discursivas en torno a la ideología de género. *Exaequo*, Lisboa, n. 37, p. 19-31, jun. 2018. p. 29-30.

No conto *O grande Inquisidor*, na obra *Os Irmãos Karamazov*<sup>310</sup>, o velho inquisidor espanhol tem um diálogo muito interessante com Jesus. Diz que a liberdade que ele deu para que o ser humano pudesse amá-lo foi a mesma que o fez recusá-lo. É uma metáfora da Igreja perseguidora, que excluiu por completo o Evangelho de Jesus e decidiu pelos presentes do tentador no deserto: ter, poder e sujeição - milagre, autoridade e mistério – Lc 4, 1-13. A Igreja Católica Romana tinha vencido por ter ignorado o essencial da mensagem de Jesus e criado um mecanismo institucional para milhões.<sup>311</sup> Ainda cabe a pergunta, por que as questões sexuais são tão incômodas para o catolicismo? Talvez porque a Igreja Católica Romana necessite organizar a própria reprodução social e ideológica no controle dos corpos e das consciências individuais, porém, no âmbito privado, justamente por tê-lo perdido no espaço público, nos Estados laicos e democráticos.

Então, é um mistério, incompreensível para nós, e teremos o direito de pregá-lo aos homens, de ensinar que não é a livre decisão dos corações nem o amor que importam, mas o mistério, ao qual devem eles submeter-se cegamente, mesmo malgrado sua consciência. É o que temos feito. Corrigimos tua obra baseando-a no milagre, no mistério, na autoridade.<sup>312</sup>

Quando ao autor deste opúsculo era noviço salesiano em Minas Gerais, participou de um encontro intercongregacional de noviços e noviças, chamado Novinter. Num desses encontros, viu uma preparação do ambiente de missa completamente diferente do que era acostumado em sua Congregação Religiosa, com o altar muito florido e repleto de toalhas coloridas, com muitas candeias acesas, cheiro de incenso perfumado e uma liturgia que incluía até abraços e dança. Isso contrastava com as missas em sua casa, onde a homilia, ou seja, a pregação da palavra era mais importante que os outros símbolos rituais. Ao relatar sua experiência dessa missa diferente, um dos formadores – padre obviamente – logo sentenciou: *Isso é coisa de freira!* Hoje, o autor é presbítero – padre – de uma das mais hierárquicas e antigas instituições, a Igreja Católica Romana, e percebe o quão afastadas estão as mulheres do governo e de quaisquer processos decisórios dela. Mesmo as religiosas encontram dificuldades em se autoafirmar sem o respaldo do masculino. Esta frase do seu formador foi uma provocação para esta dissertação. Compreender como a Igreja Católica Romana, por meio de sua hierarquia, consegue formar, moldar (manipular) opiniões na direção de salvaguarda dos seus interesses, principalmente do magistério eclesiástico e da tradição

<sup>310</sup> DOSTOIÉVSKY, Fiódor. *Os irmãos Karamazov*. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

<sup>311</sup> KARNAL, Leandro. *Pecar e perdoar*; Deus e o homem na história. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa dos Livros, 2017, p. 30.

<sup>312</sup> DOSTOIÉVSKY, 1970, p. 270.

conservadora, como aconteceu com a criação e disseminação de um sintagma *ideologia de gênero* e a percepção de o quanto as mulheres e todos os outros gêneros constituem uma questão em aberto para o catolicismo.

A aplicabilidade profissional dessa pesquisa situa-se na compreensão da importância de se discutir os Estudos de Gênero no interior da catequese, dos círculos bíblicos, nos conselhos e nas pastorais da Igreja Católica Romana, desde sua forma mais micro (como as comunidades eclesiais de base) até as instâncias mais hierárquicas (Conferências Episcopais e Dicastérios Vaticanos), para minimizar e até mesmo transformar os efeitos nefastos do machismo hierárquico eclesial que sufoca a força do feminino e outras formas de gênero que tentam somente compreender o ser humano e garantir os seus direitos democráticos, favorecendo uma justiça social, tão cara à pastoral da mesma Igreja Católica Romana.



## REFERÊNCIAS

AGRA, Grace Terra Santos; CARVALHO, Magda Wacemberg Pereira Lima; AZEVEDO, Nadia Pereira Gonçalves. Análise discursiva das formações ideológicas nas músicas de Cazuza. In: CONGRESO INTERNACIONAL ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE AMÉRICA LATINA, (ALFAL), XVII, 2014, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: ALFAL, 2014. p. 1609-1618. Disponível em: <http://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R0532-1.pdf>. Acesso em 29 ago. 2020.

ALMEIDA, Ronaldo de. A onda quebrada - evangélicos e conservadorismo. *Cad. Pagu*, [s.l.], n. 50, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n50/1809-4449-cpa-18094449201700500001.pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo?* São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. 4.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. Disponível em: <https://cdn.culturagenial.com/arquivos/etica-a-nicomaco.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2020.

ARISTÓTELES. *Física I e II*. Campinas: Unicamp, 2009.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. São Paulo: Loyola, 2002.

ARRUZIA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. *Feminismo para os 99%: um manifesto*. São Paulo: Boitempo, 2019.

ASSMANN, Selvino José. Estoicismo e helenização do cristianismo. *Revista de Ciências Humanas*. Santa Catarina, v. 11, n. 15, p. 24-38, 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/23812/21368>. Acesso em: 12 ago. 2020.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: A Experiência Vivida*. v. 1. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: Fatos e Mitos*. v. 1. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo II: a experiência vivida*. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BELTRAN, Pedro Calderan. Homem e mulher na família de amanhã. *Perspectiva Teológica*. v.7, n.13, p. 207-229, 1975. Disponível em: <http://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/2370/2636>. Acesso em: 11 ago. 20.

BENTO XVI, Papa. *Discurso do Papa Bento XVI à Cúria Romana na apresentação dos votos natalícios*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2012. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/december/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20121221\\_auguri-curia.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/december/documents/hf_ben-xvi_spe_20121221_auguri-curia.html). Acesso em 22 jul. 2018.

BERDEJO, Eduardo. *Papa denuncia: países influentes financiam a ideologia de gênero nas escolas*. In: ACIDIGITAL. 03 ago. 2016. Disponível em: <https://www.acidigital.com/noticias/papa-denuncia-paises-influentes-financiam-a-ideologia-de-genero-nas-escolas-85303>. Acesso em: 08 set. 2020.

BÍBLIA. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1991.

BINGEMER, Maria Clara Luchetti. *Ser mulher em tempos de Francisco*. [s.l.; s.n.]. 2014. Disponível em: <http://agape.usuarios.rdc.puc-rio.br/jb/sermulheremtemposdefrancisco.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2018.

BINGEMER, Maria Clara. As mulheres e o Rabi de Nazaré: ecos marianos. *Almanaque de Nossa Senhora Aparecida, Aparecida*, v. 1, p. 55-56, 2012.

BINGEMER, Maria Clara. *O segredo feminino do mistério: ensaio de teologia na ótica da mulher*. Petrópolis: Vozes, 1991.

BRANDÃO, Margarida Luiza. (org.). *Teologia na ótica da mulher*. Rio de Janeiro: PUCRJ, 1990.

BRASIL. [Plano Nacional de Educação (PNE)]. *Plano Nacional de Educação 2014-2024* [lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências], Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. Disponível em: <http://www.proec.ufpr.br/download/extensao/2016/creditacao/PNE%202014-2024.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2018.

BRASIL. Decreto nº 1.904, de 13 de maio de 1996 [institui o Programa Nacional de Direitos Humanos – PNDH]. *Diário Oficial da União*, seção 1, Brasília, 14 mai. 1996. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1996/decreto-1904-13-maio-1996-431671-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 08 set. 2020.

BRASIL. Decreto nº 4.229, de 13 de maio 2002 [dispõe sobre o Programa Nacional de Direitos Humanos - PNDH, instituído pelo Decreto nº 1.904, de 13 de maio de 1996, e dá outras providências]. *Diário Oficial da União*, seção 1, Brasília, 14 mai. 2002. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2002/decreto-4229-13-maio-2002-452043-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 08 set. 2020.

BRASIL. Projeto de lei nº 8.035, de 12 de dezembro de 2010 [aprova o Plano Nacional de Educação para o decênio 2011-2020 e dá outras providências]. Brasília. Disponível em: <https://goo.gl/LqluMz>. Acesso em: 08 set. 2020

BRIEND, Jacques. *Uma leitura do Pentateuco*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

BURGRAFF, Jutta. *¿Qué quiere decir gênero?em tuerno a nuevo modo de hablar*. San José: Ediciones Promesa, 2004. Disponível em: <https://repositorioinstitucional.ceu.es/handle/10637/3251>. Acesso em 28 ago. 2020.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam. Sapere Audi*, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 12-16, 2015. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1740575/mod\\_resource/content/2/BUTLER.%20Judith.%20Bodies%20that%20matter\\_introdu%C3%A7%C3%A3o%20em%20port.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1740575/mod_resource/content/2/BUTLER.%20Judith.%20Bodies%20that%20matter_introdu%C3%A7%C3%A3o%20em%20port.pdf). Acesso em: 02 set. 2020.

BUTLER, Judith. Judith Butler escreve sobre sua teoria de gênero e o ataque sofrido no Brasil. In: FOLHA DE S. PAULO. 19 nov. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/11/1936103-judith-butler-escreve-sobre-o-fantasma-do-genero-e-o-ataque-sofrido-no-brasil.shtml>. Acesso em: 16 nov. 2020.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANDIOTTO, Jaci de Fátima Souza. A teologia da criação na perspectiva das relações de gênero. *Estudos de religião*, v. 24, n. 39, p. 214-234, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/2246/2349>. Acesso em: 15 ago. 2019.

CARVALHO, Olavo de. *Olavo de Carvalho – marxismo cultural no Brasil*. [YouTube, 16 mar. 2016]. [s.l.]: Danilo Max, 2016. (9min 27s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3OfHc9iF6Y>. Acesso em: 08 set. 20.

CATECISMO da Igreja Católica: edição típica vaticana. São Paulo: Loyola, 2000.

CAVALCANTI, Teresa. Fazendo teologia no feminino plural: a propósito do III Encontro Nacional de Teologia na perspectiva da mulher. *Perspectiva Teológica*, v. 20, n. 52, p. 359-370, 1988.

CAVALCANTI, Teresa. Jesus, a pecadora pública e o fariseu. In: BRANDÃO, M. (org.). *Teologia na ótica da mulher*. Rio de Janeiro: PUCRJ, 1990. p. 135-162.

CAVALCANTI, Teresa. O profetismo das mulheres no Antigo Testamento: perspectivas de atualização. *REB*, n. 46, p. 38-59, 1986.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia?* 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

CHRISTO NIHIL PRAEPONERE. *Sexo ou gênero?* 6 out. 2013. Disponível em: <https://padrepauloricardo.org/episodios/sexo-ou-genero>. Acesso em: 30 ago. 2018.

CÓDIGO de Direito Canônico. São Paulo: Loyola, 1983.

COELHO, Fernanda Marina Feitosa. Ideologia de gênero: os porquês e suas consequências no contexto do Plano Nacional de Educação Brasileiro 2014-2024. *Mandrágora*, v. 23, n. 2, 2017. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/MA/article/download/8377/6054>. Acesso em: 18 ago. 2018.

COELHO, Fernanda Marina Feitosa; SANTOS, Naira Pinheiro dos. A mobilização católica contra a “ideologia de gênero” nas tramitações do plano nacional de educação brasileiro. *Religare*, v. 13, n. 1, p. 27-48, jul. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/download/30798/16536/>. Acesso em: 18 ago. 2018.

COHEN, Stanley. *Folk Devils and Moral Panics: The Creation of Mods and Rockers*. London: MacGibbon & Kee, 1972.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PERUANA. *A ideologia de gênero: seus perigos e alcances*. Lima: [s.n.]. 2008. Disponível em: [https://img.cancaonova.com/noticias/pdf/281960\\_IdeologiaDeGenero\\_PerigosEAlcances\\_ConferenciaEpiscopalPeruana.pdf](https://img.cancaonova.com/noticias/pdf/281960_IdeologiaDeGenero_PerigosEAlcances_ConferenciaEpiscopalPeruana.pdf). Acesso em: 10 jun. 2018.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA [Site institucional]. *A propósito da ideologia de gênero*. 2013. Disponível em: <http://www.apostoladodaoracao.pt/conferencia-episcopal-aprova-carta-pastoral-sobre-ideologia-do-genero/>. Acesso em: 05 maio 2014.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *“Homem e mulher os criaram” para uma via de diálogo sobre a questão do “gender” na educação*. Vaticano: [s.n.]. 2019. Disponível em: [http://www.educatio.va/content/dam/cec/Documenti/19\\_1000\\_PORTOGHESE.pdf](http://www.educatio.va/content/dam/cec/Documenti/19_1000_PORTOGHESE.pdf). Acesso em: 26 ago. 2020.

CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. *Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: [https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/brasil\\_sem\\_homofobia.pdf](https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf). Acesso em: 08 set. 2020.

CONSTITUIÇÃO Pastoral *Gaudium Et Spes*: sobre a Igreja no mundo atual. In: VATICAN [Site institucional]. [s.d.]. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html#](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html#). Acesso em: 11 ago. 2020.

COSTA, Claudia de Lima. O leito de procusto: gênero, linguagem e as teorias feministas. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 2, p. 141-174, 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1715/1699>. Acesso em: 16 nov. 2020.

CUNHA, Magali do Nascimento. Construções imaginárias sobre a categoria “gênero” no contexto do conservadorismo político religioso do Brasil dos anos 2010. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 49, n. 2, p. 253-276, mai./ago. 2017. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/3752/3816>. Acesso em: 20 jul. 2018.

DEIFELT, Wanda. A luta continua: Interseccionalidade como Lente Epistemológica. *Coisas do Gênero*, v. 1, n. 1, p. 05-20, 2015. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero/article/view/2478S>. Acesso em: 17 dez. 2020.

DEIFELT, Wanda. Palavras e outras palavras: a teologia, as mulheres e o poder. *Estudos Teológicos*, v. 36, n. 1, p. 07-16, 1996. Disponível em: [http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/808/738](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/808/738). Acesso em: 17 dez. 2020.

DEIFELT, Wanda. Temas e metodologias da Teologia Feminista. In: SOTER (Org.). *Gênero e teologia: interpretações e perspectivas*. São Paulo/Belo Horizonte: Paulinas; Loyola; Soter, 2004. p. 171-186.

DEIFELT, Wanda. Temas y metodologias de la teologia feminista. *Teologia y gênero*. Alternativas. Manágua: Lascasiana. a. 10, n. 26, jul./dez. 2003,



DIAS, Ronie Gonçalves. *O inimigo do meu inimigo é meu amigo?* 2016. Disponível em: <https://roniegoncalvesdias.wordpress.com/2016/04/29/o-inimigo-do-meu-inimigo-e-meu-amigo-em-290416/>. Acesso em: 20 out. 2020.

DOMEZI, Maria Cecília. *Mulheres do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2016.

DONEDA, Perla Cabral Duarte. “As mulheres” nos documentos de João Paulo II: um modelo assimétrico ainda não superado. *Mandrágora*, v. 25, n. 1, p. 73-95, 2019. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/download/9500/6872>. Acesso em: 12 ago. 20.

DOSTOIÉVSKY, Fiódor. *Os irmãos Karamazov*. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ECCLESIAE. [Site institucional]. *Pe. Paulo Ricardo*: biografia. [s.d.]. Disponível em: [https://ecclesiae.com.br/index.php?route=product/author&author\\_id=217](https://ecclesiae.com.br/index.php?route=product/author&author_id=217). Acesso em: 21 out. 2020.

EVERT, Jason. *Teologia do Corpo em uma hora*. São Paulo, Paulinas, 2019.

FERREIRA, Paula. A nova família. In: REVISTA ÉPOCA, 23 dez. 2003. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT650852-1653,00.html>. Acesso em: 11 ago. 2020.

FIGUEIREDO, Eurídice. Desfazendo o gênero: a teoria queer de Judith Butler. *Criação & Crítica*, n. 20, p. 40-55, 2018. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/138143/139436>. Acesso em: 15 ago. 2019.

FIORINZA, Elisabeth Schussler. *Caminhos da sabedoria: uma introdução à interpretação bíblica feminista*. São Bernardo do Campo: Nhauduti, 2009.

FIRESTONE, Shulamit. *A dialética do sexo: um estudo da revolução feminista*. Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1976. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/24816864/dialectica-do-sexo-shulamith-firestone#pf4>. Acesso em: 17 nov. 2020.

FOLHA DE S. PAULO. *Manifestantes pró e contra Judith Butler protestam no Sesc Pompeia*. 2017. Disponível em: <http://folha.com/no1933437>. Acesso em: 01 set. 2020.

FONSECA, Pedro Carlos Lozada. Aportes da misoginia na tradição ocidental: de Aristóteles a São Tomás de Aquino, do paganismo ao cristianismo, a sempre derogada falência do feminino. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA (SILEL), II, 2011, Uberlândia. *Anais...* v. 2, Uberlândia: UDUFU, 2011. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/448.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2020.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 9.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo: Graal, 2005.

FRANCISCO, Papa. *Encontro com os Bispos Poloneses*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2016. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/july/documents/papa-francesco\\_20160727\\_polonia-vescovi.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/july/documents/papa-francesco_20160727_polonia-vescovi.html). Acesso em 26 ago. 2020.

FRANCISCO, Papa. *Audiência geral*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2015. Disponível em: [http://vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2015/documents/papa-francesco\\_20150415\\_udienza-generale.html](http://vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2015/documents/papa-francesco_20150415_udienza-generale.html). Acesso em: 08 set. 2020.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica “Evangelii Gaudium”*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2013. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html). Acesso em 27 ago. 2018.

FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica pós-sinodal “Amoris Laetitia”*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2016. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20160319\\_amoris-laetitia\\_po.pdf](http://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia_po.pdf). Acesso em: 01 jun. 2018.

FRANCISCO, Papa. *Lettera Apostolica in forma di “Motu Proprio”*: come una madre amorevole. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2016. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/it/apost\\_letters/documents/papa-francesco\\_lettera-ap\\_20160604\\_come-una-madre-amorevole.html](http://www.vatican.va/content/francesco/it/apost_letters/documents/papa-francesco_lettera-ap_20160604_come-una-madre-amorevole.html). Acesso em: 28 ago. 2018.

FRANCISCO, Papa. “Entrevista ao Papa Francisco”. [Entrevista concedida a] Pe. Antônio Spadaro. *L'Osservatore Romano*, Vaticano, [n.p.], 29 set. 2013. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco\\_20130921\\_intervista-spadaro.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130921_intervista-spadaro.html). Acesso em 20 jul. 2018.

FREIRE, Priscila. Ideologia de gênero e a política de educação no Brasil: exclusão e manipulação de um discurso heteronormativo. *Ex aequo*, n. 37, p. 33-46, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aeq/n37/n37a04.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2019.

GEBARA, Ivone. “A igreja solteira, masculina e hierárquica que fala à família”. [Entrevista concedida a] João Vítor Santos. In: *IHU Online*. São Leopoldo, [n.p.]. 17 abr. 2016. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/553756-a-igreja-solteira-masculina-e-hierarquica-que-fala-a-familia-entrevista-especial-com-ivone-gebara>. Acesso em: 19 jul. 2018.

GEBARA, Ivone. Entre los limites de la filosofía y la teología feminista. *Alternativas*, Manáguas, a. 10, n. 26, jul./dez. 2004.

GEBARA, Ivone. Epistemologia ecofeminista. *Mandrágora*, São Bernardo do Campo, a. 4, n. 6, p.18-27, 2000.

GEBARA, Ivone. *Filosofia Feminista: uma brevíssima introdução*. São Paulo: Terceira Via, 2017.

GEBARA, Ivone. *Mulheres, religião e poder: ensaios feministas*. São Paulo: Terceira Via, 2017.

GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. 2.ed. Petrópolis, Vozes, 2000.

GEBARA, Ivone. *Teologia ecofeminista: ensaio para repensar o conhecimento e a religião*. São Paulo: Olho d'água, 1997.

GEBARA, Ivone. *Teologia em ritmo de mulher*. São Paulo: Paulinas, 1994;

GEBARA, Ivone. Uma rebelde no rebanho. [Entrevista concedida a] Amanda Massuela. *Cult*, São Paulo, 10 de mar. 2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/uma-rebelde-no-rebanho/>. Acesso em: 17 dez. 2020.

GUARALDO, Olivia. Pensadoras de peso: o pensamento de Judith Butler e Adriana Cavarero. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v.15, n.3, p. 663-677, set./dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v15n3/a10v15n3.pdf>. Acesso em: 15 set. 2018.

HARAWAY, Donna. "Gênero" para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 22, p. 201-246, jan./jun. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n22/n22a09.pdf>. Acesso em: 06 set. 2020.

IHU online. [Site institucional]. *O gênero de Francisco*. 07 out. 2016. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/185-noticias/noticias-2016/560935-o-genero-de-francisco>. Acesso em 08 set. 2020.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Apostólica "Mulieris Dignitatem" sobre a dignidade e vocação da mulher*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1988. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_letters/1988/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_19880815\\_mulieris-dignitatem.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1988/documents/hf_jp-ii_apl_19880815_mulieris-dignitatem.html). Acesso em 13 ago. 2020.

JOÃO XXIII, Papa. *Carta Encíclica "Pacem in terris"*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1963. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_j-xxiii\\_enc\\_11041963\\_pacem.html](http://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_11041963_pacem.html). Acesso em: 12 ago. 2020.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A invenção da "ideologia de gênero": a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. *Revista psicologia política*, São Paulo, v. 18, n. 43, p. 449-502, set./dez. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v18n43/v18n43a04.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2020.

KARNAL, Leandro. *Pecar e perdoar; Deus e o homem na história*. 2.ed. Rio de Janeiro: Casa dos Livros, 2017.

KARNAL, Leandro. *Todos contra todos: o ódio nosso de cada dia*. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

KRAMER, Heinrich; SPRENGLER, James. *Malleus Maleficarum: o martelo das feiticeiras*. 1.ed. Rio de Janeiro: LeLivros, 2015.

LARHRA [Site institucional]. *Anthony Favier*. [s.d.]. Disponível em: <http://larhra.ish-lyon.cnrs.fr/membre/181>. Acesso em: 18 ago. 2018.

LATOURELLE, René. Querigma. In: LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino. *Dicionário de teologia fundamental*. Petrópolis: Vozes, 1994.

LEMONS, Carolina Teles. Mística feminina: interfaces entre místicas religiosas e místicas seculares. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 10, n. 27, p. 804-830, jul./set. 2012. Disponível em: [faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1349/1741](http://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1349/1741). Acesso em; 26 nov. 2020.

LEMOS, Carolina Teles. Religião e Patriarcado. Elementos estruturantes das concepções e relações de gênero. *Caminhos*, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 201-217, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/download/2795/1709>. Acesso em: 26 nov. 2020.

LIMA, Luís Corrêa. Estudos de gênero versus ideologia: desafios da teologia. *Mandrágora*, v. 21, n. 2, p. 89-112, 2015. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/download/6117/5074>. Acesso em: 18 jun. 2018.

LIMA, Luís Corrêa. Os LGBT e o pontificado de Francisco. *Perspectiva teológica*, Belo Horizonte, v. 48, n. 1, p. 117-143, 2016. Disponível em: <https://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/3481/3588>. Acesso em: 19 jul. 2018.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. *Rev. Estud. Fem.* v. 9, n. 2, p. 541-553, jun./dez. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2020.

MACHADO, Maria das Dores Campos. O discurso cristão sobre a “ideologia de gênero”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 26, n. 2, p. 1-18, ago. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/47463/37122>. Acesso em: 08 set. 2020.

MARTINS, Ana Paula Antunes. O Sujeito "nas ondas" do Feminismo e o lugar do corpo na contemporaneidade. *Revista Café com Sociologia*, v. 4, n. 1, p. 231-245, 2015. Disponível em: <https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/443>. Acesso em: 12 nov. 2020.

MARX, Karl; ENGELS, Frederick. *A Ideologia alemã*. [S.l.]: Ridendo Castigat Mores, 1999. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/ideologiaalema.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2018.

MATOS, Henrique Cristiano José de. *Introdução à história da Igreja*. Belo Horizonte: O Lutador, 1987.

MENA-LOPEZ, Maricel; ARISTIZABAL, Fidel Mauricio Ramírez. Las falacias discursivas en torno a la ideología de género. *Exaequo*, Lisboa, n. 37, p. 19-31, jun. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aeq/n37/n37a03.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2018.

MISKOLCI, Richard. A teoria queer e a sociologia. *Sociologia*. Porto Alegre, a. 11, n. 21, p. 150-182, jun./jul. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2020.

MOURA, Fernando. *A FARSA da ideologia de gênero*. [YouTube, 28 out. 2017]. [S.l.]: Nando Moura, 2017. (1min 29s). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=7jyereeXn2A&t=587s&ab\\_channel=NandoMoura](https://www.youtube.com/watch?v=7jyereeXn2A&t=587s&ab_channel=NandoMoura). Acesso em: 01 set. 2020.

MUSSKOPF, André Sidnei. Quando sexo, gênero e sexualidade se encontram: reflexões sobre as pesquisas de gênero e sua relação com a Teoria Queer a partir da teologia. *História Unisinos*. São Leopoldo, v. 9, n. 3, p. 184-189, set./dez. 2005. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/6428/3571>. Acesso em 15 jan 2020.

MUSSKOPF, André Sidnei. *Via(da)gens teológicas: itinerários para uma teologia queer no Brasil*. São Leopoldo: EST/PPG, 2008.

NEUNFELDT, Elaine. Hermenêutica Feminista e de Gênero. *A palavra na vida*, São Leopoldo, n. 155/156, p. 5, 2000; NEUNFELDT, Elaine Gleci. Inanna/Ishtar – uma deusa de simultâneas formas. *Mandrágora*, São Bernardo do Campo, a.11, n. 11, p. 57-63. 2005.

O'LEARY, Dale. *The gender agenda: redefining equality*. Vital Issues Press: Louisiana, 1997.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 10. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.

ORLANDI, Eni. *Terra à vista: discurso do confronto - velho e novo mundo*. São Paulo: Unicamp, 1990.

PACE, Vincenzo. Habemus Papam. Jorge Mario Bergoglio frente à crise sistêmica da Igreja uma, santa, católica e romana. *Estudos de Religião*, v. 27, n. 2, p. 141-158, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/download/4501/3772>. Acesso em: 13 ago. 2019.

PAULO VI, Papa. *Carta Encíclica “Humanae Vitae” sobre a regulação da natalidade*. [S.l.]: Libreria Editrice Vaticana, 1968. [n.p.]. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-vi\\_enc\\_25071968\\_humanae-vitae.html](http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_25071968_humanae-vitae.html). Acesso em: 13 ago. 2020.

PEETERS, Marguerite A. *O gênero: uma norma política e cultural mundial: ferramenta de discernimento*. São Paulo: Paulus, 2015.

PEETERS, Marguerite. Revolução de Gênero: três mitos a desmascarar. *IHU online*, São Leopoldo, [n.p.]. 07 de mar. 2014. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/528940-revolucao-de-genero-tres-mitos-a-desmascarar-artigo-de-marguerite-peeters>. Acesso em: 04 nov. 2020.

PEREIRA, William César Castilho. *Sufrimento psíquico dos presbíteros: dor institucional*. 4. ed. Petrópolis: Vozes; Belo Horizonte: PUC Minas, 2013.

PEREZ, Olivia; RICOLDI, Arlene. A quarta onda do feminismo? Reflexões sobre movimentos feministas contemporâneos *In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, XLII, 2018, Caxambu. Anais...* Caxambu: ANPOCS, 2018. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/42-encontro-anual-da-anpocs/gt-31/gt08-27/11177-a-quarta-onda-do-feminismo-reflexoes-sobre-movimentos-feministas-contemporaneos/file>. Acesso em: 12 nov. 2020.

PERINE, Marcelo. Filosofia e crítica das ideologias. *Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, v. 18, n. 52, p. 13-34, 1991. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/1647/1978>. Acesso em 18 ago. 2018.

PIEPER, Frederico. Sobre o conceito de religião. *In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (Org.). Religião e Linguagem: abordagens teóricas interdisciplinares*. São Paulo: Paulus, 2005. p. 373-412.

PIVA, Paulo Jonas de Lima. Ateísmo e comunismo: o lugar de Jean Meslier na filosofia política das luzes. *Cadernos de Ética e Filosofia Política* v. 7, n. 2, p. 99-107, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/praxis/363/Ateismo%20e%20comunismo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 21 out. 2020.

RABUSKE, A. E. *Antropologia filosófica*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

REIMER, Ivoni Richter. Maria nos evangelhos sinóticos: uma história que continua sendo escrita. *RIBLA*, Petrópolis, n. 46. p. 35-51, 2003.

RICARDO, Paulo. *A ideologia de gênero e o Estado totalitário*. [You Tube, 23 jun. 2015]. [S.l.]: Padre Paulo Ricardo, 2015. (9min 28s). Disponível em: <https://youtu.be/i2ec5IoGa2k>. Acesso em: 01 set. 2020.

RICARDO, Paulo. *Padre Paulo Ricardo explica o que está por trás da palavra "gênero"*. [You Tube, 10 ago. 2016]. [S.l.]: Traduções Católicas, 2016. (16min. 46s). Disponível em: <https://youtu.be/JEPVpIYdCGk>. Acesso em: 01 set. 2020.

ROCHA, Abdrushim Schaeffer. Entre o dizer e o não dizer: por uma epistemologia da revelação nos limites da linguagem. *Teoliterária*, São Paulo, v.8, n. 15, p. 92-121, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/download/37197/26002>. Acesso em: 18 ago. 2018.

ROCHA, Cássio Bruno Araújo. Um pequeno guia aos conceitos, aos pensamentos e à obra de Judith Butler. *Cadernos Pagu*. Campinas, n. 43, p. 507-516, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n43/0104-8333-cpa-43-0507.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2020.

RODRIGUES, Gregory. *A bíblia fora do armário*. Curitiba: Appris, 2018.

RODRIGUES, Julian. *Gênero, vai pra Cuba: a chamada ideologia de gênero e as disputas em torno do Plano Nacional e do Plano Municipal de Educação de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e Sociais) – Programa de Pós-graduação em Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do ABC, São Paulo, 2019.

ROMANCINI, Richard. Do “Kit Gay” ao “Monitor da Doutrinação”: a reação conservadora no Brasil. *Contracampo*, Niterói, v. 37, n. 02, p. 87-108, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/download/17628/pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.

ROSADO-NUNES, Maria José Fontenela. A “ideologia de gênero” na discussão do PNE: a intervenção da hierarquia católica. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 13, n. 39, p. 1237-1260, 2015. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2015v13n39p1237/8629>. Acesso em: 30 ago. 2018.

ROSADO-NUNES, Maria José Fontenelas; CARRANZA, Brenda Maribel. Fim de uma ordem: natureza, lei divina, feminismo. *Horizonte*, v.17, n.53, p. 936-964, mai./ago. 2019. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/20508/16472>. Acesso em 02 set. 2020.

RUBIN, Gayle. *O tráfico de mulheres: notas sobre a economia política do sexo*. Recife: S.O.S. Corpo, 1993. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/1919/OTraficoDeMulheres.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 14 nov. 2020.

RUBIN, Gayle. *Pensando o Sexo: notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade*. Florianópolis: UFSC, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/1582/gaylerubin.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 08 set. 2020.

SANTO AGOSTINHO. *Comentário ao Gênesis*. Livro III, Capítulo XXII. São Paulo: Paulus, [s.d.]. Disponível em: <https://catolicotridentino.files.wordpress.com/2017/11/patrc3adstica-vol-21-comentc3a1rio-ao-genesis-santo-agostinho.pdf>. Acesso em 12 ago. 2020.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura?* 16.ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SANTOS, Naira Pinheiro dos; COELHO, Fernanda Maria Feitosa. A mobilização católica contra a “ideologia de gênero” nas tramitações do plano nacional de educação brasileiro. *Religare*, Paraíba, v. 13, n.1, p. 27-48, 2016. Disponível em <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/religare/article/view/30798/16536>. Acesso em: 31 ago. 2018

SCHOOYANS, Michel. *O Evangelho perante a desordem mundial*. Grifo: Lisboa, 2000.

SCOTT, Joan W. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaorealidade/article/download/71721/40667>. Acesso em: 20 ago. 2018.

SCOTT, Joan W. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. 2. ed. Recife: S.O.S. Corpo, 1995. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1737847/mod\\_resource/content/1/Scott\\_g%C3%AAnero%20uma%20categoria%20%C3%BAtil%20pa%20a%20an%C3%A1lise%20hist%C3%B3rica.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1737847/mod_resource/content/1/Scott_g%C3%AAnero%20uma%20categoria%20%C3%BAtil%20pa%20a%20an%C3%A1lise%20hist%C3%B3rica.pdf). Acesso em: 31 ago. 2018.

SELONG, Gabriel. *Curiosidades da Patrística*. Vitória: IFTAV, 2006.

SILVEIRA, Emerson José Sena. Padres conservadores em armas: o discurso público da guerra cultural entre católicos. *Reflexão*. Campinas, v. 43, n. 2, p. 289-309, jul./dez. 2018. Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reflexao/article/download/4336/2778>. Acesso em: 29 dez. 2020.

SÍNODO DOS BISPOS. *Desafios pastorais da família no contexto da evangelização: instrumentumlaboris*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2014. Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/synod/documents/rc\\_synod\\_doc\\_20140626\\_instrumentu-m-laboris-familia\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20140626_instrumentu-m-laboris-familia_po.html). Acesso em: 19 jul. 2018.

SIQUEIRA, Silvia Márcia Alves. Instruir as mulheres: admoestação à modéstia do De cultu feminarum de Tertuliano. *Acta Scientiarum Education*. Maringá, v.33, n.2. p. 183-190, 2011. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/14512/pdf>. Acesso em: 13 ago. 2020.

SOMMERS, Christina Hoff. *Who stole feminism?: how woman have betrayed woman*. New York: SIMON & SCHUSTER, 1994. Disponível em: <https://archive.org/details/ChristinaHoffSommersWhoStoleFeminismHowWomenHaveBetrayedWomen1994SimonSchuster/page/n7/mode/2up>. Acesso em: 21 out. 2020.

SOUZA, Marcelo de Barros. *Nossos pais nos contaram: nova leitura da história sagrada*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

SOUZA, Ney de; GOMES, Edgar da Silva. Os Papas do Vaticano II e o diálogo com a sociedade contemporânea. *Teocomunicação*, v. 44, n. 1, p. 5-27, 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/18264/11689>. Acesso em: 29 ago. 2018

SOUZA, Sandra Duarte de. “Não à ideologia de gênero!” A produção religiosa da violência de gênero na política brasileira. *Estudos de Religião*. v.28, n.2, p. 188-204, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/download/5454/4485>. Acesso em: 02 set. 2020.

SPIZZIRRI, Giancarlo; PEREIRA, Carla Maria de Abreu; ABDO, Carmita Helena Najjar. O termo gênero e suas contextualizações. *Diagn Tratamento*, v. 19, n. 1, p. 42-44, 2014. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/1413-9979/2014/v19n1/a3969.pdf>. Acesso em: 06 out. 2020.

SUAIDEN, Silvana. Cuestiones contemporâneas de teologia: desafios bajo la óptica de gênero. *Teologia y género*. Alternativas. Manágua, a. 10, n. 26, jul./dez. 2003.

TABORDA, Francisco. Feminismo e teologia feminista no primeiro mundo: Breve panorâmica para uma primeira informação. *Perspectiva Teológica*, v. 22, n. 58, p. 311-337, set./out. 1990. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1349>. Acesso em: 24 nov. 2020.

TEMPESTA, Orani João. Reflexões sobre a “ideologia de gênero”. In: ARQRIO [Site institucional]. 25 mar. 2014. Disponível em: <http://arqrio.org/formacao/detalhes/386/reflexoes-sobre-a-ideologia-de-genero>. Acesso em: 09 set. 2020.

TEPEDINO, Ana Maria. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990.

TEPEDINO, Ana Maria. Jesus e a recuperação do ser humano mulher. *REB*, n. 48, p. 273-282, 1988.

TEPEDINO, Ana Maria. Las discípulas de Jesús. *Theologica Xaveriana*, Bogotá, v. 57, n.1, p. 185-191, 2007.

TERRA, Kenner Roger Cazotto. Teorias da linguagem e estudos do discurso: apontamentos metodológicos para uma análise do discurso religioso. *Horizonte*, v.16, n.51, p.1085-1106, set./dez. 2018. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2018v16n51p1085/14340>. Acesso em: 13 jan. 2020.

TOLDY, Teresa; HENRIQUES, Fernanda; UBIETA, Carmen Bernabé. A “ideologia de gênero” da Igreja Católica. *Exæquo*, Portugal, n. 37, p. 9-17, 2018. Disponível em: <https://exaequo.apem-estudos.org/files/2018-06/01.-carmen-bernab-ubieta-et-al.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2018

ULRICH, Claudete Beise. Teologia feminista da libertação e queer: uma contribuição para as resistências às existências. In: PEDRO, Joana Maria; ZANDONÁ, Jair (Org.). *Feminismos e democracia*. 2.ed. Belo Horizonte: Fino traço, 2019. p. 107-122. Disponível em: [https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/203494/Feminismos%20e%20democracia.%20vers%C3%A3o\\_EBOOK.pdf](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/203494/Feminismos%20e%20democracia.%20vers%C3%A3o_EBOOK.pdf). Acesso em: 16 nov. 2020.



VATICAN NEWS. [Site institucional]. *O Anuário Pontifício 2018 e o Annuarium Statisticum Ecclesiae*, Cidade do Vaticano, 17 de junho de 2018. [n.p.]. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2018-06/anuário-pontifício-2018-annuarium-statisticum-ecclesiae.html>. Acesso em: 29 ago. 2018.

VEIGA, Edison. O legado dos cinco primeiros anos de Francisco, o Papa que desceu do trono. *In: BBC NEWS BRASIL [Site institucional]*, São Paulo, 12 mar. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43339864>. Acesso em 30 abr. 2018.

VILELA, Fabrício; NUNES, Carolina Arantes e Silva; COSTA, Tatiane Helena da. Gênero, política e ensino de História. *In: SEMANA DE HISTÓRIA DO PONTAL, IV, ENCONTRO DE ENSINO DE HISTÓRIA, III, 2016, Ituiutaba. Anais....* Ituiutaba: Universidade Federal de Uberlândia, 2016. Disponível em: <http://www.eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/fabriciovilelacarolinenunestatianecosta.pdf>. Acesso em: 06 out. 2020.

